CHICO XAVIER

o santo dos nossos dias

R. A. RANIERI

**CHICO XAVIER —
O SANTO DOS
NOSSOS DIAS**

Constitui sempre um acontecimento editorial a publicação de mais um livro deste consagrado escritor espírita R. A. Ranieri — o digno Prefeito de Guaratinguetá e, também, Delegado de Polícia — que, apesar disto, já tem publicados dez livros, sendo este, portanto, o décimo primeiro.

Teve a nossa editora a honra e o privilégio de trazer à luz duas de suas importantes obras: "Forças Libertadoras" e "O Abismo", sendo esta última orientada pelo Espírito de André Luiz, como também o próximo lançamento de "O Sexo Além da Morte".

Eis que tem agora, a nossa editora o privilégio de publicar a 2.ª edição de CHICO XAVIER — O SANTO DOS NOSSOS DIAS, livro cheio de ricas explanações sobre a personalidade de um dos maiores médiuns psicográficos do mundo moderno — quiçá o maior, por certo que irá deliciar a todo bom leitor interes-

R. A. Ranieri

CHICO XAVIER

VOL. I

O Santo dos Nossos Dias

EDITÔRA ECO

Editora Eco

IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

Ilustração da capa
PAULO DE ABREU

1973

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

Livraria Editora Mandarino Ltda.
C.G.C. 34.026.245 — INSC. 396.286.00

RUA MARQUÊS DE POMBAL, 172 — CAIXA POSTAL 11 000 ZC-14 — Telefone: 221-5016 — RIO DE JANEIRO — GUANABARA

R. A. RANIERI

CHICO XAVIER

VOL. I

O Santo dos Nossos Dias

2.ª edição

EDITORA ECO

Obras Publicadas de R. A. Ranieri:

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS
FORÇAS LIBERTADORAS
O ABISMO
LUZ DA OUTRA ESFERA
ASSIM ESTAVA ESCRITO
EM DEFESA DA MEDIUNIDADE
JOÃO VERMELHO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS
HISTÓRIA DE CRISTO PARA AS CRIANÇAS
NO CASTELO DO EGO
NO PALÁCIO ENCANTADO DA MEDIUNIDADE
CHICO XAVIER — O SANTO DOS NOSSOS DIAS

A serem publicadas em breve:

O SEXO ALÉM DA MORTE
TEORIA E PRÁTICA DAS MATERIALIZAÇÕES
O REI DOS JUDEUS
CHICO XAVIER — 2, 3, 4 e 5
(Biografia em 5 partes)

ÍNDICE

Chico Xavier 13
O Parnaso 15
Dentro da Sepultura 20
Robespierre 22
Um Sonho e um Ideal 26
Voltei 30
Monteiro Lobato e o "Falando à Terra" 32
A Luz dos Teus Olhos 34
Ratos que Roem 37
Vendo os Espíritas Morrer 39
Emmanuel Visita Lívia 42
O Irmão Jucá 45
Mil e Quinhentos Anos Depois 49
O Perfume 56
Raio de Luz 59
Chico e Kardec 62
O Sono dos Pecadores 64
No Templo do Sexo 67
O Piano 69
Em 1969 72
As Grandes Reencarnações 75
O Gato Sávio 77
Festa de Natal 80
"Se Fosse um Homem de bem teria Morrido" 82
O Ladrão 83
Pregação do Fim do Mundo 85
Os Presentes 88
O Riacho da Saudade 90
Ante o Céu Estrelado 91
Cinco Mil Anos Depois 93
Aquêle que der a sua Vida Alcançará 96
O Rei dos Visigodos 97
O Professor 99

Apontamentos — O Planeta "Chupão" ... 102
A Prece ... 104
Casamento ... 106
Tentação ... 108
Nas Materializações ... 111
O Tempo da Justificação ... 115
Chico Xavier na Fraternidade ... 119
Tamerlão ... 124
A Noite de São Bartolomeu ... 126
Testemunho da Verdade ... 130
O Sacrifício de Getúlio Vargas ... 135
Nasceu uma Índia ... 138
Chico e a Morte ... 139
Bezerra ... 141
A Verdade ... 144
Pétalas de Rosas ... 146
O Homem de Petrópolis ... 147
Medicina e Música ... 149
O Tesouro ... 151
Música Moderna ... 153
Poeira de Estrelas ... 156
"Eu não Quero!" ... 158
Energia Irradiante ... 162
Paulo e Estevão ... 165

Eu ouvi as suas palavras
Eram como o ouro puro
E como as pérolas arrancadas do fundo do oceano.

De seus lábios,
Brotava a sabedoria dos tempos antigos

E o seu olhar perdido no Infinito
Falava da eternidade da vida.

Eu ouvi as suas palavras.

CHICO XAVIER

Tudo na vida dos grandes homens tem importância e interesse. Desde o nascimento até a morte, o que lhes aconteceu na infância, na juventude ou na velhice, o que fizeram e o que deixaram de fazer.

Um simples gesto, uma palavra, uma atitude... Tudo tem valor para quem lhes escreve a vida ou reproduz o seu pensamento.

Assim como o garimpeiro que sobe o rio e lança a sua bateia incansavelmente, também o escritor que mergulha em suas vidas busca, com profundo carinho, descobrir o ouro ou as pedras preciosas que estrelam as suas existências.

Nós, aqui, tratamos de uma das grandes figuras da humanidade; o mundo do porvir provará isso. Alguém que deseja passar humildemente por entre os homens.

Esta obra é apenas a quinta parte ou o quinto volume da biografia, que estamos escrevendo, de Francisco Cândido Xavier.

Conhecendo-lhe a vida pura e quase perfeita, iniciamos a tarefa árdua de reconstituí-la para que, no futuro, não venha a pairar qualquer dúvida a seu respeito.

Comum é que aqueles escritores, artistas ou santos, que não tiveram quem lhes traçasse a história enquanto viviam, mergulhem nas brumas da lenda.

Tantos são os aspectos interessantes da vida de Chico Xavier, que dividimos o trabalho em cinco partes.

Não seria possível, sem método, esboçar-lhe a existência ou, pelo menos, as atividades que fazem dele não só uma figura extraordinária do presente, mas, principalmente, um santo para o futuro.

Os volumes serão, de certa forma, independentes, e poderão ser publicados em separado.

Neste, buscamos reproduzir não só as histórias e os fatos ocorridos com o Chico, de natureza espiritual, mas, principalmente, as palavras espirituais que tem pronunciado.

Aquilo que ainda não se escreveu, nós procuramos escrever, certos de que não há nada mais interessante e útil para os leitores do que as palavras dos grandes homens quando estes são profetas.

As palavras dos profetas são palavras de vida eterna e de imortalidade.

Cada capítulo conta uma história ou mais, repete as suas palavras e tira uma lição para as nossas vidas.

Esperamos que os leitores sintam, como nós sentimos, a beleza do caminho que Chico Xavier vem traçando no mundo

O Parnaso

Quando Chico Xavier publicou o "Parnaso de Além-Túmulo" era uma criança — 17 anos apenas.

É natural que o caso produzisse grande sensação nos meios intelectuais de Belo Horizonte e, em seguida, no Brasil inteiro.

Uma criança, semi-analfabeta, caixeirinho de venda de interior, havia escrito um livro notável no qual retratava ou ressuscitava, com a mais absoluta perfeição os versos dos maiores poetas de nossa língua.

Agripino Grieco, o grande Agripino, haveria de identificar-lhe a fidelidade dos estilos e declararia, por escrito, que o Humberto era o mais perfeito Humberto e que Augusto dos Anjos havia renascido com todas as características do "Eu".

Houve um rebuliço nos meios intelectuais da capital de Minas. O livro foi citado, criticado, comentado. O caixeirinho de Pedro Leopoldo, de repente, pulou para as manchetes dos jornais e o Espiritismo veio à baila, repetido por todas as bocas.

Para os espíritos, o fato novo trouxe numerosas indagações, inclusive a de que aquilo poderia ou não, ser espíritos. Para os não espíritas permaneceu o impacto da *incredulidade expectante.* Não podiam acreditar que almas do outro mundo viessem se comunicar com os homens. A Igreja Católica lhes ensinara isso. Mas o estilo? O estilo gritante, forte, irrespondível?

Como fazer diante daquela cordilheira granítica que se levantava desassombradamente diante de seus olhos?

Os versos cadentes de Castro Alves, a poesia romântica e sentimental de Casimiro, a angústia sonora de Antero de Quental, a filosofia nebulosa de Augusto dos Anjos, a simplicidade fascinante de Antônio Nobre, a perfeição métrica de Auta de Souza, e toda aquela gama cromática de ritmos, sons e beleza que desfilavam do lápis mágico do moço Chico Xavier?

Não era fácil recusar e nem era simples aceitar. Aceitá-lo seria aceitar o Espiritismo inteiro. Recusá-lo seria recusar toda uma literatura luminosa e ressurgida das cinzas de um passado glorioso.

O menino ingênuo de Pedro Leopoldo passou a receber visitas de toda a parte do Brasil. Caravanas organizavam-se por todo o País, e o seu lápis mágico corria sobre o papel compondo páginas literárias, traçando receitas para os doentes, dando esperança aos corações desvalidos.

Foi quando alguns intelectuais se lembraram de levá-lo a S. Paulo.

Naquele tempo, como ainda hoje, São Paulo aparecia aos mineiros não só como a grande metrópole que é, mas até mesmo com o aspecto assustador de cidade-gigante cheia de mistérios e surprêsas. O mineiro quando pensava em viajar para São Paulo ou Rio, atàvicamente se recordava das longas e laboriosas viagens de Dom Pedro II, que levava meses, e sentia a angústia da ausência, embora temporária, de sua terra. O que não deveria sentir um moço pobre, desabituado a qualquer tipo de viagem, que nascera e vivera sempre numa terra humilde e também pobre como ele, que era Pedro Leopoldo?

No entanto, convidado, aceitou.

Foi lá dentro, pôs uma escova de dentes no bolso do terninho brim-cáqui, calças curtas no meio da canela e tamancos, e se foi com os homens estranhos que o levavam para uma terra estranha.

* * *

Em São Paulo, no burburinho da metrópole dominadora, abriu os olhos surpreendidos para os arranha-céus e para aquela gente toda que se movimentava como se tivesse de buscar algo, desesperadamente, e que ninguém sabe o que é. Aquele formigamento e aquela inquietação que fazem do paulista um homem sem tempo para viver.

O pobrezinho do Chico ia ser apresentado num teatro onde compareceriam 5.000 pessoas. Exibição pública do medianeiro, da ponte que ligava o Céu e a Terra.

Arrastado por aqueles que se fizeram seus cicerones, arrastava também os tamanquinhos humildes, na simplicidade das almas puras. Em sua honra, organizaram um almoço em grande estilo, e para isso convidaram figuras respeitáveis do mundo espírita e do mundo profano. Todos queriam vê-lo, queriam ouvir a sua voz, que era a voz da espiritualidade e queriam também, curiosamente, estudá-lo de perto. Ele era o homem que conversava com os mortos...

Na esteira do tempo, havia ele trazido de novo a vibração dos grandes poetas e dos grandes artistas.

Era natural que despertasse interesse.

Na casa de senhora respeitável e importante, viu-se o Chico à mesa enorme onde as baixelas de prata reluziam e os pesados talheres brilhavam garbosamente. O caixeirinho de Pedro Leopoldo, como era chamado, e que em toda a sua vida, conhecia apenas os *pratos de lata* e os garfos de pobre, tão usuais naqueles tempos em Minas, abria os olhos de espanto e sorria acanhado a cada palavra de estímulo. A dona da casa desmanchava-se em amabilidades e atenções, oferecendo-lhe de

tudo com insistência irretrucável. Chico sorria, agradecia e aceitava.

A alegria era geral. Falava-se afobadamente, comentava-se, referiam-se às qualidades do médium, re lembravam coisas...

De repente, entrou na sala uma frágil mocinha, de avental branco, conduzindo enorme travessa de comida. De um salto, Chico tomou-lhe a travessa das mãos. Houve um momento de espanto e de silêncio. A dona da casa correu célere para tomar a travessa.

— O que é isso, Chico?

— A coitadinha! Tão frágil! E nós aqui, homens fortes, vendo-a fazer tudo sozinha!

Houve uma ligeira luta com a travessa.

— O que é isso, meu filho? Ela ganha para fazer esse serviço!

Foi em vão porque o Chico levou a travessa para a mesa, onde os homens e as *mulheres fortes,* vendendo saúde, aguardavam qua a frágil mocinha lhes trouxesse o almoço.

Muitos anos mais tarde, em águas de Prata, aconteceria um caso semelhante com Monteiro Lobato. Passeando no bosque que margeia a cidade, em companhia de *amigos importantes,* Lobato viu um lavrador, também frágil, que arrastava uma árvore com dificuldade. quando seus amigos perceberam, já o grande escritor estava debaixo da árvore, com os galhos nas costas ajudando o homem a conduzi-la. Tocados por aquele sentimento de solidariedade, e, talvez em face do bucolismo da natureza ali, todos lhe imitaram o gesto e alegremente transportaram a árvore, ante os olhos atônitos do lavrador que pela primeira vez via gente importante trabalhar braçalmente. É o amor em forma de fraternidade.

* * *

O gesto do Chico, a princípio incompreendido, foi saudado depois com as gargalhadas daqueles que levaram a coisa à conta de simplicidade...

Chico esteve também no teatro, assustado, diante daquelas 5.000 pessoas que esperavam dele fenômenos extraordinários. Imaginem um rapaz quase menino 17 anos, enfrentando cinco mil pessoas! Um mineirinho vindo das terras longínquas de Pedro Leopoldo, acanhado e humilde, de terno de brim-cáqui surrado, de tamanquinhos, em frente a uma multidão ávida de sensacionalismo. Enfrentou-a apesar de tudo. E um dia nos disse que não tinha vontade de voltar mais a São Paulo...

Não cumpriu a promessa e hoje ama São Paulo.

* * *

Mas o almoço se desenrolava alegremente, e o mocinho tímido fazia a sua estréia num mundo diferente onde as luzes e a alegria dos ricos esfuziava numa verdadeira orgia de fraternidade.

Orgulhosa de ter em seu lar aquele menino maravilhoso e irradiando bondade de seu imenso coração, a anfitriã desdobrando-se em atenções, oferecia a cada momento um novo prato ao pobre Chico, insistindo para que se alimentasse.

— Isto é gostoso, meu filho! Coma! Coma! um pouco mais!

O coitado já não se agüentava, de tanto que comera. Se não aceitasse seria falta de caridade, pensava ele, alma iluminada pelas luzes do Paraíso. Era com sacrifício que ia engolindo tudo aquilo. E a cena se repetia:

— Coma um pouco mais! O que é isso, tão pouco?!...

E a cada momento via o prato que fora esvaziado com imenso sacrifício, encher-se repentinamente.

Já não agüentava mais. O que fazer? Não tinha outra saída. Depois de tudo aquilo, uma sobremesa fabulosa, que teve de repetir, com um sorriso constrangido e um engulho de tristeza. Finalmente terminou.

Levantou-se o pobrezinho da mesa com lentidão, sentindo-se mal, e ao sair da sala, abraçado pelos amigos, ouviu a voz da dona da casa que segredava baixinho a outra amiga:

— Esse Chico Xavier é formidável, muito bonzinho, mas puxa! Como come!

Dentro da Sepultura

O amor nasce no coração do homem e permanece para sempre, o amor verdadeiro...

Que há mais belo que o amor?

Nada. Tudo é árido, frio e triste fora do amor.

As raízes da vida estão no amor e infeliz daquele cujo coração é como ânfora vazia.

Os jardins da alma florescem quando amamos. Há vida e esperança.

Chico sempre amou, amou a todos com extremecida afeição, com carinho, com profunda simpatia humana.

A humanidade precisa mais de amor do que de pão.

* * *

Um dia, uma criatura a quem amava cristãmente suicidou-se, ingerindo soda cáustica.

Chico chorou. Chorou intensamente.

— Porque está chorando, Chico? — perguntou Emmanuel, aproximando-se de Chico. O que houve com você?

— Estou chorando porque Maria (1) morreu, suicidando-se. Que posso fazer senão chorar?

(1) Nome suposto.

— É, você não pode fazer nada mesmo, Chico, comentou sério Emmanuel. Nem eu. Temos que esperar.

Chico chorou mais.

— Não poderemos fazer nada por ela, coitadinha?

— Não, nada, a não ser orar —, esclareceu de novo o espírito.

Chico afligiu-se e implorou a Emmanuel que ajudasse a mulher.

— Nada podemos fazer, senão orar e esperar. Só o tempo pode ajudá-la.

Chico insistiu na rogativa. Desejava tanto ajudar aquela criatura! Era tão boa! Por que fizera aquilo?

— Emmanuel, ajudemos a pobrezinha!

Emmanuel tomou Chico pela mão e disse-lhe:

— Vamos fazer um passeio.

O espírito do Chico deixou o corpo e, desprendido, elevou-se com o instrutor no espaço. Para aonde iã?

Em breve, porém, verificou que chegavam ao cemitério.

— Vamos penetrar na terra — orientou Emmanuel.

Chico ficou ligeiramente preocupado mas obedeceu. Em alguns instantes atravessaram o terreno de uma sepultura como quem atravessa algodão doce.

Lá dentro, estava a mulher.

Chico contemplou-a mergulhada numa espécie de mingau em que se desfazia o vaso físico. Misturado naquela massa viscosa e pastosa, o espírito da mulher sobrenadava e, com as mãos, desesperadas, em forma de garras, — rasgava a própria garganta, que se desfazia em pedaços. Espantado e horrorizado, o médium, ajoelhou-se e chamou-a pelo nome, apelando para a sua consciência sofredora.

— Maria! Maria! Você me ouve? Estou aqui. Sou o seu amigo Chico que quer ajudá-la!

Emmanuel contemplava a cena, silencioso. A mulher nada respondeu e continuou rasgando as próprias carnes.

Chico insistiu:

— Sou eu, que quero ajudá-la! Ore comigo, peça a Jesus e ele nos auxiliará! A infeliz, no entanto, nada ouvia e desesperava-se no afã de, com as mãos, acalmar o desespero que em chamas lhe devorava a garganta. Insistiu mais.

Ela não o ouvia, nem os avistava. Nada. Era muda e muda para eles.

— Viu? — disse Emmanuel. Por ora, terá que ficar entregue a si mesma. Só o tempo pode ajudá-la. Nada podemos fazer.

Chico curvou a cabeça humildemente e seguiu o companheiro na viagem de volta através da terra porosa.

* * *

Deus estabeleceu as suas leis e através delas governa o Universo.

De nada nos adiantará rebelar-nos contra a ordem estabelecida. Nem tudo pode ser modificado, embora a "Oração do Justo" muito possa, como disse o apóstolo. Os gestos tresloucados exigem tempo para a corrigenda e o reequilíbrio. Ninguém foge ao império da lei. Há o amor e há o tempo.

Busquemos o amor e vivamos no tempo até que em nós se instale o Reino de Deus.

Robespierre

Lembramo-nos com saudade do grupo de trabalho espiritual, em Pedro Leopoldo, onde o Chico iniciou suas atividades. Casa pobre, simples, cheia de espiritualidade, cor-de-rosa desbotada, junto à residência do grande amigo.

Numa das primeiras vezes que o visitamos, ainda sob aquele encantamento que nos acompanha por toda a vida, durante o dia, ouvimos choro de uma criança. Não era a primeira vez que ouvíamos esse choro, aflito, angustioso, triste.

Chico percebeu-nos a preocupação porque disse com muita delicadeza:

— É um menino de quem eu cuido. Tem nove anos, mas está numa caminha, entrevado. Querem vê-lo? Chama-se Emmanuel.

Seguindo-lhe o gesto nós o acompanhamos.

A caminha do menino estava ao lado da porta que separava os dois cômodos, ali mesmo junto ao centro. Tudo de tijolos, na simplicidade da pobreza franciscana.

— A mãe é doente e não pode tratar do menino, acrescentou o Chico. Coube-me a tarefa de alimentá-lo e mantê-lo.

Aproximando-nos. Na pequena cama um verdadeiro monstro nos aguardava. O coitadinho era aleijado e não seria maior que uma criança de dois anos. Membros retorcidos, braços e pernas, fisionomia angustiada.

Nossa mente galopou pelo espaço, o coração confrangeu-se-nos no peito, e num relâmpago pensamos:

— Como pode uma criatura como o Chico, cheia de problemas da doutrina para resolver, trabalhar na repartição da qual é funcionário, além de orientar milhares de pessoas que o procuram diariamente? Como pode um homem como o Chico cuidar ainda desse infeliz? Sentimos que ali um grande drama se desenrolava.

* * *

Chico olhou-nos profundamente e esclareceu:

— Pois é, Ranieri, nosso amigo Emmanuel foi Ro-

bespierre, outrora, na França; governou o povo francês, no terror, e conquistou uma legião de inimigos. Como prova renasceu assim: aleijado, e nessas condições, torturado. Com ele acontece um fato interessante:

— Quando dorme e o seu espírito desprendido sai do corpo, aqueles a quem mandou matar na Revolução avançam contra ele, desesperados e o atacam. Aflito, aterrorizado, retorna ao corpo físico, onde se oculta, e desperta, deste lado, aos gritos.

Esse corpo deformado desse jeito é, ainda assim, uma fortaleza e um refúgio. No começo, eram centenas. Mas no correr dos anos, têm sido esclarecidos pelo espírito de Emmanuel e outros amigos espirituais. Agora, restam poucos. Quando esses inimigos não o atacam, ele então procura a mãe e a obsseda. Aí ela fica louca. Já esteve internada por isso.

Quando ele se afasta dela, a pobrezinha fica boa, volta ao normal.

Diz nosso Emmanuel que "quando essas últimas entidades inimigas forem doutrinadas" ele desencarnará.

Fitamos estarrecidos aquela criatura indefesa que ali estava. Poderoso tirano, que mandara milhares para a guilhotina, jazia agora, depois de quase dois séculos, num berço de enfermidade, sob o guante do desespero e da dor.

Diante de nossos olhos, momentâneamente fixados no passado, desfilaram as multidões que o seguiram e os amigos que ele mandara matar. "Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido" dissera o Mestre. "Não sairá de lá enquanto não pagar o último ceitil.

Na beleza de seu gesto, na bondade luminosa de sua alma, Chico ajudava aquela criatura a sair das trevas para a luz. Por que lhe teriam dado também o nome de Emmanuel? E por que Chico e o orgulhoso

senador romano, na esteira do tempo, ali estavam de mãos estendidas amparando-o no sofrimento e na recuperação? Quem seriam eles na França na mesma época? Ou quando se teriam encontrado noutras civilizações?

Nosso pensamento, como fantástico corcel, galopava nas nuvens de nossa memória.

Chico alisou mansamente a cabeça da criança, que se aquietou silenciosa como a ave implume sob as asas da mãe.

* * *

Algumas lições e conhecimentos novos se tirariam dessa passagem extraordinária.

O corpo humano aleijado, deformado, que nós contemplamos sempre com compaixão quando vemos algum infeliz na rua, é também uma "fortaleza". É o abrigo que protege o espírito culpado que na espiritualidade não teria onde se esconder, e que viverá perseguido pelas hordas de entidades enfurecidas, vítimas de outras épocas, e que tornariam sua existência insuportável. Deus, em Sua misericórdia, lhe concede, apesar de tudo, aquela fortaleza e aquele refúgio.

No entanto, embora perseguido, embora sofrendo, verificamos que nem isso aplacava a sua fúria, porque á menor oportunidade que lhe aparecia, buscava ele a própria mãe e a enlouquecia. Isso mostra a dureza de nossos corações, a incompreensão e a maldade que perduram através dos milênios.

Ninguém se reforma de um dia para o outro. Necessário é que o espírito renasça milhares de vezes até que se redima e encontre a luz para sempre.

* * *

Três ou quatro anos depois, tivemos a notícia de que o pequeno Emmanuel desencarnara, como previra o Grande Emmanuel.

Naquele ambiente do grupo de Pedro Leopoldo, no Luiz Gonzaga, recebera amor e carinho, e os seus perseguidores, sob as vibrações espirituais encontraram o esclarecimento e a paz a fim de retornarem, através da reencarnação, às lutas da Terra.

Um Sonho e um Ideal

Chico também tem os seus sonhos e tem os seus ideais. Se não os tivesse não seria homem.

Entre aqueles que de vez em quando deixavam as grandes capitais para visitá-lo estava Frederico Figner, o velho introdutor do fonógrafo e da lâmpada Edson no Brasil, proprietário da Casa Edson, aquela que, como símbolo, ostentava o cachorrinho preto e branco, ouvindo o fonógrafo, admiração e glória de nossos avós.

Certa ocasião, como sempre fazia, o velho Figner conversava com o Chico em Pedro Leopoldo. Aquelas longas conversas espirituais amigas, pois o velho amava muito ao Chico. Em determinado momento, Figner que era riquíssimo, perguntou ao grande médium:

— Chico, você deve ter um ideal, não é verdade? Eu gostaria de saber qual o seu verdadeiro sonho.

— Ideal, meu amigo? Meu ideal é viver o Evangelho de acordo com a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo e servir humildemente os homens.

— Está certo, está certo, esse é o seu ideal espiritual e é também o meu... Mas não é bem isso que eu quero saber. Alguma coisa aqui do nosso mundo mesmo, material, algum objetivo seu, que você gostaria de alcançar.

— Ora, meu caro, se dependesse de mim, eu gostaria de ter uma renda de trezentos mil réis mensais para que eu pudesse livre e despreocupado da vida material me dedicar ao Evangelho de Jesus e aos necessitados.

Figner ficou pensativo mas não disse mais nada.

Chico cuidou de outros assuntos e se esqueceu da história.

Na ampulheta misteriosa do tempo, os acontecimentos se sucederam, a vida mudou, e o médium Chico enfrentou outras situações e outras dificuldades.

O velho Figner continuou escrevendo suas crônicas num jornal do Rio, crônicas de combate ao Catolicismo e de defesa do Espiritismo.

Os seus milhões cresciam.

Não esqueceu, porém, a conversa daquele dia, com o amigo de Pedro Leopoldo.

A morte que tudo nivela materialmente veio também buscar Frederico Figner.

Tinha duas ou três filhas e lhes deixou em testamento trinta e cinco mil contos de réis, hoje trinta e cinco milhões de cruzeiros. E com surpresa geral deixou cem contos de réis para Chico Xavier, dizendo que deixara somente os cem contos porque se o Chico os colocasse a juros de tanto por cento dariam exatamente os trezentos mil réis mensais, para viver livre de quaisquer preocupações...

Última vontade do pai, as filhas que não eram espíritas, mas queriam cumprir as determinações paternas, autorizaram seu advogado a fazer um cheque e enviar ao Chico.

O pai de Chico, que era vendedor de bilhetes de loteria, naquele dia marcou uma reunião de família para resolver o caso do pagamento do imposto da casa em que moravam e que montava a oito mil réis... Ninguém

tinha dinheiro, lutavam com imensa dificuldade e imensa pobreza.

Feita a reunião, compareceu o Chico, o irmão e as irmãs.

— Meu pai, não sabemos como fazer! Não temos dinheiro para pagar os impostos.

— É, mas precisamos de dar um jeito, se não a casa vai à praça para pagar...

A situação era aflitiva. Todos se retiraram da reunião, e o Chico mais preocupado ainda porque se considerava o mais responsável. Fora ele que acabara de criar os irmãos e na realidade, há muitos anos era o verdadeiro chefe da casa.

Pensativo, meditava como haveriam de sair da situação aflitiva...

O correio, porém, lhe trouxe uma carta do advogado de Fred Figner.

Aberto o testamento, dizia a carta, verificou-se que o velho deixara trinta e cinco mil contos para as filhas e cem contos para o Chico.

Explicava ainda que Fred Figner fizera as contas e verificara que os cem contos colocados a juros no Banco dariam exatamente os trezentos mil réis que iriam dar ao Chico a vida que ele desejava... Ficaria livre para se dedicar ao Evangelho.

Chico abriu dois olhos de espanto e exclamou:

— Senhor! O que será que este dinheiro quer fazer comigo?

E não teve dúvidas, devolveu pelo correio, o cheque, esclarecendo, naquela sua bondade evangélica, que não era justo que Fred Figner na sua generosidade prejudicasse as filhas, retirando do patrimônio que por justiça lhes pertencia, aqueles cem contos de réis e os desse a ele, Chico...

* * *

Mais tarde, o médium encontrou o pai e falou de novo nos oito mil réis do pagamento do imposto.

— Eu? Eu não quero saber de nada! — respondeu o progenitor. Aqui há gente que anda recusando cem contos! Eu vou-me embora, vocês que se arranjem!...

* * *

Os cem contos, todavia voltaram.

Nova carta das filhas de Figner. Absolutamente, não receberiam o dinheiro que o pai deixara para o Chico. Faziam questão de cumprir a determinação do pai, embora fossem católicas. Ele deixara e elas cumpririam, de qualquer jeito, sua última vontade.

Chico compreendeu a decisão das moças mas não aceitou. Nova devolução. Nova carta. Finalmente, em face da resolução das filhas de Figner que afirmavam não receber o dinheiro de modo algum e que ficava à disposição do Chico, este escreveu-lhes que enviassem o dinheiro então para a Federação Espírita Brasileira com a finalidade de servir à difusão do livro espírita, coisa que Figner sempre amara e defendia com ardor.

Assim terminou a batalha do cheque de cem contos.

Mas ficou aquela expressão profunda:

— Meu Deus! O que é que esse dinheiro quer fazer comigo?

Alguns espíritos superiores têm-nos ensinado que a riqueza é uma prova mais dura que a pobreza. É a estrada larga da perdição. O dinheiro possibilita grandes tentações. Abre os caminhos do mundo à mente invigilante.

Quem tem dinheiro, dizem, tem tudo materialmente. Com isso, há aqueles que se perdem no turbi-

lhão da vida humana. Não basta ter boa intenção, é necessário que o homem seja protegido pela misericórdia de Deus. O poder do dinheiro ainda é muito grande. Infelizes daqueles que confiam no dinheiro como base de solução de todos os problemas. Os problemas morais não são resolvidos na base do dinheiro. Pelo contrário, o dinheiro entrava, às vezes, a solução dos problemas de ordem moral. Por isso, é comovente ver Chico com as mãos para o Alto exclamar piedosamente:

— Senhor, o que este dinheiro quer fazer de mim?!

Voltei

Frederico Figner havia prometido, quando na Terra, assim que desencarnasse, escrever aos seus amigos que ficassem, revelando as coisas do mundo espiritual.

Cronista espírita, que durante muitos anos combateu os padres e os inimigos da doutrina, não sabia, porém, que no plano espiritual há controle das comunicações quando o médium é missionário, evangelizado e disciplinado. Cria, em sua simplicidade, que era só morrer e manifestar-se.

Após o desencarne, logo que pôde, foi a Pedro Leopoldo e procurou o Chico.

Estava ansioso para transmitir tudo que vira e ouvira, mas Emmanuel se opos. Não não era possível.

Figner não disse, mas pensou, que André Luiz estava escrevendo livros sobre livros, que outros também estavam escrevendo todo o dia e que era um absurdo, que só ele, Figner, não pudesse contar tudo a respeito do que estava encontrando!

Lendo-lhe o pensamento, Emmanuel esclareceu que André Luiz se exercitou durante dois anos através de

Chico Xavier, antes que pudesse dar à publicidade qualquer coisa.

Figner saiu aborrecido, mas submeteu-se à disciplina de Emmanuel.

Mais tarde lhe foi permitido escrever o livro "Voltei".

Feliz com a tarefa, esperava ver o livro publicado com o seu nome, o que viria mostrar aos seus amigos o que havia no lado de lá, e seria também o cumprimento da promessa...

Mas isso não aconteceu.

Chico, orientado por Emmanuel, resolveu enviar os originais às filhas de Frederico Figner, aquelas mesmas que lhe mandaram os cem contos, e pedir-lhes permissão para publicar o livro com o nome de Fred Figner.

O grande médium já andava escaldado com o caso Humberto de Campos e talvez não se sentisse com coragem de ver outro problema criado com publicação de livro, já que a sua humildade e compreensão lhe ensinaram a evitar os choques tão prejudiciais à vida espiritual.

Receberam o livro, as filhas do cronista judeu, e ficaram revoltadas.

— Onde já se viu! Isso tudo é invenção do Chico Xavier! Não permitiremos que saia o nome de nosso pai! Vê lá se ele iria escrever isso e dizer essas coisas! Isso é invenção da cabeça do Chico! Não, não concordamos!

* * *

Chico recebeu a resposta, e o livro saiu com o nome de Irmão Jacó.

Frederico Figner ficou desapontado. Desejava tanto que os homens o aceitassem e recebessem como ele era, mas só pôde voltar ao mundo debaixo de um pseudônimo.

É claro que isso constitui prova para o espírito. Provavelmente, em encarnações passadas, desacreditou a verdade e lutou contra ela. Agora, volta mas os homens não o recebem.

Jesus falou coisa semelhante de João Batista.

— Como, pois, dizem, Senhor, que é preciso que antes do Messias venha Elias? — exclamou o apóstolo.

E o Mestre respondeu:

— Elias já veio, mas os homens não o aceitaram, e o apedrejaram e o mataram. João é o mesmo Elias que há de vir. Ele já veio mas os homens não o reconheceram.

Monteiro Lobato e o "Falando à Terra"

O problema da mediunidade é um problema difícil, por enquanto, de ser entendido.

Certa ocasião, afirmamos que em nossa opinião, apenas quatro ou cinco pessoas no Brasil, naquela época, entendiam um pouco de mediunidade e que mediunidade não era nada disso que os espíritas pensavam que era.

Citamos o caso do rádio e da televisão, através dos quais uma criatura fala vencendo distâncias imensuráveis, seja ela um simples artista ou o Presidente da República. Da mesma forma, através do rádio ou da televisão, qualquer pessoa, seja quem fôr, pobre ou rica, virtuosa ou ladra, pode ouvir o chefe da nação falar e reproduzir, se quiser, as suas palavras.

Supõe-se ou admite-se que um médium para ter intimidade com os santos ou com os espíritos mais elevados deva, também, ser de ordem superior ou elevada.

Assim, a verdade é que o assunto continua em estudo. Quando saiu a público o livro "Nos Dominios da

Mediunidade", de André Luiz, verificamos, com satisfação que as nossas teses estavam de acordo com o pensamento do grande espírito.

O fato é que o problema mediúnico continua desafiando a nossa boa vontade de estudar e compreender. Qualquer pronunciamento mais apressado e menos meditado em torno de mediunidade, em nosso modo de ver, pode estar errado ou menos certo.

Diríamos assim: "Mediunidade não é brincadeira, não." Estudemos bem.

A variedade do processo mediúnico é prodigiosa. Dois médiuns de psicografia nunca serão absolutamente iguais. E isso ocorrerá com todos os tipos de mediunidade. A base da mediunidade será sempre a *mente e o perispírito.* Como cada mente detém grau de evolução e cada perispírito está construído com os elementos mentais, verificaremos que não sendo os médiuns e as criaturas portadoras do mesmo grau de evolução, jamais serão os médiuns absolutamente iguais. Médium não é simples máquina, embora possa ser considerado e comparado, por analogia, a um rádio e a uma televisão.

Essa exposição toda veio à nossa mente a propósito das dificuldades das comunicações mediúnicas que ocorrem no plano espiritual. Para as comunicações através de médium missionário, espiritualisado, com tarefa verdadeira na Terra, há sempre o controle da Espiritualidade Superior. As mensagens não serão transmitidas de qualquer jeito, de qualquer maneira, sem obediência a um controle superior.

Às vezes os espíritos que pretendem transmitir sua palavra retornam aborrecidos e tristes por não terem atingido o seu objetivo. Vejamos o que ocorreu com nosso querido Monteiro Lobato.

Chico encontrou-se conosco e perguntou-nos naquela sua voz mansa e delicada:

— Uai, Ranieri! você não colocou no "João Vermelho" o nome do Lobato, por quê?

— Não coloquei porque o Altino achou melhor deixar assim mesmo. A coisa andava muito confusa lá por São Paulo, em torno do Lobato...

— É isso mesmo, Ranieri, confirmou o Chico. Olha, sabe você que o Lobato apareceu lá em Pedro Leopoldo, quando estávamos *recebendo* o "Falando à Terra" e desejava transmitir uma página para o livro? Emmanuel, no entanto, considerou inoportuna a transmissão da página. Disse ele que o Lobato estava muito comprometido na opinião pública da Terra... Por enquanto não era possível. Olha, Ranieri, o espírito do Lobato até chorou!

— E você, Chico, o que fez? Não intercedeu em favor dele?

— Eu? O que acha que eu poderia fazer? Você sabe como é Emmanuel... Não pude fazer nada mas fiquei muito triste. É lógico que o Lobato foi bem tratado e bem recebido, mas a página não.

Olhei o Chico bem nos olhos, segurei-lhe o braço meditativo, e mudamos de conversa.

A Luz dos Teus Olhos

O professor Cícero Pereira viveu como um paladino do Evangelho e morreu na humildade.

Eu me lembro bem dele, era meu amigo.

Chapéu de feltro, surrado, roupa escura, estatura mais para baixa do que mediana, de óculos, meditativo, bondade sem fim.

Morreu lutando como um grande lutador.

Seu pensamento era sempre evangélico, suas páginas publicadas nos últimos anos em "O Poder" eram lidas com carinho e interesse por todos.

Respeitado e amado.

Nós estávamos no Rio, quando um espírito amigo nos disse que o Cícero Pereira havia desencarnado.

Escrevemos um poema longo que não sabemos hoje onde foi parar.

Dias depois, veio a confirmação de sua morte.

Disseram os amigos que o enterro fora uma apoteose.

Alma pura, na hora de morrer, atraiu as outras almas.

* * *

Cícero Pereira que fora educador emérito, era portador de tanta humildade que não se julgava digno de andar em qualquer condução.

Nem de bonde. Sempre a pé. Atravessava a cidade com seu indefectível guarda-chuva, gastando as solas dos sapatos. Morava longe, no Bonfim, perto do cemitério.

Um dia, conversávamos com o Chico e veio à baila o Cicero Pereira.

— Olha, disse o Chico, ocorreu-me um fato interessante. Vocês se lembram, Cícero só andava a pé, naquela sua humildade. Pois aconteceu que um dia destes senti-me desprender do corpo e vi-me numa vasta extensão de nuvens, no plano espiritual. À distância, divisei enorme clarão de uma luz maravilhosa. Assombrado, não sabia o que fazer, quando vi que a luz se deslocava em minha direção. Quedei-me humilde e submisso diante daquele fato extraordinário. À aproximação, verifiquei que era uma espécie de liteira romana conduzida por quatro servos negros, de ébano. Dela se irradiava aquela catadupa de luz espiritual. Quando chegou perto, a cortina se abriu deli-

cadamente e eu vi o professor Cícero Pereira todo iluminado. Não me contive e exclamei:

— Professor, quanta luz!

E ele, com um sorriso manso nos lábios, respondeu:

— Chico, é a luz dos teus olhos!

* * *

A historieta ficou um momento bailando no ar. Embevecidos, ficamos olhando o Chico que nos contava o caso com aquela sua graça inimitável.

— Que coisa, hein, Ranieri?! — disse ele dando uma gostosa gargalhada. Você viu a humildade dele? *É a luz dos teus olhos...*

E nós compreendemos que o Chico vira nos planos espirituais uma situação que simbolicamente mostrava a hierarquia espiritual de Cícero Pereira, pois em Roma só os grandes dignitários e pessoas de posição eram carregados em liteira. O Cícero que andou sempre a pé, na suprema humildade, no outro mundo vinha carregado, envolvido num clarão de luz. E quando o Chico se espantou com a sua luz, transferiu imediatamente o patrimônio espiritual da luminosidade para o Chico, dizendo:

— Chico, *é a luz dos teus olhos!*

Belíssima prova de humildade, de desprendimento e de compreensão humana ou espiritual. Para não humilhar o Chico que o contemplava, deu outra direção ao seu poder espiritual.

Jesus ensinou-nos, também, que aquele que quisesse ser o maior no Reino de Deus que fosse o menor no Reino da Terra, porque os que se humilham serão exaltados e os que se exaltam serão humilhados.

Que saibamos, em todos os momentos de nossa vida, quando alguém nos exalte as qualidades sempre precárias em nosso mundo, que saibamos exclamar:

— Chico, *é a luz dos teus olhos!*

Ratos que Roem

O mundo espiritual ainda é mundo desconhecido, inexplorado, verdadeira selva ou país onde as forças tanto do bem como do mal reinam.

Pouco sabemos dele, mas que existem nele forças poderosas, existem.

E há certas coisas que não se podem contar. Causam espécie ou abrem os olhos da incredulidade.

Por outro lado, não se deve ocultar tudo.

Os iniciados sabem ou os estudiosos sabem, que os iniciados guardam conhecimentos que mantém irrevelados.

O silêncio em torno de certos fatos é, para o iniciado, fundamental.

Nem tudo pode chegar ao conhecimento do grande público. Jesus recomendava: "Quem tem ouvidos de ouvir que ouça". Com isto queria dizer que aqueles que já possuissem capacidade mental para compreender que compreendessem. Os outros que aguardassem o tempo e a marcha individual da evolução.

Dante mergulhou nos abismos infernais e assombrou o mundo com as descrições das regiões inferiores. Há na "Divina Comédia" passagens difíceis de serem aceitas pelos homens menos espiritualizados se não fossem recebidas como o foram, apenas como obra de arte, produto da inteligência de um grande poeta, fantasia de um cérebro privilegiado. Como verdade pouca gente aceitaria. Mas dizem que, em Ravena, quando

Dante passava nas ruas, as mulheres e os homens olhavam com pavor e respeito, porque sabiam que ele estivera no Inferno.

Na "Divina Comédia", encontramos as almas em formas animalescas, com o feitio de árvores presas ao solo infernal ou deformadas pelo mal que praticaram.

Dante tem sido amado e respeitado em todo o mundo; escolas de assuntos dantescos interpretam e estudam a sua obra, e a Igreja Católica usou o seu Inferno como modelo por muitos séculos, mas hoje os homens não pensam sequer que aquilo tudo seja verdade.

Conversávamos na intimidade do lar com o Chico, e estávamos na biblioteca de nossa casa em Belo Horizonte. Olhavamos os livros, víamos alguns, e nós havíamos pedido ao Chico que autografasse a coleção de André Luiz, a qual possuíamos, e ele nos respondera que o faria mas em livros que nos ofereceria. Alegávamos que não era necessário, que autografasse aqueles mesmos... etc., quando de repente Chico nos fez esta revelação:

Ranieri, sabe que eu recebi um livro de André Luiz e deixei os originais na prateleira, numa caixa, e quando fui procurá-los estavam feitos em pó? Alguns ratos espirituais o roeram!...

Naquela época ainda não sabíamos o que sabemos hoje, *nem havíamos visto o que já vimos* pela vidência e pela clarividência, de modo que a revelação nos surpreendeu no recesso da própria alma.

Não sabíamos da existência de ratos espirituais capazes de roerem uma obra superior. Mas o Chico afirmava e a sua palavra para nós era como bálsamo em pedra de fogo.

Depois mais tarde, aprendemos que o mundo es-

piritual não só contém espíritos bons mas também tem verdadeiros monstros.

Lembramo-nos da manada de porcos que recebeu a legião de espíritos inferiores ao comando da ordem de Jesus. E nos recordamos ainda que nesse mesmo dia, quando falamos com o Chico a respeito da publicação de um pequeno jornal de difusão da doutrina, expondo a ele como desejaríamos que o novo órgão de imprensa fosse, ele nos disse baixinho:

— Ranieri, por enquanto vamos guardar em segredo esse anseio e procuremos realizá-lo sem alarde, porque senão os espíritos inferiores buscarão destruir o nosso ideal...

Todos os iniciados, de Krishna a Zoroastro, afirmaram que existe uma luta entre o bem e o mal no mundo eterno do espírito.

Vendo os Espíritas Morrer

Chico tem coisas extraordinárias.

Aqueles que tiveram a felicidade de conviver com ele nem que seja por pouco tempo, sabem que tudo nele é original, que na sua boca as palavras tomam nova expressão e têm um sabor novo, diferente. Palavras que assumem uma beleza inesperada, expressões às vezes que atingem prodigiosa doçura ou infinita perfeição. Faz de uma palavra velha uma construção nova. Na realidade, as palavras brincam nos seus lábios e se iluminam inesperadamente. Grande conversador. Num outro aspecto e noutro mundo mental, lembra Oscar Wilde tão citado como palestrador genial.

É um santo diferente que fala das coisas de Deus sorrindo como uma criança. De seus lábios brotam pétalas de rosas e o perfume da sua palavra é inimitável.

Irradia tranqüilidade e segurança, paz, bondade e amor. Quem o vê e o sente, ama-o porque nele tudo é amor.

Ramakrishna era assim como ele, e, na Índia, seria uma nova encarnação divina. As suas palavras têm vida espiritual.

Em nossas horas cristãs, nas longas noites de alegria perfeita e de perfeita compreensão, Chico nos falou:

— Agora, *estou vendo os espíritas morrer*...

Sentimos em suas palavras um pouco de tristeza.

— O que é que há com os espíritas que estão morrendo, Chico?

— É triste dizer, mas estão chegando no plano espiritual em péssimas condições.

Tornamos a ver nos seus olhos aquela tristeza cristã que o faz diferente dos outros homens, quando não está rindo alegremente.

— Outro dia Manuel Quintão esteve aqui se lamentando: o problema dele foi o problema do cigarro de palha. Você sabe, Manuel Quintão foi um grande amigo e um bom espírita. Médium, receitista notável, inteligência aguda, tradutor das obras de Rochester, cronista vivo, foi na Antiguidade aquela figura apostolar de Policarpo, amigo de Emmanuel, mártir do Cristianismo nascente. Pois o Quintão vem encontrando grandes dificuldades no plano espiritual pela falta que sente do seu cigarro de palha. E há outros que aparecem por aqui como indigentes espirituais.

E o Chico citou alguns líderes espíritas conhecidos nossos que haviam chegado ao mundo dos espíritos em péssimas condições espirituais, eles que pregaram das tribunas e polemizaram por toda a parte, muitas vezes expondo o Evangelho com maestria.

A conclusão é a de que não basta pregar, nem saber as Escrituras ou a Doutrina de cor; o que é preciso é viver o Evangelho com amor e fraternidade.

Vêm-nos à memória as palavras cintilantes do Cristo:

— Ai de vós, fariseus hipócritas! Até quando vos suportarei?

Sabemos que aqueles que conhecem a lei espiritual e não a cumprem responderão mais rigorosamente pelos seus atos.

Os pequenos vícios e os pequenos hábitos, arraigados em nosso espírito e em nossa mente podem fazer de nós indigentes espirituais. A reforma individual é exigência inadiável. Não basta pregar ou ocupar cargos importantes na Doutrina. Podemos enganar temporariamente os homens mas não enganaremos a Deus. A nosso lado, permanentemente, estão as testemunhas que assistem à nossa hipocrisia, às nossas quedas íntimas, que acreditamos que só nós conhecemos. No livro "VOLTEI" Fred Figner conta aquela passagem em que ele faz uma parada num bar, depois de desencarnado, e uma entidade perversa, atrasada, inferior, se aproxima dele e lhe diz:

— Não é você o velho Figner, aquele que pregava sempre lá no Centro? Onde está a sua luz?

E o velho, assombrado, viu que estava sendo advertido por um espírito inferior e que a advertência era verdadeira.

— Onde está a sua luz? Você não me dizia para melhorar, para seguir os ensinamentos do Cristo? E agora, onde está a sua luz?

O Chico também *está vendo os espíritas morrer*

Emmanuel Visita Lívia

A tarde era um escrínio de luz e a relva verde tinha tons de suprema beleza. Nossos olhos bailavam no poente. Tudo sorria para nós e o amor das coisas simples se irradiava de nossas almas.

Havia em tudo uma alegria de viver.

Chico conversava e a sua conversa alegre tornava o mundo mais belo e mais feliz. Nossos pensamentos flutuavam em torno das coisas do Cristo, e sentíamos que ali não havia lugar para o mal.

Manso, manso como as pombas e feliz como uma criança risonha, o bom amigo se expandia em comentários espirituais. Tudo era motivo de comparações no campo do espírito. Havia amor e havia compreensão e todos se compraziam na paz.

Falava-nos mansamente, suavemente, com carinho. Falava-nos de Emmanuel e nós havíamos exclamado:

— Em nossa opinião, Chico, Emmanuel é também o "Guia dos Namorados!"

Chico ria, ria de verdade daquele pensamento.

— Senão veja, acrescentamos nós: *a teoria das almas gêmeas* não é uma defesa do amor? Duas almas ligadas pelos laços da mais perfeita compreensão, que se amam e se querem e um dia, após milênios de lutas, hão de se encontrar na "Perfeita União" ou na "União Divina". Não escreveu Emmanuel o "Há Dois Mil Anos" e o "Renúncia", que são romances de amor?

Chico ria e confirmava: "é verdade, nosso Emmanuel é um coração generoso. Vocês não sabem, mas Emmanuel visita Lívia uma vez por semana, na esfera onde ela se encontra. Para isso tem que passar através de uma câmara de purificação onde deixa os fluidos

pesados da Terra, de modo a poder penetrar na esfera de Lívia, que está em situação superior à dele".

A revelação era sugestiva e dava oportunidade a uma série de divagações no campo do espírito. Recordava-nos as lutas de Emmanuel como o senador romano Publius Lentulus que, um dia, vira a mulher que amava, da arquibancada de honra do Circo Máximo, encaminhar-se resolutamente para a morte por amor ao Cristo e lembrava-nos, também, o terremoto de Pompéia, onde a avalanche de pedras os vencera.

O passado histórico de Jerusalém e Roma, os sacrifícios do amor, tudo perpassava em nossa retina na sensibilidade do tempo.

* * *

Apesar disso, retrucamos:

— E isso não é coisa de namorado, Chico? Chega no fim da semana, Emmanuel toma o seu banho e vai ver a namorada...

Chico continuava rindo.

— Esse Ranieri tem cada idéia!

— Continuo acreditando que Emmanuel também é o Guia dos namorados, daqueles que se amam na fase mais pura da vida e do amor.

* * *

Relatou-nos ainda o bom amigo que Lívia era um espírito de ordem mais adiantada que Emmanuel, porque já no tempo de Roma ela aceitara o Cristianismo e se reunia com os cristãos e se sacrificara em nome de Jesus, enquanto que Emmanuel, naquela época, ainda era o orgulhoso senador romano, que à beira do lago perdera a grande oportunidade de sua vida quando fora convocado pelo Senhor.

Dessa informação aparentemente simples e ingênua, exposta no decorrer de uma conversa de amigos., numa tarde cálida de verão, entre muitas outras informações extraordinárias, poderemos tirar conclusões interessantes.

Vê-se que o verdadeiro amor se mantém no plano espiritual com a mesma intensidade ou com maior ainda. A delicadeza de Emmanuel de retornar após cada sete dias de trabalho, para comunhão pessoal ou espiritual com a criatura amada e a submissão à câmara purificadora, em consonância com aquela passagem descrita por André Luiz onde aparece a senhora Laura recebendo Lísias em seu lar e o próprio André, compreendemos que no plano da vida imortal também há lar e há o amor, mais sublime, porém ainda individualizado, assim como aprendemos que lá também a saudade se acalma com a visita periódica. Recordam o passado e traçam planos para o futuro. Infinita a bondade divina que permite que duas almas se reencontrem para a renovação das alegrias do espírito.

Nós que aprendemos a amar Emmanuel como o sábio e o amigo, passamos a ver nele também o companheiro carinhoso que busca a companheira, e percebemos que apesar de toda a sua grandeza espiritual, por se encontrar Lívia em Esfera Superior, nosso querido amigo mantém-se na condição de exilado que luta em favor de todos, até que um dia alcance a glória de conviver com sua amada nos planos espirituais.

Vêm-nos então à mente, aqueles versos de Emmanuel no "Almas Gemeas":

Alma gemea da minh'alma,
Flor de luz da minha vida,

Sublime estrêla caída
Das belezas da amplidão...

e a resposta de Lívia em outro poema imortal:

"Eu te espero nesta vida
Através da eternidade!..."

Fica-nos na alma a doçura e o carinho, ressoando como esperanças para os tristes que esperam um dia encontrar a alma de sua alma e retornar ao mundo, onde a luz e a claridade nos abrem os olhos para a visão radiosa de Deus.

O Irmão Jucá

A palavra nos lábios do Chico é como raio de sol saltitando na grama, pulando nas águas claras dos riachos, brincando nas pedras, luzindo nas folhagens molhadas de orvalho.

O riso em sua boca é como cascata cristalina. Irradia-se e transmite-se a todos os que o ouvem.

Foi numa dessas noites de alegria, quando se contavam histórias interessantes do mundo espiritual e deste mundo. Chico havia contado várias histórias, café na mesa, broa de fubá, mineira, pão com manteiga, em nosso lar. Chico fazia questão de servir os companheiros. Distribuía o café vagarosamente, com carinho, e ia contando as suas histórias. Os espíritos desfilavam e os acontecimentos ocorridos *no outro plano* eram *revelados a cada passo.*

Gordo, nessa época era gordo, cheio de graça, contou-nos a história do irmão Jucá.

— Vocês conhecem a história do irmão Jucá? Nunca contei a vocês?

— Não. Nunca ouvimos falar em irmão Jucá.

— Foi assim. Lá em Pedro Leopoldo compareciam ao Centro Luiz Gonzaga cerca de 76 companheiros nossos. Gente de todo o tipo. Gente humilde, gente menos humilde, gente mais importante, e todos gostavam de tomar o seu passe. Sempre os mesmos. Todas as semanas, todas as reuniões, estavam lá.

O médium passista, também incansável, atendia-os com o mesmo amor cristão. E todos saíam satisfeitos.

Nosso Emmanuel, por sua vez, pregava diária e semanalmente a reforma íntima da criatura; dizia que o homem não se torna bom se não busca se reformar a si mesmo, trabalhando, cada dia, no interior de si próprio, ampliando os seus conhecimentos e vivendo a doutrina do Evangelho. Repetia ainda Emmanuel que a necessidade da reforma é urgente, e que não basta o passe para melhorar o espírito. É preciso dedicação, sacrifício, esforço diuturno. Não adianta sentar-se e tomar passe, embora o passe ajude, é necessário colaborar intimamente, melhorando-se por dentro. O passe é como um banho que limpa e revigora, no entanto, se a criatura se mantiver sempre limpa, é melhor. Lavar-se e depois sujar-se é um círculo vicioso.

Falava coisas assim o sábio Emmanuel, mas os 76 freqüentadores do Centro, entusiasmados com a palavra do espírito, comentavam as passagens mais vibrantes, faziam propósitos de renovação, porém, logo depois, se esqueciam... Era sempre assim.

Um dia, Emmanuel foi mais direto e positivo e se dirigiu a eles, cristãmente, com energia, e rogou-lhes que além do passe, buscassem a melhoria íntima, e durante o ano inteiro insistiu no assunto.

Continuaram, apesar disso, tomando passes.

No ano seguinte, voltou Emmanuel ao assunto. Nada.

Mais um ano, mesma pregação, mesmo pedido, mesma reação de indiferença. Emmanuel e Bezerra cooperavam nos passes.

Certa noite, todavia, o bondoso Emmanuel assumiu a organização mediúnica e anunciou:

— Meus amigos, quero comunicar a vocês que na próxima semana, virá um novo espírito que passará a dar os passes. É o nosso irmão Jucá.

Todos se alegraram com a notícia. Gostavam muito de passes. A novidade interessou-lhes e houve extensos comentários.

Prepararam-se para receber o irmão Jucá.

* * *

Na semana seguinte, no dia aprazado, as senhoras colocaram uma toalha nova na mesa rústica e dois jarros com flores. Muitos envergavam as melhores roupas e o ambiente festivo era coisa diferente naquela noite.

Todos concentrados, surgiu Emmanuel através do médium e anunciou a presença ali do irmão Jucá.

Chico parou a narração e comentou para nós:

— Eu olhei e vi quando se aproximou um espírito magro, moreno, índio, nervoso, que andava assim: tuc, tuc, tuc...

E fêz uma representação com os dedos igual a quando brincamos com uma criança, fingindo que alguma coisa ou bicho anda e a criança então dá risada.

— O espírito chegou. Era o irmão Jucá. Cumprimentou a todos e encaminhou-se para a cabine de passes.

A primeira que entrou foi uma mulher. O irmão Jucá aproximou-se dela e lhe deu dois tapas, um de cada lado da cabeça. A mulher ficou meio aturdida e espantada, e saiu um tanto espavorida.

Veio outro, o irmão Jucá aplicou-lhe também dois pés-de-ouvido, sem violência mas com energia. O companheiro, surpreendido, deu o fóra.

E assim foi o tempo todo. Cada um que entrava, recebia os passes do irmão Jucá.

Terminada a reunião, todos foram embora e naturalmente comentaram o *sistema passista* do novo colaborador espiritual...

Todos demos gostosas gargalhadas com a história e o Chico alegremente concluiu:

— Na reunião seguinte, os 76 estavam lá, firmes. Quando chegou o irmão Jucá, nosso Emmanuel anunciou de novo:

— Meus irmãos, hoje temos a felicidade de contar entre nós com o querido irmão Jucá que irá aplicar os passes. Aqueles que desejarem tomar passes podem se dirigir à cabine.

Jucá foi para a cabine, com aquelas pernas magras e firmes, disse o Chico, mas ninguém se apresentou para tomar passes... Estavam todos curados...

* * *

Outras histórias foram contadas naquela noite inesquecível. Nós, porém, guardamos essa como pérola de preço inestimável.

À primeira vista pode parecer muito dura a lição do Jucá. A verdade, contudo, é essa: a maioria dos espíritas se limita a tomar passes, a assistir reuniões e a conversar com os espíritos; no entanto, raramente tomam a decisão heróica de se melhorarem. A maior

obra que temos a realizar é a nossa transformação moral e espiritual. O passe é útil, a água fluídica ajuda, as festividades espíritas confraternizam, mas só a transformação moral constrói com o amor para a eternidade. Transformemo-nos cada dia para o bem e o Senhor fará o resto.

Jesus falou a Pedro:

— Pedro, quando te converteres, converte os teus irmãos.

Converter aí, quer dizer: transformar. É como se dissesse: "Pedro, quando te transformares, transforma os teus irmãos."

A transformação a que se referia Jesus era não só a transformação no campo do pensamento ou da mente, mas também na intimidade do perispírito. Adquirindo vibração mental e perispiritual superiores, ilumina-se o espírito e a criatura cresce para Deus.

Cresçamos, pois, para Deus, transformados para o bem.

Mil e Quinhentos Anos depois

Às vezes íamos a Pedro Leopoldo assistir às reuniões com o Chico. Belo Horizonte naquela época ficava, talvez, duas horas de Pedro Leopoldo. A estrada era de terra, a poeira cobria-nos de pó, a viagem de onibus ou de camioneta, por isso, se tornava interessante. Os solavancos, o pó, as pequenas dificuldades, fazem de toda viagem de dois ou três companheiros uma oportunidade de alegria maior.

Passamos a tarde com o Chico, conversando nas imediações da cidade, por entre a folhagem das árvores que a rodeiam ou pelas ruas de terra naquele tempo.

Chico seguro ao nosso braço ria conosco, amparado no outro braço por outro amigo.

Quantas lições preciosas ficaram gravadas em nossa mente! Nem tudo poderemos contar. Nem tudo pode se tornar público. Teremos que selecionar como alguém que gasta, pouco a pouco, as notas de menor valor e guarda as mais valiosas por conterem elas o poder de penetrar nas vidas íntimas, não só de gente deste, mas também do outro mundo!

Recebíamos os comentários, as informações e as interpretações do bom amigo, com carinho e seriedade, embora entre risos e alegrias cristãs. Porque o Reino de Deus é Reino de Alegria.

À noite, Centro cheio, à mesa de trabalho, Chico psicografava. Receitas, mensagens, poesias... Rômulo Joviano, na cabine de passes, dirigia o auxílio às criaturas através das vibrações dos médiuns passistas. Iam e vinham os interessados. Comentava-se o Evangelho ou o "Livro dos Espíritos".

Oradores de toda a parte ali se concentravam e a palavra espiritualizada punha no ambiente ressonâncias de amor e de verdade. Tudo adquiria vida nova. Os erros de nossas vidas, ao influxo da luz, pareciam maiores, e o desejo de reforma íntima voltava às mentes que seguiam o estudo das passagens mais difíceis. Já tarde, quase no encerramento, Rômulo Joviano apareceu.

Era sempre assim. Aquele homem de aparência austera, enérgica e até quase que intocável, que nunca ria. Nós nunca o vimos rir. Compenetrado de sua responsabilidade junto ao Chico e que, segundo nos parecia, seguia à risca as instruções de Emmanuel e que mantinha o Chico sob mão de ferro, trazia sob o braço um livro.

Não me lembro se era o "Livro dos Espíritos", mas tenho a idéia vaga que era uma das obras de Emmanuel, talvez "Caminho, Verdade e Vida".

Sentou-se e leu uma página. Sem comentário. Depois, disse solenemente:

— Fomos autorizados a fazer-lhes hoje uma revelação importante. Há já algum tempo recebemos essas informações, mas não tínhamos ordens de revelar.

Rômulo falava e Chico, que retornara do transe, cotovelos apoiados na mesa, limpava os olhos e ouvia humildemente.

— Como vocês sabem, disse Joviano, o Brasil foi colonizado pelos portuguêses que aqui se estabeleceram em 1500. Com eles, vieram os primeiros padres, Dom Henrique que celebrou a primeira missa, e outros...

A Igreja, através desses missionários, se vinculou com Manuel da Nóbrega e José de Anchieta ao trabalho evangélico do Brasil.

Não devemos atacar nem criticar a Igreja. Oremos por ela. Os padres missionários Manuel da Nóbrega e Anchieta estenderam o Evangelho pelo Brasil e se tornaram credores da nossa admiração e do nosso respeito. Penetraram as selvas e lançaram as primeiras sementes. Assim, apesar de tudo, foram eles os semeadores. Sacrificaram-se para que nossa Pátria, que será o "coração do mundo e a Pátria do Evangelho" se preparasse para a grande missão que a espera...

Rômulo falava solene e pausadamente e nós sentíamos em suas palavras a imensa responsabilidade daquela hora.

Ouvíamos em silêncio. Sabíamos mais ou menos aonde ele ia chegar.

— Não ataquemos a Igreja. Se ela tem tido muitos erros também tem tido virtudes e dentro dela muitos espíritos se aprimoraram. De certa forma, manteve, ainda assim, o pensamento cristão.

Aquelas palavras de Rômulo Joviano, pronunciadas com a seriedade em que foram pronunciadas, levaram o nosso pensamento aos recuados tempos da catequese dos índios brasileiros e em nossa visão mental vimos Anchieta penetrando as matas, com a sotaina esfarrapada, olhar suave de taumaturgo, coração voltado para as coisas de Deus, amparando os silvícolas sofredores, estendendo a mão aos enfermos, ensinando o Evangelho...

Lembramo-nos do santo humilde e puro escrevendo na areia da praia o poema da Virgem, naquela simplicidade dos primeiros tempos. Escrevendo realmente apenas para louvar porque tudo era solidão e possivelmente não se lembraria nunca de acreditar que os seus versos viessem até os nossos dias...

Vieram-nos à mente os versos magistrais de Castro Alves:

> Nada turbava aquelas frontes calmas,
> Nada curvava aquelas grandes almas
> Voltadas p'ra amplidão...
> No entanto eles só tinham na jornada
> Por couraça — a sotaina esfarrapada...
> E uma cruz — por bordão.
>
> Quantas vezes então sobre a fogueira,
> Aos estalos sombrios da madeira,
> Entre o fumo e a luz...
> A voz do mártir murmurava ungida:
> "Irmãos! Eu vim trazer-vos — minha vida...
> Vim trazer-vos — Jesus!"
>
> Eram eles que o verbo do Messias
> Pregavam desde o vale às serranias,
> Do polo ao equador...

> E o Niagara ia contar aos mares...
> E o Chimborazo arremessava aos ares
> O nome do Senhor!...

Mergulhados no mar de pérolas dos poemas brasileiros, na profundeza sonora do romantismo, ouvimos a voz poderosa de Fagundes Varela no "Evangelho das Selvas":

> "Onde vão esses livres caminheiros,
> Adultos filhos dos sertões? Que buscam
> Por estas horas, tantos e tão fortes,
> Deixando as tabas, as aldeias mudas,
> E as cabanas desertas? Que desejam?
> Novo céu? Outro clima? Ares mais puros?
>
> O que procuram, pois, que assim caminham?
> Que pensamento os guia? Porventura,
> Dirigem-se às cabanas inimigas
> Sequiosos de sangue, dominados
> Pelo sombrio gênio da vingança
> Meditam planos de combate? Levam
>
> A desordem, a ruína, o horror, a morte
> Aos calados abrigos, onde o povo
> Dorme de seus trabalhos esquecido,
> Entregue aos sonhos de um melhor destino?
> ....
> Oh não! A rude maça, o arco infenso,
> O grosseiro carcás prenhe de setas,
> Não lhes pendem dos ombros; em seus peitos
> Não cai feio colar de humanos dentes,
> Nem talismãs de estólido prestígio...

Mas o divino emblema do Calvário,
A Cruz da Redenção, a imagem santa,
Meu Deus, do lenho em que expirou teu Filho.
Dando aos homens em troca do martírio
A liberdade, a salvação e a glória."

E muitos outros versos imortais vieram-nos à mente. O sofrimento daquelas criaturas que deixaram a Europa faustosa e letrada, onde o riso e o ouro se misturavam, onde a cultura e a inteligência tersavam armas, e preferiam a solidão das selvas onde iriam plantar a cruz do Cordeiro. Uma onda de respeito invadiu-nos o ser.

Chico silencioso escutava. Dezenas de companheiros ouviam.

Padre Manuel da Nóbrega também avultava em nossa visão. O Geral da Ordem dos Jesuítas, homem austero, enérgico, economista e administrador de pulso de ferro...

Foi quando Rômulo Joviano esclareceu:

— Hoje recebemos autorização para revelar que Emmanuel foi também o padre Manuel da Nóbrega. Com Anchieta pregou o Evangelho no Brasil que nascia...

A maioria das pessoas ali eram criaturas simples e iletradas. É possível que para elas a revelação de Rômulo Joviano nada significasse e muitos murmuravam ingênuamente, cheios de fé:

— Graças a Deus!

Para outros, porém, era uma belíssima revelação e nós compreendemos o significado da hora. Talvez percebendo a luta entre alguns polemistas espíritas e os padres católicos, ou prevendo a renovação da Igreja Católica que se aproximava, com os grandes Papas que

surgiriam, num momento grave do mundo, a Espiritualidade Superior resolvera orientar-nos sobre as ligações existentes entre a Igreja e os espíritos. Seria isso? Talvez...

O fato é que oficialmente se declarou que o grande Emmanuel, sábio e filósofo cristão, amigo de múltiplas vidas de todos nós, também envergara a veste carnal do jesuíta Manuel da Nóbrega, figura respeitável da nossa História.

Realmente, comparando-se o retrato de Emmanuel traçado por Del Pino e a efígie de Manuel da Nóbrega, verifica-se que os traços são os mesmos, a mesma energia e o mesmo olhar...

Del Pino não sabia disso quando pintou o retrato de Emmanuel. Publius Lentulus, o senador romano que viveu ao tempo de Cristo, também tem as mesmas características morais e intelectuais de Manuel da Nóbrega. Ambos foram administradores e entenderam de leis. São iguais. Convém compará-los.

Na esteira do tempo, observa-se que o destino incumbiu-se de conduzir o orgulhoso senador de maneira que, depois de ter sido o escravo Nestório, retomasse ele o fio da meada na linha inexorável da reencarnação e mergulhasse no pensamento cristão do Evangelho, tornando-se hoje na Espiritualidade um dos mais fiéis intérpretes da palavra do Senhor em terras do Brasil.

* * *

A noite chegara ao fim. Chico leu a última mensagem, belíssima página sobre a evangelização e os seus lutadores, e a nossa alma voltada para o mundo maior compreendeu mais uma vez que em todas as coisas permanece, na eternidade, a infinita grandeza de Deus.

O Perfume

Com o Chico, muitos fatos extraordinários têm ocorrido, além da maravilhosa mediunidade de Psicografia que Deus lhe deu. Espírito superior, nasceu entre os homens como ponte de luz entre este mundo e o outro...

Veio pobre, veio cego, veio humilde... Assim nascem os missionários. Alma feminina, inegàvelmente. Espírito delicado, pureza sem limites. Nascido numa cidade pobre como ele, desconhecida e que só se tornou famosa porque ele nasceu lá.

Ninguém em sua Pedro Leopoldo lhe deu importância durante muitos anos.

Sabiam que era espírita e sabiam que era bom.

— Alô, Chico! Como vai você? — Êsses os cumprimentos.

Quando os turistas e os espíritas que procuravam o médium pediam o endereço dele, indicavam com a mão e se admiravam de que tanta gente o procurasse.

Hoje, ambos são famosos, ele e a cidade. Tornou-a conhecida pelo seu trabalho desinteressado a toda a humanidade. Não sei se ela já compreendeu que lhe deve a imortalidade. No futuro dirão:

— Aqui viveu Chico Xavier, o santo do nosso tempo!... E muita gente em romaria virá ver por onde ele andou, onde meditou, onde recebeu os espíritos... Haverá estátuas, discursos e cicerones...

São coisas do mundo. Crucificaram também Jesus, e hoje fazem do local onde viveu fonte de renda, de inestimável renda. As águas do Jordão são vendidas a oito cruzeiros o vidrinho...

* * *

Peixotinho, por sua vez, nos legou muita coisa. Legou-nos o José Grosso, o Fritz, a Scheilla... A Fraternidade recebeu-os no seu seio com amor e aí os conserva com afeição e carinho.

São amigos de outros planos, espíritos que ajudam as criaturas a viver. Dão-lhes consolo e fortaleza.

Nosso Zé Grosso, com sua voz poderosa, levanta os caídos e ampara os aflitos. O Fritz cura os enfermos. A Scheilla levanta, cura e ama...

Chico também se afeiçoou à Scheilla e ama o Zé Grosso.

Algumas vezes, no começo, esteve em nossas reuniões de Belo Horizonte e viu chuvas de estrelas.

De vez em quando recebe as páginas da Scheilla tocadas de sublime sabedoria, aquela mesma Scheilla que se comunica constantemente na Fraternidade, que se materializou através de Peixotinho, com duas lindas tranças e que se materializa através dos médiuns da Oscal, cada semana. Scheilla também o ama.

Durante as reuniões públicas do Centro Luiz Gonzaga, Chico às vezes fluidifica a água ou dá passes em alguns irmãos que necessitam.

Quando a Scheilla se aproxima do Chico, é comum perfumar o ambiente, a água também se impregna de suave perfume e é comum que as pessoas levem lenços ensopados de perfumes; outros, pedras pequenas perfumadas, que guardam com imenso amor.

Esse perfume permanece por muitos dias, e nas cidades, onde residem, os objetos perfumados são exibidos com entusiasmo e admiração.

Interessante é que nunca se escreveu sobre esse fenomeno que ocorre com o Chico. Fenomeno de efeitos físicos que costuma acontecer nas reuniões de mate-

rializações com os médiuns da Fraternidade, que ocorria com o Peixotinho, mas que não é muito comum.

Com o Chico se dá em plena reunião pública, numa sala onde entram e saem os necessitados... Não está em transe tipo médium de materializações.

Não adormece no sentido de estar deitado numa cama. No entanto, o fato ocorre com enorme abundância de perfume.

Parece-nos ver a mulher aos pés do Senhor, perfumando-o com o seu amor e a sua humildade.

— Deixai que ela faça isso por amor de mim, porque este dia será lembrado para sempre!

Jesus compadeceu-se daquela mulher que lhe perfumava os pés e aceitou a sua dádiva: "Os pobres vós sempre os tereis convosco".

A Scheilla vem do mundo espiritual, envolve o Chico em luz e amor, e perfuma aqueles que ali estão em nome do Senhor. Perfuma os pobres e os ricos, os aflitos e os necessitados, os tristes e os incompreensivos. Na suavidade do seu amor, escolheu o perfume como a sua mensagem. Mensagem que lembra a mulher desconhecida que perfumou os pés de Jesus. Gesto de humildade e poesia. Como flor, impregna as coisas e as criaturas com as essências espiritualizadas. Prova de carinho, de infinito carinho, que denuncia uma alma pura, clara, como os raios do sol.

E o santo dos nossos dias recebe-a através da sua humildade e do poder de suas vibrações.

Mãos estendidas no gesto de curar é uma fonte de delicado perfume. E de suas mãos, como chuva de luz, caem as estrêlas da bondade eterna. Jesus reina e o seu Reino se estabelece para sempre.

Raio de Luz

Jesus curava os enfermos com a imposição das mãos. Toda religião cristã, seja ela qual fôr, aceita esta afirmação. Naturalmente, de suas mãos poderosas, raios de forças deveriam partir em direção ao enfermo sob o impulso de sua mente divina.

Havia uma mulher que estava sofrendo de hemorragia por dezoito anos.

Ouviu falar de Jesus.

Seu coração ansiava por encontrá-LO. Em suas longas noites de martírio, esperava o Messias. Há algum tempo ouvia falar Dele e das curas maravilhosas que realizava.

Diziam alguns que seus cabelos eram da cor da amendoa madura e os seus olhos mansos eram azuis como o céu da Grécia. Andava suavemente como as águas do lago quando repousavam na areia. Seus pés eram firmes, mas delicado o seu pisar, e as suas mãos macias e suaves. Ninguém nunca O vira sorrir, todavia, muitos O viram chorar. Amava o povo simples e repreendia os ricos pecadores. Estava sempre à beira do lago e nas tardes quentes falava aos pescadores. Pedro era seu amigo. Andavam sempre juntos. Diziam que pregava uma doutrina desprezada pelos sacerdotes do Templo, que não O aceitavam nem O amavam, embora Ele pregasse o mesmo Deus de seus pais.

* * *

Aquela pobre mulher O esperava em todos os dias da sua vida e constantemente alongava o olhar de onde vinham os viajantes. No entanto, por mais que olhasse, nunca O encontrava! Quando viria o seu Messias para curá-la?

Nessa espera, gastava os olhos e o coração lhe batia descompassado, pois a vida lhe fugia pouco a pouco, como a areia na ampulheta do tempo.

Um dia, quando as esperanças já lhe faleciam, ouviu grande algazarra na rua. Correu espavorida e viu Aquele que amara antes de O conhecer. O mesmo olhar azul e triste, a mesma expressão de bondade que O faziam diferente de todas as criaturas...

— O que queres de Mim, mulher?

Ouviu a pobrezinha no interior de sua mente aquela voz poderosa que a interrogava.

A multidão envolvia o Homem e aquela mulher estava distante! Contudo, podia jurar que ouvira a sua voz falando-lhe no interior da própria alma!

Sem saber como, avançou por entre a multidão e, envergonhada, tocou-Lhe, com a mão, levemente a túnica...

No mesmo instante, sentiu que a enfermidade que a perseguia por dezoito anos, dia e noite, cessara, de repente... Uma onda de estranho calor penetrou-lhe o organismo e ouviu cânticos celestiais dentro do coração! Houve uma expectação geral, um silêncio se estendeu por toda a parte.

Pedro buscou com o olhar quem havia tocado o Senhor e viu que Jesus, cheio de imensa compaixão, contemplava aquela mulher...

Num impulso, a coitadinha caiu-Lhe aos pés, clamando:

— Senhor, perdoa a minha audácia. Estou enferma há dezoito anos e sempre O esperei para salvar-me!

— Eu sei que sofres há longos anos, mulher, e sei que estás curada. Vem e agradece a Deus que te arrancou das trevas, através do amor, para a libertação!

A mulher retirou-o cheia de humildade e um rumor de assombro percorreu a multidão.

* * *

Dos lábios do Chico, ouvimos, certa vez, uma história singela, como essa, cheia do amor cristão, e da cura que vem do poder de Deus.

— Vocês sabem que eu já estive tuberculoso?

— ! ! !

Exclamações de assombro pairavam em nossos olhos. Nunca ouvíramos dizer que o Chico, algum dia, passara pela prova da tuberculose.

— Pois é isso. Estava muito mal. O peito doía-me. A dor e a desânimo invadiam-me o organismo e eu começava a sentir que a morte viria me buscar...

Pobre, obrigado a trabalhar cada dia para ajudar a criar minhas irmãs, sufocado pelo sofrimento, sentindo a responsabilidade da tarefa espiritual pela frente, uma noite, deitado na minha cama solitária, orei, pedindo a Jesus que me amparasse. No fervor da prece, vi Lívia na distância imensurável em que se encontra na Esfera Superior, Lívia, nossa querida mãezinha de outras existências, companheira de Emmanuel que morrera no Circo de Roma ao tempo de Cristo.

Minha angústia era infinita. Embebi-me, porém, na prece sentida e compreendi que do Alto, Lívia me olhava amorosamente. De seu olhar uma profunda compaixão se derramava. Compaixão e amor, ternura e carinho. Amor de quem não esquece aqueles que sofrem aqui no mundo.

Extasiado e surpreendido, observei que um raio de safirina luz descia do Infinito, daquelas regiões onde moram os espíritos angélicos...

Aquela luz num feixe esverdeado desceu das alturas e pousou levemente no meu peito. Imenso alívio percorreu-me o corpo e senti que o pulmão ferido, pouco a pouco, se cicatrizava.

Durou algum tempo. Depois, lentamente, foi desaparecendo... Na altura, Lívia, com um sorriso de ternura se despedia.

Logo, voltei a ficar só. Estava curado. Até o dia de hoje, nunca mais tive nada.

Chico calou-se e nós o contemplamos com afeição, como se estivéssemos vendo o raio de luz sobre o seu peito.

Ele também sorriu e acrescentou:

— Isso foi há muito tempo.

Passamos então a falar de Lívia, daquele espírito sublime que amara Publius Lentulus, em Roma, e que fora incompreendido pelo senador, incapaz naquele tempo, de entender, de pronto, os ensinamentos de Jesus.

Ela sofrera durante vinte e cinco anos a ausência do marido embora vivendo no mesmo lar e que aceitara tudo resignadamente, confiante no Mestre que lhe daria as forças necessárias para esperar o seu amado na Esfera da Sublime União onde hão de se encontrar no Grande futuro.

Chico e Kardec

Desde há algum tempo, surgem comentários no Brasil a propósito de alguém que seria Allan Kardec reencarnado. Vem à baila aquela afirmativa dos espíritos ao Codificador de que este desencarnaria e voltaria à Terra. Talvez, os interessados que fazem os cálculos matemáticos, estudam as possibilidades de serem eles mesmos o Codificador, e apregoam que Kardec já está no mundo, etc, etc.

Crêem que são eles mesmos o Kardec que há de vir... Pretensão muito natural. Se o homem vai renascer, que mal há que seja um deles?

Não vemos qual a vantagem de quem quer que seja se anunciar como sendo o mestre de Lion, a não ser aquela de receber as honrarias e o respeito dos espíritas de toda a parte... Não resta dúvida que viria a ser uma situação excepcional entre os fiéis da Nova Revelação. Na realidade desejam se impor pela simples enunciação do nome. O que deveriam fazer era simplesmente trabalhar em favor do próximo, realizar a obra que julgassem dever realizar, colaborar na expansão do Evangelho e deixar que o mundo os julgasse depois de mortos... Isso, porém, não acontece... Preferem apregoar orgulhosamente que são o Codificador. Ficam bravos se alguém não os aceita. Segundo estamos informados já existem cerca de uns quinze Allans Kardecs no Brasil. Tres no Rio, quatro em São Paulo, dois em Santa Catarina, etc., etc.

Caso de pasmar. Dizem que os de Santa Catarina andam brigando das tribunas, um com o outro. Cada um quer ser mais Kardec que o outro, na feliz expressão de um amigo.

No entanto, nós nunca ouvimos o Chico dizer que ele era Allan Kardec e nem ouvimos dizer que ele afirmasse isso. Houve e há muita gente que acredita que ele o seja. De nossa parte, não vemos nada que pudesse impedir. Chico tem qualidades excepcionais e a humildade necessária para ser classificado entre as maiores figuras da humanidade.

Se dependesse de nós escolher alguém que ele pudesse ter sido, nós escolheríamos Francisco de Assis, alma talvez mais pura que a de Allan Kardec. E isso faríamos pela semelhança profunda que existe entre ambos. O mesmo amor às coisas simples, a mesma be-

leza espiritual, a mesma simplicidade o mesmo anseio de servir a Jesus. Escolheríamos até João Evangelista que segundo alguns, é o mesmo Francisco de Assis. Há uma linha de evolução que torna essas criaturas herdeiras umas das outras. Uma identidade de sentimentos, uma compreensão igual da vida humana... Os tres estão cheios de poesia. João na clarividência da Ilha de Patmos, Francisco, nos poemas imortais de louvor a Deus, e Chico na poesia simples da sua alma, que recebe os poetas de nossa língua... Kardec é Paulo, o apóstolo.

E a linha evolutiva de Paulo estava noutro grau de ascensão. Guardava ainda a energia necessária a outro trabalho no mundo.

O espírito preocupado com a dialética da doutrina, classificando os dons da mediunidade, reestruturando o Cristianismo. O homem que organiza e codifica, a figura austera e sóbria, embora ardente e fervoroso. Há diferenças profundas entre Paulo e João ou Francisco. Seria possível admitir também que Chico tivesse sido o santo Francisco Xavier, que andou pelas Índias, pregando e sofrendo. Poderia ser. E poderia ser Sócrates, porque para nós Chico é o melhor Sócrates. Ninguém tão parecido espiritualmente. Ninguém mais sábio, o mais sábio dos homens.

O Sono dos Pecadores

As pequenas coisas têm muita influência em nossa vida.

Infelizmente, o Homem não percebe nem dá atenção às pedrinhas de seu caminho... Se desse, veria que aquilo que desprezamos hoje, vem a se tornar a pedra de tropeço amanhã...

A noite ia alta, a conversa cristã entre amigos, em nosso lar, prosseguia no ritmo da fraternidade legítima. Sorrisos, abraços, alegria, gargalhadas gostosas, após uma observação cintilante. Chico falava, na fluência do verbo cristão.

As passagens espirituais desfilavam de seus lábios, como pérolas. Assim como o rio que serpeia sobre as pedras, ora contornando os obstáculos, ora saltando alegremente na corrida ligeira dos rios que correm entre matas, ora remansoso e calmo na paz suave das grandes sombras.

Nossos olhos acampanhavam a modalidade das suas expressões que tinham uma fisionomia diferente para cada história. O invisível tornava-se palpável, bem próximo de nós. De instante a instante, repetia:

— Diz nosso Emmanuel... afirma nosso Bezerra...

De repente, a uma observação de alguém sobre a prece, falou sério:

— Diz Emmanuel que quem ora ao deitar-se não dorme com os espíritos...

Era uma informação nova e alguém interrogou:

— Como, Chico? Os espíritos dormem com a gente?

— Os espíritos inferiores dormem. Quando a pessoa chega em casa e vai se deitando na cama, sem se lembrar de Deus, sem fazer uma prece, vêm os espíritos atrasados e deitam-se na cama com ela e ali ficam a noite toda...

O espanto era quase geral. Todos sentimos aquela impressão horrível de dormir com a cama cheia de espíritos.

— Muitos? — perguntou outro.

— Às vezes dois, três, quatro, depende...

E, em torno disso, Chico esclareceu alertando sobre o perigo:

— Os espíritos que comungam com nossas idéias e nos acompanham fazem tudo com a gente: comem, dormem, vão ao cinema, interferem mentalmente em nossas conversas, interferem com suas idéias em nossa mente, convivem conosco...

A prece afasta-os. Espíritos inferiores não gostam de orações e não suportam preces.

Quem ora ao deitar-se, dorme em paz e afasta os espíritos maus e levianos. A prece é uma força, um poder que se irradia e forma uma defesa em torno de nós. O hábito da oração estabelece correntes vibratórias de ordem superior em nós e à volta de nós.

— Mas como é isso, Chico? Os espíritos deitam-se mesmo na cama?

— Deitam-se como nós, põem a cabeça no travesseiro, bem juntinho.

Havia uma expressão de admiração e horror em cada face. Todos ficaram pensando no sono da noite, no sono dos pecadores... Quem haveria de dizer que os nossos sonos podem ser povoados de seres estranhos que tomarão parte em nossa vida familiar? Espíritos que de dia se sentam à nossa mesa, comendo conosco, sorvendo as emanações dos alimentos e à noite vêm compartilhar do nosso leito...

Chico fez outras observações, comentou outras coisas, mas nós paramos um momento para meditar na "oração da noite".

À nossa mente vieram as canções de Minas que nossas avós e nossas mães cantavam ao pé do berço das crianças:

Dorme nenen
Que o papai já vem...

Tatu malangá
Não venha mais cá...

E ainda víamos, recuando no tempo, ao pé de nossa caminha de criança, nossa mãe, nos dias de enfermidade, pedindo por nós. Como oravam as mães do passado! Que fé! Que sentimento! Na simplicidade de seus corações, oravam por nós:

— Senhor, tenha piedade de meu filho !

O mundo mudou, os homens se afastaram de Deus e não aprenderam a rezar...

Mas na oração está o poder do espírito, e o espírito eterno que vive em nós, que habita em nós e estará conosco para sempre.

No Templo do Sexo

Chico, porém, não parou ali. A conversa se estendeu por outros campos e percorreu outros caminhos.

A noite silenciosa lá fora, enchia os nossos corações de alegria pela comunicação cristã. Forças exraordinárias nos ligavam intimamente. Nossas almas estavam unidas no mesmo sentimento de Cristo. Jesus reinava entre nós com o poder do Princípio.

A palavra sábia do companheiro, o pitoresco das suas expressões, lembravam-me o velho Sócrates. Parecia-me de novo vê-lo na Grécia. Nós que sempre amáramos a Grécia, desde a infância, compreendíamos que ali estava de novo o mais sábio dos homens. Mas ele nos dissera que aquela era a sua primeira encarnação masculina. Assim, conformamo-nos admitindo que os espíritos passavam pelo mesmo estágio de evolução e bem poderia ser que nosso Chico atingia agora o que se poderia chamar de "estágio socrático". O fato é que possuía toda as qualidades do filósofo ateniense e recordava de maneira profunda a simplicidade da sua sabedoria.

* * *

Súbito, alguém falou de sexo. As senhoras haviam ido para a cozinha fazer café e havia só homens na sala.

— Bom, Chico, e a parte sexual? Se os espíritos dormem com a gente, eles comungam também isso?

— Diz nosso Emmanuel que o sexo é sagrado. No santuário do sexo Deus colocou grandes esperanças... Mas é claro que aquêles que não buscam Deus e vivem uma vida pouco digna arrastam para o lar os "vampiros do sexo" que tomarão parte em sua vida sexual. No entanto, as criaturas que levam uma vida moderada, com pensamentos dignos, moral boa, e vivem da oração, estarão protegidas. Durante o ato sexual, guardas espirituais protegem a casa e especialmente o quarto onde os esposos dormem para impedir a entrada de espíritos menos dignos. Ninguém assiste nada. O sexo é sagrado. Os outros, porém, aquêles que vivem como querem, estão sujeitos à intromissão de entidades perversas que satisfazem a sua "fome de sexo" tomando parte aberta no ato sexual do casal, conduzindo os cônjuges às aberrações do sexo. Não há respeito: o lar e o quarto desses infelizes se tornam praticamente praça pública...

O esclarecimento era duro. Chico aprofundou-se no estudo do assunto. Nós, no entanto, nos limitaremos por ora, a revelar esses aspectos do problema e lembrar a cada um a responsabilidade de que se reveste nossa conduta.* Orar e vigiar. Na oração encontraremos a fortaleza, na moral de cada dia, teremos proteção. Uma família bem formada requer dos esposos conduta moral irrepreensível. Se agirmos assim, conquistaremos o direito de ter guardas às portas sagradas de nosso lar.

(*) Leia de nossa autoria, O SEXO ALÉM DA MORTE, publicação desta editora.

É certo, que o silêncio, finalmente, nos venceu a todos. O pensamento do Chico se perdeu em outras observações menos impressionantes.

Mas a "fome sexual" era apontamento de nossos dias. Em breve, veríamos que o interesse do mundo por esse assunto se tornaria imenso. Evidentemente, o que acontece do "lado de lá" não seria estudado por aquêles que anseiam por tornar público o estudo do sexo. Não deveremos, é claro, nós, espíritas, olvidar que temos à nossa volta as testemunhas invisíveis de nossos atos. Vivem conosco e tomam parte em nossa vida. O remédio é aplicar o Evangelho a toda a nossa vida, como medicamento indispensável e único para a cura da nossa alma e como antídoto à aproximação daqueles que deixaram o mundo fisicamente mas continuam vibrando nas faixas vibratórias do submundo. Dormem conosco na satisfação bestial dos instintos que não se aplacaram.

O Piano

Chico ganhou um piano.

Dois irmãos fabricantes do instrumento, que haviam instalado talvez a primeira fábrica de pianos no Brasil, a "Pianos Brasil", residentes no Paraná, resolveram lhe dar um piano.

Ouviram falar que no fim da vida Chico iria receber músicas espirituais. Nada melhor que um piano.

Alegrou-se o coração do Chico. Como ser humano e como alma sensível, deslumbrou-o a perspectiva de tocar piano e receber as sublimes melodias do Infinito. Através dele, os artistas divinos tangeriam as cordas

da alma humana atirada no Vale das Sombras e da Morte.

Contratou uma professora de piano e marcou o dia da primeira aula.

Enfeitou a sala e as pessoas que iam chegando iam-se sentando por ali e o Chico dizia:

— Hoje vou receber a primeira aula de piano, por isso não trabalho. Acomodem-se bem por aí...

Cada um ia se ajeitando.

O médium exibia o seu melhor terninho. Tomara o seu banho e estava preparado.

A professora demorava um pouco e Chico se desdobrava de gentileza.

A cada um que chegava, repetia que deveria receber a primeira aula de piano e que por isso eles desculpassem porque ele não iria trabalhar naquele dia.

O fato é que aguardou até que a professora chegasse.

Os doentes que vinham buscar receitas, cheia a sala, foram-se apinhando na porta e depois, lá fora. A multidão crescia.

Os necessitados de todo o tipo, os sofredores, os desiludidos, os infelizes, os pobres, os desgraçados...

Chico sorria, cumprimentava, e esperava a professora.

Na hora certa, a professora chegou.

Miudinha, bem arrumada, disposta ao trabalho.

Chico tomou a posição regulamentar, após o ligeiro cumprimento.

Às primeiras palavras da lição musical, Emmanuel, para surpresa do médium feliz, rompeu a multidão.

Atravessando o grupo que se acotovelava, aproximou-se do Chico.

Nessa hora, o Chico muito sem graça cumprimentou o amigo espiritual que lhe perguntou:

— O que é isto, Chico? Alguma festa?

— Não, gaguejou envergonhado, Chico Xavier. É que eu ganhei este piano e resolvi tomar uma aulas...

— Está bem, disse Emmanuel, mas e esses sofredores doentes que aí estão? Vieram assistir à aula?

— Não, não... Hoje eu não trabalho... É minha primeira aula de piano...

— Quer dizer que essa gente toda que está sofrendo, angustiada, ficará aguardando o dia em que você resolva atendê-los? Cada um com um problema...

A vergonha do Chico cresceu.

— Acho melhor você deixar essa história de piano, Chico, e ao invés disso, atender esse povo... acrescentou Emmanuel preparando-se para se retirar. Faça isto antes que Deus resolva mandar uma ferida para a sua perna, de modo que você fique inutilizado. O que você acha? Falou e afastou-se.

Chico, enfiado, desculpou-se com a professora, agradeceu e dispensou os seus serviços.

Imediatamente iniciou sua tarefa de atender os enfermos.

Assim terminou sua primeira e última aula de piano.

Algum tempo depois deu o instrumento.

* * *

As tarefas de Deus são sagradas. Quantas vezes também em nossa vida, deixamos de fazer o que é mais importante para realizar o supérfluo? Naturalmente, haveremos de responder pelas nossas omissões, pelas nossas faltas, pelos nossos erros. Responderemos com o sofrimento, com a dor física ou moral, ou com a incompreensão daqueles que nos rodeiam. Não tenhamos dúvida: um dia a eternidade pedirá contas do minuto perdido.

Em 1969

Em 1969, estivemos em Uberaba com o Chico. Há anos não o visitávamos. Atribulações da vida, trabalho, distância, problemas... **A saudade mata a gente**, diz a música popular. Assim, em nome da saudade que é amor, fomos ver o grande amigo. Horas de alegria, momentos de felicidades, reencontros, revelações... Rodeado de companheiros, naquela manhã, Chico falava de sexo, de casamento e de filhos.

Dizia ele:

— Meu Deus! Se eu merecer a misericórdia divina de renascer de novo, quero ter muitos filhos! Pouco importa que meu filho seja máu, seja **playboy**, seja desordeiro! Quero ter um filho nos braços! Se puder quero ter trinta filhos! Não importa venha eu homem ou mulher!

Ali havia alguns casais. Senhoras que ainda poderiam ter filhos. Não me lembro de como se iniciou a conversa, não sei se alguém falou em limitações de filhos, mas me parece que o assunto partira daí .

— Ter filhos é uma benção divina! É uma graça, uma felicidade! — continuava ele. Ninguém deveria recusar os espíritos que desejam renascer.

— Por isso é que muitas senhoras que fazem aborto, que não querem filhos, depois começam a sentir dores terríveis, a sofrer, sem saber que doença é, sem explicação e vão até o fim da vida desesperadas, sofrendo, sem remédio!

Todos o olhavam com admiração e respeito.

— O espírito que desejava renascer e não encontrou guarida, se revolta e se transforma em obsessor daquela que deveria ser sua mãe! Muitos espíritos se desesperam e ficam loucos!

Observamos quão grande era a lição. Quão grande o esclarecimento!

Estávamos no Centro Espírita da Comunhão Espírita Cristã. Nove horas da manhã, um grupo de companheiros numa conversa reservada e o assunto se sucedia num panorama de informações que não poderiam na sua totalidade ser publicadas. Mas os apontamentos principais, acreditamos que deveriam ser transmitidos às criaturas. Era a palavra do Chico e a palavra dele era o pensamento espiritual.

— Gente! disse ele. O sexo é sagrado! E através do vaso de carne Deus permite que os espíritos renasçam para a evolução. Como se podem fechar as portas da vida? Naturalmente, há casos de doenças, de impossibilidade, mas na maioria, todos podem ser mães e ser pais! Depois, já imaginaram a graça de uma criança?

Brinquei com ele.

— Você pretende ter trinta filhos? Então quero me inscrever desde já para ser seu filho na próxima encarnação!

Chico ficou sério e disse:

— Não me tente não, que eu aceito!

Ri e confirmei:

— Pode me inscrever na sua lista dos trinta para a próxima encarnação! Quero ser um deles!

— Não me tente... não me tente... repetiu.

O sentimento, o anseio, com que o Chico falava aquelas coisas eram profundamente sinceros e vinham do fundo da alma.

— Nesta encarnação os livros são meus filhos. Aceitei a tarefa do livro. Neles coloco todo o amor e carinho que deveria dar a meus filhos. Mas na próxima encarnação não quero saber de livros nem de imprensa. Quero nascer num lugar onde ninguém saiba

ler, onde só haja analfabetos! Quando alguém aparecer perguntando se não queremos ler livros ou jornais, irei dizendo: não, meu amigo, aqui todos somos analfabetos... Ninguém sabe ler, ninguém quer ler... Somos muito felizes!

Chico deu uma grande gargalhada.

— Uai, não é mesmo? Já escrevi muito. Livros, livros, livros! Agora o que é preciso é o povo executar! A mensagem já está dada!

Depois voltou a falar de filhos:

— Não há nada melhor que ter um filho, acompanhar o seu desenvolvimento desde pequeno, vê-lo andar, crescer e dar-lhe orientação! Já estamos observando alguns espíritos para serem meus filhos na próxima vez que eu vier.

Contemplamos o Chico e compreendemos o seu drama de amor. Dedicou toda uma vida ao povo, coração inundado de afeição e carinho, e não pudera ter junto de si alguém que fosse carne de sua carne e espírito do seu espírito.

Pela obra, renunciara à presença de espíritos que com ele vêm evoluindo através dos séculos, ao seu convívio e ao seu amor. Além disso, é provável que esses filhos de sua alma estivessem muito deles encarnados na Terra e o visitassem até e ele cheio de profunda emotividade não pudesse dizer-lhes o quanto os amava, nem pudesse abraçá-los e beijá-los como mãe carinhosa: é possível que desfilassem ali, que lhe dissessem até palavras de amizade, mas ele haveria de contemplá-los e deixar passar a fim de não perturbar a sua missão de redimir a terra, com Jesus.

Meus olhos se abriam à visão dos séculos passados e minha alma se lançava para o futuro. Lá, nos séculos que virão, haveria ele de encontrá-los um dia para o amor.

As Grandes Reencarnações

— Este século é o século da ciência! — disse Chico. O próximo será o século da arte. As grandes reencarnações, segundo Emmanuel, começarão em 1980. A partir daí grandes espíritos renascerão na Terra. O homem atualmente está preparando o mundo e dando-lhe uma nova dimensão. Marcha-se ao encontro dos astros e a ciência avança. Em breve, os grandes músicos, os poetas, os escritores, os grandes artistas, começarão a voltar. Victor Hugo, Chopin, e outros.

A manhã ia clara, o sol de manso penetrava a neblina que à noite envolvera Uberaba, e à volta de Chico Xavier ouviamos-lhe as revelações.

De fato, o nosso mundo estava sob o domínio da ciência. Os foguetes subiam para o firmamento e a Medicina fazia a sua marcha gloriosa.

Já há mais de vinte anos ouviramos o Chico fazer outras revelações. Falava de um outro planeta que vinha aí, o **planeta-chupão**, e a afirmação de que muita gente iria renascer nele. Nessa época ainda não aparecera **Ramatis.**

Agora nos falava das grandes reencarnações. Quer dizer, espíritos de **ordem superior** no campo da arte que naturalmente viriam dar novo impulso à arte a fim de que o homem empolgado pela ciência não deixasse esfriar o próprio coração. Se a mente crescia hoje, natural é que no futuro se desenvolvesse também o coração de maneira a que o sentimento acompanhasse de perto a **mente cósmica** do homem.

Se o Universo abrira suas portas para nós através da conquista do espaço, não seria para que o homem se tornasse mero robot. Haveríamos de lutar para que o amor estivesse também presente na Era Astronáutica.

Ficamos pensativos. Então o velho Hugo retornaria a partir de 1980 e o grande Chopin viria de novo encher o mundo com o seu gênio?

É evidente que desenvolveriam uma arte a altura e de acordo com o progresso atual da humanidade. Se estivéssemos vivos, haveriamos de reconhecê-los!

Ainda pensávamos nisso. Chico ria para todos naquela sua alegria espiritual de sempre, quando, de súbito, alguém voltou a falar em limitações de filhos. Parece que u'a mulher.

— Olha Chico, dizia ela, você não acha que a mulher sofre muito para ter filhos?

— Sofre, minha irmã, no entanto, quando o filho nasce, ela esquece tudo. Só tem olhos e sorrisos para ele. Há uma grande compensação.

Disse outro:

— E essa notícia de que estão desenvolvendo o ser humano no laboratório?

Eles conseguirão alguma coisa?

Chico ficou sério e confirmou:

— Olha gente, a Ciência vai desenvolver o ser humano no laboratório. Eles (os cientistas) vão fabricar um enorme útero no laboratório e aí dentro vão gerar o ser. Levarão talvez de duzentos a quatrocentos anos até conseguirem realizar. Mas vão realizar. Aí libertarão a mulher do parto.

E tem outra coisa. Nesse útero, os espíritos vão reencarnar, tudo direitinho, sem problema. Esse fato não vai alterar coisa alguma, a ciência vai conseguir isso. Ora, o avanço da Ciência é obra da Espiritualidade através dos missionários.

Em nossa mente, a imagem do útero materno fabricado pela Ciência, pendente como enorme lampada no meio de moderníssimo laboratório, galopava. Vimos as grandes chocadeiras de pintos e na realidade não

imaginamos impossível. Se o nosso mundo alcançando o terceiro milênio se candidatará à condição de mundo mais elevado, se os grandes espíritos reencarnarão na terra, nada de mais será que marchemos para novas conquistas que venham afastar a dor do mundo.

A reencarnação é apenas o **modo** e o **meio** pelo qual o homem aparece na terra e o espírito aqui renasça. Se houver possibilidade de vir ele por um meio mais suave porque haveria Deus de impedir? Não admitimos nós, em princípio, que nos mundos superiores a reencarnação ou nascimento dos espíritos seja mais suave, sem dores e com mais naturalidade?

Não pensamos nós que em mundos superiores nascer seja somente transferir-se **conscientemente** para outras esferas ou faixas vibratórias e que todos vêm a partida e continuam vendo o espírito que estava do lado de cá, no lado de lá?

Porque não poderá a nossa Ciência, com a permissão de Deus, e a ajuda dos espíritos, libertar a mulher?

— Parirás com dor!

Sabemos que essa afirmativa de Jeovah teve a força de uma condenação. Por acaso, não estaremos alcançando a extinção ou o cumprimento da pena? Se assim for, nada mais justo que o homem conquiste o direito de nascer sem dores e sem sofrimentos.

Jesus disse: "Os mansos herdarão a terra" e "Eu estarei convosco até o final dos tempos!"

O Gato Sávio

Conversávamos sobre cães e gatos. Chico ouvia-nos falar de uma cachorrinha que pertence ao pessoal de casa, pequenês, viva, inteligente, e ele nos havia dito:

— Leve-me um abraço para a Glórinha, para o Kratus, para o Arus, para a Arlette e para a Loló. Loló era a cachorrinha.

— Olha, Ranieri, nós tinhamos aqui um cachorro, muito meu amigo, falou o Chico, chamado **Brinquinho**, preto e branco, deste tamanho, — e mostrou a altura com um gesto de mão. Gostávamos muito do Brinquinho.

Um dia morreu. Ficamos aborrecidos, fizemos o seu enterro e com o tempo fomos nos esquecendo dele. De repente, apareceu o Brinquinho aqui.

E o Chico apontou um cachorro bonitinho, preto e branco, que estava no quintal de sua casa.

Pois olhe, Ranieri, **o primeiro Brinquinho** era igual a esse aí. Quando eu vi este Brinquinho, não me contive:

— Nossa! é o Brinquinho que reencarnou, exclamei, pegando-o no colo, ele voltou! Tenho absoluta certeza que é ele! veio e ficou conosco. Apareceu. Pois bem, assim que o vi, antes de pegá-lo no colo, gritei para ele:

— Brinquinho, Brinquinho! entre aqui! fazendo um gesto com os dedos, estalando-os e batendo na tábua do caixote onde dormia o primeiro Brinquinho. Ele imediatamente entrou no caixote dando um pulo igualzinho fazia o outro, e tem as mesmas manias do outro! Olhe, até as pintas são as mesmas e nos mesmos lugares.

Olhamos o Brinquinho e o Chico repetiu:

— Vem cá, Brinquinho! vem cá Brinquinho! — e o cachorro saltou e se aninhou no caixote.

— Ranieri, não é só isso, disse ainda o Chico, nós temos um gato chamado Sávio. O gato já anda velho e doente. E o veterinário alertado para um tumor que o gato possuia resolveu recuperá-lo. Achou, após examiná-lo, que não tinha mais jeito e que o melhor era matar o gato. Fiquei preocupado e quando chegou para comer, falei com ele:

— Sávio, olhe, tome cuidado, eles querem sacrificá-lo! Não venha mais aqui comer de dia, não fique rodeando o Centro espírita de dia. Eles o matarão. Venha sempre depois das dez horas da noite. Eu lhe darei comida. O gato ouviu-me pacientemente e eu continuei a falar-lhe com carinho. Não volte de dia, se você voltar eles o matarão!

— Pois sáiba, Ranieri, depois disso, o Sávio só vem depois das dez horas da noite.

Chico falou. Nós ouvimos e começamos daí em diante a prestar atenção para ver se víamos o Sávio. Durante o dia não o vimos. Na realidade não vimos gato nenhum.

Mais tarde, concentrados no Centro Espírita, por volta de onze horas da noite, Chico recebendo mensagens, o povo acotovelado, ouvimos um gato miar em volta da casa.

— É o Sávio, alguém falou, está chegando.

De fato, o gato miou espaçadamente até a sessão terminar.

Chico voltando do transe, explicou:

— Está na hora do Sávio comer, ele está chegando.

Nas despedidas, Chico abraçava um, dizia uma palavra amiga a outro, e assim, fomos para a rua e lá estava o Sávio sobre o muro. Chico falou-lhe com carinho e o Sávio, em cima do muro, começou a rosnar e a fazer acrobacias. Procurava agradar ao Chico, rosnando, esfregando as costas no muro. O bom amigo lhe falou:

— Sávio, não fique fazendo mágicas aí! Você cai do muro!

Sávio continuava se enroscando numa demonstração clara de quem agradava um amigo muito querido.

— Sávio, Sávio, eu já te disse, não fique fazendo gracinhas que você cai do muro! Fique quieto e espere um pouco que eu vou lhe dar comida.

O gato atendeu a conversa porque se aquietou e pulou para dentro onde foi aguardar a refeição.

Na realidade aquêle gato entende o que o Chico fala e o Chico conversava com ele como quem conversa com gente.

Lembra-nos o **poverello de Assis**, falando com as aves, conversando com os lobos, discursando para os peixes. A mesma alma pura e santa, o mesmo coração, o mesmo sentimento, a mesma força magnética. Tudo nele nos fala de Francisco, e se ele não tivesse negado sempre esse fato, nós poderíamos dizer que seria o mesmo espírito que renasceu na Terra.

Festa de Natal

Todos já ouviram falar da distribuição de mantimentos e brinquedos, no Natal, para mais de dez mil pessoas, em Uberaba, pela equipe de Chico Xavier.

O médium fica até o meio da madrugada enchendo pessoalmente os saquinhos de cereais junto aos outros companheiros. É uma grande alegria e um grande acontecimento. No dia da distribuição desfilam aquelas milhares de criaturas, e o Chico, cristãmente, carinhosamente, vai beijando a mão de todos, velhos e velhinhas, pretos e brancos, doentes aleijados e gente sadia, todos recebem o seu farnel de Natal e o beijo de humildade que o Chico lhes dá na mão, agradecendo lhes terem vindo receber o seu quinhão. O amor do povo

por ele é muito grande. Todos o amam e ele ama a todos.

Pois bem, nós conversávamos em sua casa. Estávamos na sala de trabalho do Chico, dentro de seu lar. Sala simpática, um gravador que ganhara nos impressionou pela fidelidade da gravação. Livros espalhados, máquina de escrever. Falávamos de muitas coisas, de acontecimentos de sua família, assunto íntimo, de um sabor extraordinário mas que não temos coragem de publicar. Poderia ofender, quem sabe, a sua sensibilidade.

Chico ria.

— Sabem, há um sujeito muito engraçado que de vez em quando me conta algumas histórias espíritas e eu morro de rir.

Contou-me ele que em Uberlandia havia um homem que se interessou profundamente pelo Espiritismo. Espírita novo, leu tudo, assistiu reuniões, etc. Aprendeu que os espíritas gostam de abrir os livros da doutrina ao acaso quando necessitam de orientação. O que sai é sempre uma resposta às suas necessidades do momento. Dessa forma habituou-se a abrir "O Evangelho Segundo o Espiritismo" a propósito de qualquer assunto. Um dia estava ele em sua chácara balançando-se na rêde e ao lado, próximo, um gato. O céu escureceu-se e formou-se uma tempestade violenta, que em pouco desabou sobre a terra e um raio caiu e matou o gato. O homem, ainda trêmulo, acreditou que fôra protegido pelos espíritos, por isso não fôra atingido pelo raio. Não teve dúvidas, correu, pegou "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e abriu. Lá estava escrita aquela lição muito conhecida:

“Se Fôsse um Homem de bem teria Morrido”...

A gargalhada foi geral. Todos riram e o Chico também. Nós temos assistido muita coisa no Espiritismo e temos observado os espíritas de perto com as suas ingenuidades, com a sua simplicidade, ou como as suas vaidades. Compreendemos bem o acontecimento.

* * *

Ainda ríamos, quando o Chico disse:

— Olha, vejam vocês, nós fazemos essa festa de Natal. Nós não revelamos a ninguém. Mas sabem vocês o que acontece aqui na Comunhão Cristã no Natal?

Vem uma quantidade muito grande de mulheres, milhares.

Fazemos as nossas preces e distribuimos o mantimento a cada uma, mas os espíritos trazem os **espíritos** que precisam de reencarnar e colocam no colo das mulheres que aqui vêm. Mulheres de todas as classes recebem o espírito que vai ser seu filho. Há um trabalho especial da Esfera Superior nesse sentido. Nesses dias de Natal, sob a vibração de amor e fraternidade, as mulheres recebem melhor, estão mais receptivas e aceitam. Olhem, todos os anos são distribuídos mais de mil, que depois nascem. Já viram como aqui neste bairro, no alto, tem criança?

Já observaram a quantidade de crianças?

De fato, onde mora o Chico, a quantidade de crianças é assombrosa, especialmente crianças pobres, mas todas alegres e expressam felicidade.

Júlio Vieira ficou impressionado com a revelação. Ninguém supunha que além das alegrias do Natal, viesse a Espiritualidade se aproveitar daquela oportunidade para reconciliar, talvez, velhos inimigos do passado de modo a se aceitarem mutuamente.

Havia uma finalidade superior no acontecimento. Provavelmente, os espíritos aproveitarão em toda a parte as vibrações do Natal, sentindo a boa vontade do homem a fim de que possam orientar a humanidade.

Através do amor estabelecem maior amor.

O Ladrão

As irmãs do Chico eram quatro ou cinco. Moças, como todas as moças, medrosas.

Sempre viveram com o irmão que distribuiu com elas amor, carinho e dedicação.

Na realidade foi como verdadeiro pai delas. Criou-as e manteve-as com o seu salário humilde.

Na luta de cada dia, gastou a vida para ampará-las e, por isso, não se casou. Solteiro por necessidade. Como haveria de se casar se nos melhores tempos de sua mocidade ganhava uma insignificância? O jeito era viver para o lar. E viveu. Trabalhou, sofreu, lutou.

Chico é um ser humano, tão humano ou mais do que nós. Nada diferente. A sua mediunidade é que é excepcional. Apenas isso. No mais, sente frio, tem fome e sêde, e sofre como nós, diante dos problemas da vida. Talvez sofra mais porque maior é a sua sensibilidade.

* * *

Uma noite um ladrão entrou em sua casa e roubou algumas roupas que estavam no quintal. Fez ba-

rulho nas portas e assustou as irmãs do Chico. Este ficou também preocupado por causa das irmãs.

No dia imediato, todos viram o Chico em grande movimentação. Abriu um lençol e nele foi colocando as roupas que encontrava, roupas velhas, algumas novas, sapatos usados, etc., etc.

No fim da tarde, ao cair da noite, a sua trouxa estava feita. Ninguém disse nada, mas todos se admiraram. Iria o Chico embora, se mudar? Estaria aborrecido?

Nada disso aconteceu.

À noite, o grande amigo pegou a trouxa, amarrou-a e pendurou-a no alpendre com um cartão mais ou menos nestes termos:

> "Meu amigo: estas são as roupas que pude arranjar. Peço-lhe o favor de não fazer barulho para não assustar minhas irmãs."

Ao amanhecer, a trouxa de roupa havia desaparecido... Assim é o Chico.

Alma pura, espírito liberto, lembra Francisco de Assis, "o poverello", que tirava a roupa do corpo para dar aos pobres.

Era comum ganhar outra túnica, após ter dado uma. Às vezes era encontrado nu porque dera as suas roupas.

* * *

"Se alguém te pedir a túnica, dá também o paletó", ensinou o Cristo. Difícil, naturalmente, é ao homem despojar-se de seus bens para dá-los aos pobres, mas é do Evangelho que se faça isso. Quando Francisco expôs ao Papa as regras de sua Ordem, nas quais se expressava a absoluta pobreza e mais completa renúncia, o Papa e os Cardeais se assustaram e disseram que aquilo era rigoroso demais, ninguém poderia viver o que estava ali, e Francisco cândidamente respondeu:

— Senhor, afirmar que não se pode viver estas regras é declarar a falência do Evangelho de Nosso Senhor, pois o que está aqui é todo o Evangelho.

E o Papa, em face dessa réplica verdadeira, aprovou a regra de Francisco.

É claro que só poucos poderão executar as normas de completa renúncia e extrema pobreza que também Jesus ensinou.

"O Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça".

Mas esse é o caminho da educação espiritual e da espiritualidade. Só pelas estradas difíceis e árduas da humildade alcançaremos a glória da vida imortal.

Pregação do Fim do Mundo

A multidão enchia a Praça Sete de Belo Horizonte. Os pardais cantavam em gritaria nos arvoredos em festa.

Ficos-benjamim, cujas raízes enormes saltavam do calçamento como grandes serpentes e copas enormes que se debruçavam sobre a avenida. A alegria dos pássaros misturava-se à alegria do povo.

Era no cair da tarde, cinco horas. Tarde cálida de primavera, quando a beleza de Belo Horizonte, terra amada onde nasci, se torna mais suave.

Estranhamos a multidão. Um homem vestido à maneira dos apóstolos, túnica branca com faixas de panos azuis, barba negra e cabelos compridos, pregava no "pirolito". O pirolito era um sabre enorme de pedra

voltado para o céu em cuja base se realizavam sempre os grandes comícios políticos da cidade.

... Ali falavam grandes oradores.

Um homem também falava, e a sua linguagem bíblica prendia a multidão .E falava sobre o fim do mundo, sobre as guerras que viriam, sobre a fome e o sofrimento da humanidade. E o povo, de olhos pregados nele, acompanhava-o interessado.

De repente, aquela torrente magnética empolgante tomou outra direção e o homem começou a falar bobagens, desceu a considerações desconexas e o povo começou a dispersar-se. Era um doido.

— Que pena! — murmurei para o Jair — ia tão bem!

Fomos embora.

Tempos depois, Chico em nossa casa, entre muitos amigos, conversava alegremente, entre o café e o pão com manteiga. Histórias interessantes surgiam aqui e ali. A sua palavra pitoresca desenhava as figuras e modelava os enredos espirituais.

Lembramo-nos do homem da Praça Sete e contamos o caso. Ele riu muito e respondeu:

— Olhem, esse homem apareceu lá em Pedro Leopoldo. A história foi assim:

Alta madrugada ouvi bater na porta, pancadas fortes, insistentes, Minhas irmãs se assustaram. Alguém lá fora gritava desesperado:

— Chico! Chico Xavier! Sai p'ra fora! Chico, vamos Chico, está na hora!

Pé ante pé, abri a porta devagarinho e olhei para fora. Lá estava aquêle homem de túnica azul e branca e de longas barbas como um profeta .

— O senhor deseja alguma coisa? perguntei-lhe mansamente.

— O senhor é o Chico Xavier, o grande Chico Xavier?

— Bem, eu sou o Chico, seu irmão.

— Eu vim buscá-lo para a pregação do fim do mundo! — Respondeu o homem.

— Está certo, meu amigo, mas você não acha que poderíamos esperar até amanhã às sete horas? — revidei.

— Não, não posso esperar! Devemos partir agora porque não há tempo a perder e o mundo vai acabar!

— Bem, se o mundo vai acabar até às sete horas da manhã, meu amigo, o melhor que temos a fazer é ir para a cama e dormir! — acrescentei.

— Chico Xavier, você é maldito! Não é esse o grande Chico de quem ouvi falar! Vou fazer sozinho a pregação do fim do mundo!

E saiu.

Quando o Chico se levantou às seis horas da manhã e se dirigiu para o trabalho na fazenda, disse ele, viu uma porção de gente na porta da cadeia. Foi ver o que era. O homem estava preso. A polícia o recolhera. Chico foi pedir ao delegado que soltasse o infeliz.

Há muita gente que também enlouquece na angústia de realizar tudo desesperadamente. O cristão deve ser ponderado a fim de manter o equilíbrio. É natural que haja pregações do fim do mundo e para isso os profetas vêm à terra. Necessário é também que mantenhamos o senso da oportunidade e do equilíbrio.

Se o mundo não pode esperar até às sete horas da manhã, que se acabe então, porque nós aguardaremos serenos a vontade de Deus.

Os Presentes

Os espíritas que amam o Chico costumam lhe enviar alguma lembrança.

Os corações generosos e amigos acreditam que um presente é sempre uma mensagem de afeição, carinho e fraternidade.

Nós, porém, sempre acompanhamos de perto, na época em que estávamos mais junto do médium, essas recordações que lhe chegavam às mãos. Sempre com olhos de profundo agradecimento recebia ele aquelas coisas. E o amigo retornava feliz porque, naturalmente, acreditava que o Chico também estava feliz e iria aproveitar a lembrança.

Notamos, no entanto, que os presentes que o Chico recebia eram transferidos para as mãos necessitadas, pobres, sem recursos. Coisas de grande valor, objetos de pequeno valor, tudo corria através daquele rio que era o Chico com destino aos infelizes que precisavam de pão.

Pelo Natal de um desses anos, empregados, funcionários e diretores da Federação Espírita Brasileira, mandaram confeccionar notável encadernação do livro "Paulo e Estevão" toda cravejada de brilhantes. Rica peça que encantaria ao mais exigente magnata.

Chico recebeu a lembrança e os seus olhos se encheram de lágrimas. "Paulo e Estevão" revelava por Emmanuel a vida de dois grandes apóstolos. Ali estavam grafadas as recordações de Paulo que sofrera e morrera pelo Mestre, e de Estevão, o carinhoso anjo tutelar da cristandade nascente.

Recebeu e agradeceu.

Uma noite, porém, chovia torrencialmente. Bateram à porta e Chico foi atender. Era um caboclo envolto em capa rústica que vinha pedir uma receita para

pessoa enfêrma de sua família. Molhado e encharcado.

Chico recolheu-o com amor e deu-lhe a receita.

Foi quando o homem, muito sem jeito, explicou:

— Chico, agradeço a receita, mas não tenho dinheiro para comprar o remédio.

O santo de Pedro Leopoldo também não tinha. O que fazer?

Preocupado, meditativo, deu de repente com os olhos no "Paulo e Estevão" cravejado de brilhantes. Era uma jóia. Não teve dúvidas. Pegou o livro e entregou ao homem.

— Leve isso, meu filho, deve valer algum dinheiro, venda e compre o remédio ou troque pelo remédio.

O homem constrangido não queria aceitar, mas o Chico enfiou-lhe o volume por debaixo da capa e ele lá se foi no meio da noite cortada por relâmpagos.

* * *

"Senhor, o que devo fazer para salvar minha alma?

— Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Cumpre os mandamentos.

— Tudo isso tenho feito desde criança.

— Então vai, vende os teus bens, distribui com os pobres, vem e segue-me.

Mas o moço empalideceu porque tinha muitos haveres".

As coisas materiais costumam prender o nosso coração à terra. É preciso lutar e ter coragem para vencer-se a si mesmo, desprendendo-se do mundo.

"A imagem deste mundo passa", afirmou o Cristo.

E nós também passamos, repetimos nós. O tempo em sua marcha inexorável tudo vai destruindo.

"Só o amor constrói para a eternidade". A luta do homem tem que ser dentro do próprio coração, no interior da própria alma. Desprendido de tudo, Chico vai

distribuindo as parcelas de amor com seus irmãos de toda a parte. O que recebe na mão esquerda distribui com a direita e a outra não sabe .

Nada fica com ele, ou pouca coisa ficará para si. Tem vivido pobre, humilde e simples. Mas na sua simplicidade e na sua pobreza está a glória da imortalidade.

O Riacho da Saudade

À tardinha passeávamos com o Chico, nós e o Jair.

O sol começava a esfriar-se por trás das árvores de Pedro Leopoldo. Andávamos pelas ruas de terra aos clarões do astro que descia no ocaso.

Os pardais cantavam alegremente saltitando na terra, banhando-se na areia, na algazarra feliz dos pássaros de Deus.

Os passos arrastados, segurando nossos braços, um de cada lado, ia o amigo desfilando a sua palavra de intensa luz. Sentíamos-lhe a vibração e a bondade. Ouvíamos-lhe as palavras quentes e cantantes.

Muitos anos depois, lendo Vivekananda, na descrição da vida de Ramakrishna pensamos que o Chico é bem um novo Ramakrishna.

Quantas coisas disse então! Emmanuel a cada passo surgia na narração dos episódios interessantes. E ele ria, e nós também ríamos.

A noitinha surpreendeu-nos na longa conversa cheia de carinho e afeição.

Perguntou-nos o Chico se queríamos conhecer um lugar admirável que havia atrás da fábrica. Aceitamos o convite. Encaminhamo-nos para lá e ouvimos logo depois, o marulhar de um ribeiro que serpeava entre pedras e descia cantando pela encosta.

A lua coava-se através das folhagens das árvores esguias e a espuma atirada para o alto na queda precipitada das águas banhava-nos a face, como que pulverizado no ar.

Subíamos a encosta por entre a vegetação molhada daquele orvalho inesperado.

Espetáculo realmente extraordinário era o rendilhado das árvores esbatidas no luar que formava maravilhoso fundo de luz pálida. Os raios de luar incidindo na espuma lembravam os véus da noiva.

Uma pedra grande e uma árvore corpulenta detiveram-nos a marcha.

Chico pediu que fizéssemos uma prece. Sentia a aproximação de espíritos amigos: Emmanuel, Casimiro, Quental e outros.

Oramos no silêncio da noite. Só nós três. Orquestra de suaves acordes era o riacho que se esbatia nas pedras.

Foi quando Emmanuel tomou o Chico e, sobre algumas folhas de papel que havíamos levado, grafou a suave e belíssima prece:

Ante o Céu Estrelado

Senhor,
ante o céu estrelado,
que nos revela a tua grandeza,
deixa que nossos corações se unam
à prece das cousas simples.

Concede-nos, Pai,
a espontaneidade das flores,

a fidelidade da erva tenra,
a perseverança das águas que procuram o re-
pouso nas pronfundezas,

a serenidade do campo,
a brandura do vento leve,
a harmonia do outeiro,
a música do vale,
a confiança do inseto humilde,
o espírito de serviço da terra benfazeja,
para que não estejamos
recebendo, em vão, tuas dádivas
e para que o teu amor resplandeça
no centro de nossas vidas,
agora e sempre.
Assim seja.

Depois veio o delicado Casimiro que grafou "No Castelo do Amor" em quadras magistrais, numa singela mas profunda homenagem à nossa amizade.

Antero de Quental, o inspirado poeta, desferiu através de sonetos imortais, o seu canto de imortalidade.

O ambiente, antes suave e belo, tornou-se repentinamente sagrado. O silêncio solene daquela hora parecia vir das profundezas da eternidade.

Chico parou de escrever, descreveu para nós o outro lado da vida e falou dos companheiros espirituais que ali estavam nos visitando.

Jair olhou o rio e chamou-o de "riacho da saudade." De fato, na distância do tempo, uma grande saudade daqueles momentos tem enchido a nossa alma.

— Muitas vezes venho aqui, disse o Chico, e converso com os amigos e benfeitores da vida maior. Aqui medito e penso. Vejo cenas de Roma e recordo especialmente a França. Sabe, Ranieri, você tem mais facilidade para receber espíritos europeus, franceses e inglêses, porque viveu em outras existências no meio dos escritores franceses. Eu recebo com facilidade espíritos de língua portuguêsa e espanhola porque vivi em existências passadas na Espanha e em Portugal. Meu psiquismo é da língua portuguesa e espanhola.

— Quer dizer que os espíritos mantêm a linguagem de certas encarnações? — perguntamos.

— De certo. Digo mais, "no espaço das nações" geralmente os espíritos falam a língua dessas nações.

Muitas outras coisas conversamos com o Chico. O luar brilhava no espaço como imensa nave luminosa. A espuma das águas saltava sobre o rio no galope de cavalos brancos de crinas esvoaçantes, o qual relinchava na alegria de despenhar-se em voltas e rodopios como crianças louras em desabalada corrida.

Descemos a encosta comentando a presença dos espíritos. A noite ia alta e nossas almas haviam atingido as regiões da Palestina, relembrando a felicidade dos primeiros cristãos que louvavam o nome de Deus.

Cinco Mil Anos Depois

Belo Horizonte esplendia na claridade do sol, no alto de Santa Teresa. Dali, via-se a cidade do lado de Santa Efigênia e o Cruzeiro, silencioso, no monte, lembrava o Cristo Crucificado.

Chico prendia-nos o braço e andávamos pelos caminhos do Horto, conversando, comentando e meditando. Nossos passos vagarosos conduziam-nos, a cada instante, a um ângulo diferente que nos descortinava sempre uma visão nova. Conversávamos e olhávamos a

natureza. O casario brilhava na tarde mineira. As nuvens pareciam desenhar figuras no céu e nossos corações palpitavam no sonho dos cristãos. De momento a momento, recordávamos Roma e os acontecimentos de nossas vidas pareciam ter ocorrido ontem. A atualidade da presença de Roma dos Césares era permanente.

Falávamos de nós e de muitos companheiros nossos. Renúncias e sacrifícios através dos tempos foram recordados, levemente, e grandes figuras do Cristianismo primitivo se viram focalizadas pela palavra do amigo. Fazíamos aqui e ali algumas observações que o estimulavam a maiores esclarecimentos.

As lutas de muitos espíritas, ora reencarnados no Brasil vieram à baila, e Chico nos afirmou:

— Ranieri, nós formamos uma família espiritual que vem lutando pela Espiritualização juntos, há mais de cinco mil anos antes de Cristo.

Em face dessa afirmativa demos uma gostosa gargalhada e exclamamos:

— Puxa! E até hoje não melhoramos? Cinco mil anos e somos quase que os mesmos?

Chico também riu e tornou a falar.

— Isso não é nada. Há dias, esteve em Pedro Leopoldo um espírito que em Roma se chamou Júlio... e vinha ainda bravo. Não é a primeira vez que é trazido a Pedro Leopoldo. A mãe dele, que é espírito esclarecido e bom, intercedeu junto a Emmanuel para ajudá-lo. Há dois mil anos esse espírito vive perturbado, e nada ainda conseguimos, apesar de toda a doutrinação. A mãezinha dele, coitada, geralmente se retira em lágrimas. Mas o tal Júlio ainda quer mandar,

quer matar, e tem terrível ódio de muita gente que anda por aí...

— E onde está essa família espiritual que somos nós? — interroguei.

— Uma parte aqui em Minas, uma parte no Rio, outra em São Paulo, e outra no Sul. Por toda a parte do Brasil, há sempre alguém da família. Há também gente na Europa e em outros países da América e do mundo, mas a maioria está mesmo no Brasil.

* * *

O sol entrava no ocaso como uma nave de ouro. As nuvens antes esbranquiçadas foram mudando de cor, desde o vermelho-fogo, passando pelo rosicler até o cinzento de fim de tarde...

Em nossa mente brilhava, porém, a notícia daquela família espiritual que vinha lutando unida há cinco mil anos antes de Cristo. Pensávamos no nosso Chico e meditávamos na grandeza de Deus. Através dos milênios, vínhamos juntos trabalhando pela nossa reforma interior, resgatando a cada passo as nossas dívidas e colaborando, embora humildemente, com a difusão dos princípios superiores.

Aquêle sol que se apagava era o mesmo que assistira à vinda do Cristo e a lua que haveria de surgir mais tarde era ainda a mesma lua e nós estávamos ali, ainda, almas que atravessavam o tempo e aves que voavam através da eternidade.

Chico apertou-nos mais fortemente o braço, como quem estivesse lendo o nosso pensamento, e nós mergulhamos em profunda meditação.

Aquêle que der a sua Vida Alcançará

Arlette conversava com o Chico e falavam de materializações de espíritos. Os fatos ocorridos na América do Norte relativos à materialização de espíritos à claridade do dia, num campo, onde se reuniam milhares de pessoas era o tema da conversa.

Chico trouxera-nos uma revista que tratava do assunto com fotografias de espíritos e nos dera a publicação. Falava ele sempre com grande entusiasmo das materializações. Assunto que sempre o empolgou. Há uma alegria extraordinária em sua alma quando fala disso. Era com satisfação que comentava as materializações com o Peixotinho e no mês de maio de 1967 ainda nos disse, agora ,tanto tempo depois da conversa com Arlette:

— Ranieri, que grande médium era o Peixotinho! Acho que nunca mais surgirá outro igual!

Respondemos:

— Para Deus nada é impossível! Mas também achamos difícil outro igual.

Arlette então disse ao bom amigo:

— Chico, você não acha que não é qualquer médium que materializa espíritos? Essa gente pensa que isso é assim, muito simples, coisa fácil!

— Também acho, Arlette, você tem razão, respondeu ele. Mas uma coisa lhe digo: "quem der a vida consegue"... "quem dedicar a própria vida".

— Não diga, Chico, é assim?

— Diz Emmanuel que é. Se queremos conquistar espiritualmente devemos entregar a própria vida.

Ouvíamos silenciosos. O assunto era novo e a afirmativa arrojada. Naturalmente, nem todos se entre-

garão de corpo e alma ao trabalho espiritual. Com certeza cada médium, na sua especialidade, se se dedicar de corpo e alma ao trabalho cristão, alcançará o desenvolvimento de suas faculdades espirituais.

De algum modo o Senhor lhe enviará a sua força e o seu poder .

"Aquêle que perseverar até o fim será salvo", disse Jesus.

O espírito recebe a palavra do Cristo assim como a terra recebe a semente.

Na terra a semente germina e se desenvolve.

No espírito, a palavra do Cristo também germina, se desenvolve e cresce.

"Aquêle que der a sua vida consegue".

Grande esperança para todos. Temos visto que, de fato, os médiuns que durante anos se dedicaram com trabalho e sacrifício, boa vontade e compreensão, à tarefa que lhes foi concedida, acabaram vencendo e morrendo modesta, mas gloriosamente.

O Rei dos Visigodos

Jésus Gonçalves estava em Pirapitinguí, sanatório para hansenianos. Perdera os braços, as pernas, parte das orelhas, corroído pelas feridas da lepra.

Tronco humano, vivia sobre uma cadeira, tendo os olhos como estrelas vivas e o pensamento cintilante como um sol. Suave e vibrante poeta, a sua alma era também uma harpa espiritualizada que vibrava ao sôpro da bondade e do amor. Seus sonetos de mágica expressão impressionavam pelo talento, pela profundidade das idéias e pela sonoridade da forma. Extraordinária criatura. Cabeça e tronco contemplava a vida e sorria pa-

ra todos, sempre com a palavra de conforto nos lábios. O Brasil espírita inteiro acompanhava-lhe o pensamento através dos versos rutilantes e recebia notícias dele através daqueles que o visitavam e que de lá vinham cheios de reconforto, pois era fantástica a vida daquele homem sem membros que abençoava a vida. Trapo humano, emergia de si mesmo para a glória de Deus. Chico falava-nos muito dele. Havia escrito uma série de sonetos notáveis. Um dia, morreu.

Conta o Chico que estava, em Pedro Leopoldo, concentrado, quando se aproximou luminoso espírito, de grande beleza que exibia no peito, em pleno coração, verdadeiro sol de luminosidade e nas pernas e nos braços lhe brilhavam enormes estrelas de luz.

— Não me reconhece, Chico? Eu sou Jésus Gonçalves.

— Chico contemplou-o extático.

— Como você está belo, Jésus! E essas estrelas de luz que brilham em você?

— Essas, Chico, são as feridas maiores que na Terra o Senhor me concedeu. Outrora fui Alarico, rei dos Visigodos e, em corcéis espumantes, galopei por toda a parte, espalhando a dor e o morticínio, como se eu fosse o gênio da morte! Destruí cidades e pisei sob meus pés jovens e velhos, mulheres e crianças. Por toda a parte levei a morte e a destruição e Deus deu-me, por isso, "um reino de feridas". Agora, após sofrimentos inauditos retorno e como vê, meu caro, em sua misericórdia, o Senhor me recuperou para a vida eterna.

Chico não se cansava de admirar Jésus Gonçalves, o outrora rei dos Visigodos, dono de um reino de homens e esplendores e que um dia renasceu no mundo e recebeu um reino de feridas para sua ressurreição.

Conversaram e Chico começou a **receber** os admiráveis sonetos que constam de "Flores de Outono".

Quem lê o livro, composto de duas partes: a primeira, quando reencarnado na Terra, vê que não há diferença alguma de estilo, sonoridade, beleza e profundidade de idéias. O espírito é o mesmo e a fidelidade através do Chico é impressionante.

Porém, nada iguala a grandeza daquela visão do Chico: a chegada do espírito que tinha no organismo espiritual rosas ou estrêlas de luz, justamente nos lugares onde existiram feridas hediondas. Onde o horror fora maior, o Cristo em sua bondade mandara colocar a sublime luminosidade da vida eterna.

"Não sairás de lá enquanto não pagares o último ceitil". Essas as palavras de Jesus Cristo, mas dissera também: "De que vale a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"

Jésus Gonçalves, pelo contrário, tronco humano corroído pela lepra numa cadeira de inválido, consolando os que o visitavam e que eram fisicamente perfeitos, "perdera o mundo inteiro" mas ganhara a sua própria alma.

Como recompensa pela paciência e resignação com que aceitara tudo, lembrando um novo Jó, exibia agora a força luminosa do espírito imortal que encontrara o Reino de Cristo.

O Professor

Em numerosas obras recebidas em Pedro Leopoldo, encontramos o nosso Emmanuel. No "Há Dois Mil Anos", é o orgulhoso senador romano, Publius Lentulus, que defrontou, um dia, Jesus, à margem do lago e não

teve coragem de segui-LO, perdendo, num minuto, no dizer dele mesmo, Emmanuel, a glória da imortalidade com Jesus, o que o obrigou a peregrinar pelo mundo durante dois mil anos. Em **50 ANOS DEPOIS**, o mesmo Emmanuel é Nestório, o escravo grego, já sábio naquela época, preceptor das filhas de Helvídio Lucius. Em "Renúncia", é o padre Damiano, ainda filósofo e amigo, pregando os ensinamentos cristãos. Em "Ave Cristo!", é o filósofo Basílio, conhecedor de música, que andava pelo mundo sofrendo pelo Cristianismo. No Brasil, foi Manuel da Nóbrega, Geral da Companhia de Jesus. Essas as reencarnações conhecidas, que ora revelamos. Escreveu a letra da canção "Almas Gêmeas", portanto, poeta de altíssima inspiração.

* * *

Volta e meia alguém perguntava ao Chico a respeito de sua instrução.

— Só tenho e mal, o Grupo Escolar, mas sempre li muito. Gostava de ler e gosto.

O desejo de saber se Chico tem cultura para escrever os livros que escreve é grande. Vendo-o conversar e abordar certos assuntos, muitos ficam admirados e o Chico sempre diz:

— Isto não é meu. André Luiz é que está falando. Ouço de novo Emmanuel.

Uma noite, conversávamos e houve então quem perguntasse:

— Chico, você tem algum conhecimento, alguma cultura, sabe alguma coisa?...

Apesar de um tanto indelicada, a pergunta não ofendeu o santo, que respondeu:

— Eu só tive o Grupo Escolar, mas você sabe, convivendo com Emmanuel que é um excelente professor,

durante trinta anos, você não acha que mesmo sendo muito **burro** como eu sou, apesar disso, pude aprender alguma coisa? Emmanuel, meu filho, me ensinou até gramática!

E o chico deu uma gostosa gargalhada.

— Uai! É isso mesmo, meu querido. Sou um aluno, um mau aluno, mas sou!

* * *

A voz suave e alegre do Chico, os seus comentários em torno do que disse, como que para amenizar suavemente os efeitos da resposta ainda ressoam aos nossos ouvidos.

— É ou não é, Ranieri, você também não acha? Emmanuel é um grande professor! Para me aturar, só mesmo a bondade dele!

A alegria contagiante do Chico dispersou qualquer apreensão. E ele, tomando-nos pelo braço e ao interrogando também acrescentou:

— Vamos para a "boite", vamos tomar café com pão e manteiga!

Todos rimos, mas fomos.

O que ele chamava "boite" era a casa de seu irmão, onde após as reuniões, levava os amigos para o café da noite.

Entramos na casa de André, piso de tijolos, simples, como deveriam os primeiros cristãos entrar na casa de Pedro, o apóstolo, humildes e felizes.

Em cada rosto um sorriso brilhava como se naquele pedaço de pão e naquela caneca de café estivesse todo o tesouro do mundo.

Apontamentos — O Planêta "Chupão"

Quando alguém se interessa por assunto de ordem científica, é comum ao Chico receber a orientação de Emmanuel ou de algum espírito ligado à ciência e responder. Aí, entra ele em considerações exatas de grande conhecimento. Vimo-lo algumas vezes abordar assuntos referentes à Astronomia e, nos primórdios da divulgação dos conhecimentos modernos, à energia atômica. Certa ocasião, há muitos anos, logo que Fleming descobriu a penicilina, ouvimo-lo dizer:

— A penicilina, segundo Emmanuel, oferece grande perigo à saúde humana embora seja notável medicamento. O doente poderá ver o seu corpo se cobrir de feridas! Os médicos precisam ter cuidado com ela!

Só muitos anos, mas muitos anos depois, é que vimos confirmada essa orientação, quando tivemos oportunidade de ver enfermos com o corpo cheio de feridas, causadas por administração da penicilina.

Naquela sua simplicidade vai, às vezes, desfilando referências a fatos que virão a se confirmar muitos anos depois. Antes de surgir Ramatis, Chico já falava num planeta que vem aí! Dizia:

— Vem aí o planeta "Chupão", muito maior e mais pesado que a Terra, de vida primitiva, para onde irão todos os espíritos que ainda não possuem os sentimentos de fraternidade. As criaturas que tiverem vibrações pesadas, produzidas pela maldade serão "chupadas" ou atraídas quando ele passar por nós. Haverá muitas perturbações na Terra, terremotos, etc., que só serão muito mais tarde identificados como produzidos pela presença desse planeta. Ele já está no céu e, em breve, a ciência irá descobri-lo.

Realmente, alguns anos depois, astrônomos inglêses e americanos perceberam no céu um novo planeta, desconhecido, que se aproxima. De acordo com seus estudos, muito maior e mais pesado que a Terra. Vem por aí. Para ele irão as almas dos que não querem progredir nem evoluir. Haverá um saneamento da Terra.

* * *

Recorda-nos esse fato a afirmativa do Cristo: "Os bons herdarão a Terra". Os católicos e os protestantes não saberão interpretar essa passagem do Evangelho. Ora, não seria natural que os **bons herdassem o céu?** Mas Jesus não disse que **os bons herdarão o céu,** Ele foi claro e declarou que os bons herdarão mesmo é a Terra. Mas se aceitarmos que os espíritos maus, inferiores, atrasados, partirão da Terra para esse planeta, e, aqui ficarão os bons, compreenderemos porque o Senhor disse: "Os bons herdarão a Terra". Herdarão mesmo, vão herdar, e não demorará muito tempo.

* * *

Alguém nessa ocasião perguntou ao Chico:

— Chico, como é que pode ser? As criaturas vão morrendo e outras vão nascendo, de onde vem essa gente?

— Meu filho, respondeu ele, a população de nosso Globo, incluindo os encarnados e os desencarnados, é de trinta bilhões de almas.

Vinte e oito bilhões fazem pressão sobre dois bilhões. Nós sofremos a pressão dessa massa toda. De maneira que assim, há muita gente do lado de lá para vir para o lado de cá. Uai, não está certo?

Compreendemos, então, que vivemos envolvidos por uma onda de criaturas espirituais das mais diversas es-

pécies. No meio dessa gente toda, lutamos e recebemos o impacto de suas vibrações, pensamentos e angústias.

Estão conosco, nos rodeiam, procuram interferir em nossa vida, e interferem numerosas vezes, e nós não os vemos. São as testemunhas de nossos atos e os companheiros invisíveis de nossos passos. No entanto, um dia, tocados pela lei de evolução, haverão de emergir das trevas para a luz!

A Prece

Foi por volta de 1946-1947. Chico freqüentava nossa casa aos sábados e domingos e recebia nessa época o "Libertação". Durante a semana, às vezes, íamos a Pedro Leopoldo e convivíamos com ele, ouvindo música.

Conversando sobre as coisas espirituais. Gostava do Concerto de Varsóvia e era com intensa vibração que acompanhava o desenrolar da peça musical. Acompanhava-nos o Jair. A recepção do livro por se desenvolver em zonas inferiores atraía espíritos de baixo teor vibratório. Chico pela manhã, aos primeiros clarões do sol, saía para a Fazenda Modelo onde prestava os seus serviços. À tardinha, retornava pela estrada de terra. Comumente ia numa espécie de carroção puxado por animais, outras vezes a pé.

— Parece que a recepção da obra despertara a fúria de uma legião de espíritos inferiores que o atacavam de todos os modos. Uma tarde, quando retornava do trabalho, contou ele que foi cercado por mais de seiscentos espíritos armados de pau que vociferavam e tentavam e ameaçavam agredí-lo.

Aflito, não sabia a quem recorrer.

— Você é que é o Chico Xavier? — gritavam. Maldito! Você agora vai ver!

Em gritaria avançavam contra ele.

Vendo-se perdido, caiu de joelhos ali mesmo na estrada e orou a Jesus pedindo humildemente o seu auxílio. Notou assombrado que a prece humilde dissolvia a legião dos maus espíritos, que, em breve, desapareceram.

Logo em seguida, apareceu Emmanuel. Daí em diante, o benfeitor espiritual passou a acompanhá-lo na marcha de volta.

— É interessante salientar o poder da prece. Nessa época nós havíamos recebido um livro de poemas em prosa de Charles Beaudelaire e ali havia sido incluído um poema, que também fala quase do mesmo modo do poder da prece.

Na oração o homem, na verdade, encontra a sua fortaleza e a sua proteção. A prece consola, ampara e levanta o ânimo, afasta os espíritos desorientados que buscam o nosso desequilíbrio e constrói uma ponte entre a Terra e o Céu. Nela repousaremos a alma cansada e encontraremos Jesus.

Uma simples oração pronunciada com sinceridade e amor pôde afastar seiscentos espíritos...

"Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, disse o Senhor, diríeis a uma montanha: põe-te daqui para ali e ela se poria".

Infelizmente, o homem não procura desenvolver a fé no interior de sua alma. Na realidade, a fé é como uma planta que precisa de ser tratada todos os dias recebendo água, luz e ar para sobreviver.

Cuidemos, cada dia, dessa planta imortal que Deus nos entregou para que pudéssemos através dela caminhar até Ele.

E por certo, pela certeza e confiança n'Ele de que nos visitará todos os dias de nossa vida, haveremos de encontrar o bálsamo para as nossas dores e a cura para as nossas almas.

Casamento

Convidado para uma festividade de importância espiritual, o nosso Chico compareceu. Muita gente. Todos queriam vê-lo. Ali também fora ter a filha de um embaixador da Argentina. Em determinado momento, o médium **recebeu** Emmanuel que passou a falar através de sua organização mediúnica. A voz suave e serena do sábio espiritual despertou imediatamente violenta paixão ou amor na moça.

Quando terminou, aproximou-se do Chico, conversou com ele, agarrou-o pelo braço e não o deixou mais.

Dali em diante, seguia-o por toda a parte. Diz o Chico que, apesar de se esquivar sempre, uma noite quando se preparava para os passes, assim que entrou na cabine, ela entrou atrás e fechou a porta com a chave, tirando-a da fechadura. O médium surpreendeu-se com a atitude inesperada e ainda não se havia libertado da surpresa quando a moça tentou abracá-lo, declarando-lhe, apaixonadamente, o seu amor. Compadecido, exclamou o santo amigo:

— Minha filha, não tenho programa de casamento. Não valho mais nada e seria a sua infelicidade.

— Mas eu adoro a sua voz! Quero me casar com você!

— A voz não é minha, é de Emmanuel, você se apaixonou foi por Emmanuel e não por mim! Tenha paciência, minha filha, Jesus há de nos ajudar. Você

encontrará um homem bom que a fará feliz. Eu já não sou mais homem. Nada posso fazer!

A moça, no entanto, não se conformava. Chorou e o Chico passou momentos de pena e de grande aflição. Enfim, conseguiu abrir a porta e sair para o trabalho da noite.

Ela, porém, não desistiu.

* * *

Tempos depois, Chico recebeu uma carta do embaixador, pai da moça, em termos incisivos e delicados, pedindo a mão do Chico em casamento para a sua filha e, entre outras coisas, dizia:

"Sei que o senhor é homem pobre, de côr, mas como tenho uma filha só e sempre lhe fiz todas as vontades, assim como desejo que ela seja feliz, conformo-me e peço-lhe que se case com ela. Darei o dinheiro necessário para que tenham todo o conforto, etc., etc."

Mais ou menos essa linguagem.

Chico respondeu ao bom embaixador, com toda a delicadeza que, infelizmente, não poderia aceitar a sua proposta. Estava entregue ao serviço do Senhor e não dispunha de tempo para casar.

Dizem que até hoje a moça não desistiu...

Quem não tem os seus problemas? Até o Chico tem. E sérios...

* * *

Naturalmente, entre aquela multidão que o procura todos os dias, poucos acreditarão que ele sofra e tenha dificuldades. Os santos também enfrentam situações extraordinárias e difíceis. A vida humana é estrada pedregosa, áspera e dura. E a tentação visita até aquê-

les que já se colocaram em posição de meditação e trabalho espiritual.

No alto do monte, Jesus foi tentado pelo demônio: "Não está escrito que os anjos o ampararão na sua queda? Atira-te daqui lá em baixo. Adora-me e eu te darei todos os reinos da Terra" — propôs Lúcifer.

Também está escrito — respondeu o Mestre: "Não tentarás o Senhor teu Deus".

É preciso que estejamos preparados para as horas graves. Cada um em seu setor de atividades defrontará a tentação sob as mais variadas formas: às vezes na visão da mulher sedutora, outras vezes na imagem do dinheiro ou na grandeza terrível e perturbadora do poder.

Vigia teus passos para que possas dizer com humildade:

— Perdoa-me, já não valho mais nada. Jesus há de nos ajudar para que nos libertemos.

Na oração do "Pai-Nosso", ensinou Jesus:

"Não nos deixeis cair em tentação
e livrai-nos de todo o mal".

Façamos isso e viveremos.

Tentação

No cair da tarde, chegamos a Pedro Leopoldo. Passamos pela estrada que margeava a Fazenda Modelo onde trabalhava o Chico. O sol coava-se através das árvores e da folhagem do bambu, que, como uma renda de verdura, cobria o caminho. Terra seca, a poeira balouçava nas folhas das árvores e nos braços da vegetação. Nossos olhos pasciam nos campos e, aqui e ali,

os bois pastando, nos arrastavam ao bucolismo da paisagem.

O coração voltava à infância. Vinham-nos à mente os versos de Casimiro:

Oh! Que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!

Como tudo aquilo era belo! Pungia-nos a alma um estranho sentimento.

Um passado que nós não sabíamos determinar brincava em nossas almas. Todos, porém, estavam alegres e felizes. Íamos ver o Chico. E se ele não estivesse?

Entramos na fazenda e fomos encontrá-lo no serviço humide de escriturário. Conversamos alegremente e o Chico nos disse:

— Vejam só: prestei concurso para o meu cargo e fui reprovado!

Corremos com ele alguns departamentos da fazenda. À tarde o gado sadio viera para a retirada do leite e o Jair não resistiu à tentação de tomar um copo de leite, espumante, retirado na hora.

Convidou-nos o Chico para irmos à sua casa e falou:

— Eu irei no carroção. Encontro-me com vocês lá.

Vimo-lo subir na carroça que levava os lavradores para a cidade, no fim do dia.

Afastara-se por entre as sombras das folhagens aos últimos raios de sol.

Mais tarde, encontramo-lo e comentamos a beleza da estrada. Falamos também a respeito do trajeto que ele fazia, todos os dias, para trabalhar.

— Às vezes, faço esse caminho a pé — disse o Chico. Vou pela manhã, às seis horas, e volto à tarde, também pelas cinco ou seis. Sabem que quase sempre encontro espíritos pelo caminho? Quando estou **recebendo** algum livro“ “a pressão mediúnica” se torna muito grande. Os espíritos maus, então, vêm, desafiam-me e me atacam. Dizem nomes feios, horríveis. Quando recebi “Libertação” me aconteceu o seguinte: voltava para casa quando defrontei na estrada mais de seiscentos espíritos maus que me atacaram. Diziam impropérios. Vociferavam. Muitos armados de paus.

— Miserável! Protegido! — gritavam eles. Fiquei assustado. Meu coração batia descompassado. Estava sozinho. Foi quando me lembrei de orar. Caí de joelhos e fiz uma prece sentida em favor daqueles irmãos. Compreendi que ia morrer, atacado por eles. Mas pedi a Deus que os perdoasse e que os amparasse. Que lhes abrisse a visão e lhes desse a luz espiritual. Logo, fui surpreendido com um fato estranho: aquelas figuras e aquelas sombras começaram a se desfazer e a desaparecer aos meus olhos atônitos. Quando terminei a prece não havia mais ninguém. Em seguida, Emmanuel me apareceu e falou demoradamente sobre o valor da oração, única força que poderá nos proteger. Tenho procedido assim, todas as vezes que essas criaturas me aparecem e sempre Jesus me auxilia. O nosso caro Emmanuel, também, não nos abandona.*

Chico falou e nós, com os olhos da matéria, ficamos vendo a estrada que ele percorrera e mentalizamos aquêles seiscentos espíritos desvairados que vinham atacá-lo e desafiá-lo.

— Sempre que recebo livros passo por esses sofrimentos. Olha, um dia destes fui tomar banho e no chuveiro estavam três espíritos de mulheres nuas que sorrindo me convidaram para tomar banho com elas. Recorri à oração e tratei de dar o fora...

(*) Ver página 105

Ouvindo o Chico, vêm-nos ao pensamento aquêle maravilhoso livro de Anatole France — “Thais” — e a figura do Santo Pafnufio que se propusera salvar a mulher a quem amara na mocidade. O seu anseio era puro e o seu propósito era santo, mas não demorou e o eremita viu que a sua cela começara, pouco a pouco, a se encher de criaturas estranhas em forma de ratos que acabaram por expulsá-lo do recinto. Na realidade, o melhor é afastarmo-nos do mal. Até os santos são tentados. Os espíritos que vivem nas trevas, às vezes se comprazem em desafiar os que buscam a luz. Se nosso mestre morreu na Cruz, o que poderemos esperar nós que somos discípulos imperfeitos?

Oremos e vigiemos.

A fôrça da oração que traduz amor verdadeiro é a única fortaleza que nos protegerá. (*)

Nas Materializações

Não há nenhum aspecto do problema mediúnico que não tenha interessado ao Chico. Sempre observei a sua mente viva, ansiosa, buscando estudar ou compreender todas as faces da mediunidade. De fato, o assunto é apaixonante. E o fenômeno materialização não poderia ser esquecido.

Foi com entusiasmo que o Chico recebeu o Peixotinho e com o mesmo entusiamo realizamos algumas reuniões de materializações. Sem a nossa presença, o Chico sempre recebeu o Peixotinho e, em Pedro Leopoldo, realizou belíssimas reuniões de materializações. Desfilaram a Scheilla, o Fritz, o Zé Grosso, o Garcês, Aracy,

(*) Ver o Capítulo —, “A PRECE”, que também aborda o mesmo assunto.

Heleninha, Maria João de Deus, Fidélio, Fidelinho, e uma infinidade de espíritos que se materializaram ante os olhos do Chico. Interessante e mais do que interessante, fato comprobatório, é que sempre antes de os espíritos se materializarem, o Chico acusava a presença deles no recinto. Às vezes, mesmo, recebia quadras, versos soltos (ou sob outra forma) e mensagens por audiência. Assim é que certa vez o Zé Grosso lhe transmitiu, antes de se materializar, esta quadra dirigida ao Jaks Aboab:

O nosso Jaks falando,
Amigo, consolador,
É um trovão de Jesus Cristo
Na tempestade do amor!

Interessava-se o Chico profundamente pelas materializações e ainda hoje se interessa. Além do Peixotinho, assistiu a reuniões com o Fábio Machado, compareceu às nossas reuniões do Grupo de Belo Horizonte, sempre nos estimulando, sempre comentando, sempre falando sobre o assunto.

Foi com a maior alegria e satisfação que registrou os fatos nas costas das fotografias que vêm no "Materializações Luminosas" e comumente nos perguntava quando o livro iria sair. Há pouco, quando estava no prelo o "Forças Libertadoras", tendo notícia dele, nos disse: Será uma obra de grande valor para a nossa doutrina..."

A sua presença às reuniões de Otília Diogo, e, segundo notícias últimas, as reuniões que vem realizando com o Júlio César e as que fez com o José Jorge, também do Movimento da Fraternidade, falam claro do seu interesse pelas materializações.

Certa ocasião, entusiasmado com os fenômenos, nos deu uma revista americana, na qual apareciam materializações de espíritos em pleno campo e de dia, nos Estados Unidos.

É, pois, de estranhar que muitos espíritas e até espíritas de grande projeção considerem as materializações assuntos de terceira classe e fenômenos de ordem inferior. Nós as consideramos **os mais elevados fenômenos realizados pelos espíritos em nosso mundo.** Comparável só às viagens dos astronautas em seu esforço de atravessarem o Cosmo e pousar em outros mundos!

Estão ou não estão na retaguarda dos astronautas os maiores cientistas que a humanidade já produziu? Assim também na retaguarda espiritual devem permanecer, enquanto os espíritos se materializam, os maiores cientístas do outro plano que lá existem.

Pouca gente sabe que o Chico realizou muitas reuniões de materializações com a sua própria mediunidade de materialização. Emmanuel e outros espíritos se materializaram por ele. Essa idéia de que só espírito inferior é que se materializa é uma idéia que deve ser afastada da cabeça dos espíritas. Nos ambientes comuns de nosso mundo é natural que se materializem só os menos evoluídos. Mas se nós prepararmos um ambiente mais puro, menos pesado, os mais elevados também virão, porque até Jesus veio a este mundo. Quanto mais elevado o espírito, mais humilde...

* * *

Estávamos em Uberaba, em maio de 67, e estando com o Chico lhe falamos das materializações e lhe propusemos umas reuniões em comum.

Ele nos respondeu:

— Vejam se convencem o Zé Jorge. Com ele nós faremos reuniões de materializações. É um bom médium.

Zé Jorge havia perdido o filho de 13 anos em circunstâncias trágicas.

Chico passara a noite toda em sua casa, consolando-o e à esposa, que se derramava em pranto.

Falamos com o Zé Jorge. Este ficou de estudar o assunto. Estamos aguardando. Se ainda não se realizaram essas reuniões, não dependeu do Chico. Temos tido, no entanto, notícias de que há alguns meses atrás o Chico realizou algumas reuniões com êxito em Uberaba. Luzes, muitas luzes e outros fenômenos.

Não bastasse isso, para afirmar a excelência dos fenômenos de materializações, lembraríamos a materialização de Jesus Cristo, após o Calvário; e quando apareceu: primeiro à Maria Madalena, depois aos discípulos na estrada de Emaús e por fim a todos os seus amigos, no Cenáculo.

Os livros de André Luiz apresentam aqui e ali espíritos que se materializam vindos de outros planos. Assim, encontramos no "Libertação", Gúbio servindo de médium de materialização de maneira a que Mathilde pudesse se apresentar ao filho amado...

Como fugir da verdade? O que acontece é que geralmente os espíritas querem assistir às materializações sem deixar de tomar a sua cerveja ou o seu "whisky", a sua pinga com limão ou o seu aperitivo, sem deixar de fumar, sem deixar de comer carne e sem deixar de controlar os maus pensamentos...

> Paz exige paz.
> Amor exige amor.
> Disciplina exige disciplina.
> Dá e receberás.
> Pede e hás de receber.

Sem esforço, trabalho, dedicação e sacrifício nada alcançaremos.

Muito será pedido a quem muito recebeu.

O Tempo da Justificação

Naquele dia, havíamos ido a Pedro Leopoldo em companhia dos amigos de Belo Horizonte, e, entre eles, se encontravam o Peixotinho e o Inácio, que vieram do Rio.

A tarde morria no horizonte. Os versos de Castro Alves, contemplando o sol poente, nos vinham ao pensamento:

> "A tarde morria! Nas águas barrentas
> As sombras das margens deitavam-se longas;
> Na esguia atalaia das árvores secas
> Ouvia-se um triste chorar de arapongas.
>
> A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
> Das pedras, do líquen, das heras, dos cardos,
> As trevas rasteiras com o ventre por terra
> Saíam, quais negros, cruéis leopardos.
>
> A tarde morria! Mais funda nas águas
> Lavava-se a galha do puro ingàzeiro...
> Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
> Em músico estalo rangia o coqueiro.
>
> Sussurro profundo! Marulho gigante!
> Talvez um silêncio!... Talvez uma orquestra!...
> Da folha, do cálix, das asas, do inseto...
> Do átomo à estrela... do verme à floresta!...

As garças metiam o bico vermelho
Por baixo das asas — da brisa ao açoite;
E a terra na vaga de azul do Infinito
Cobria a cabeça co'as penas da noite!

Somente por vezes, dos juncos das bordas
Dos golfos enormes daquela paragem,
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,
O vôo encurvavam medrosas, à toa...
O tímido bando, pedindo outras praias
Passava gritando por sobre a canoa!

Corcel da juventude, nosso pensamento também voava nas asas do maior poeta brasileiro:

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas...

Chico segurava-nos o braço. Do outro lado, Peixotinho. Caminhávamos a passos largos pelas ruas de terra. Os amigos riam. O Chico contava casos do mundo espiritual. Cumprimentou duas velhas que estavam na janela e disse: essas irmãs são aquelas do caso da barata...

Sorrimos. O caso era triste e engraçado ao mesmo tempo. Haviam convidado o nosso amigo para almoçar na casa delas. Mesa limpa, toalha de brancura lirial, uma boa farofa... Mas junto com a farofa veio a barata. Chico preparou-se para tirar a barata do prato, com muito jeito, a fim de jogá-la debaixo da mesa...

Súbito, Emmanuel apareceu e disse:

— Chico, o que é isso? Coma a barata!

Chico engoliu em seco.

— Comer? De que maneira? Onde já se viu comer barata?!

— Não? — exclamou o sábio espiritual. Então, você vai deixar essas pobrezinhas passarem vergonha? Deixar no prato você não pode. Jogar debaixo da mesa será o mesmo. Poderão encontrá-la depois. E a consciência?...

Chico olhou as velhas sorridentes, felizes com a sua presença ali na casa. Olhou Emmanuel... e também, sorrindo, sorrindo, foi comendo a baratinha devagar... muito devagar mesmo...

A lembrança veio e fugiu de nossa memória. Atravessamos a ponte, e seguimos em direção ao campo. Rindo, alegres, felizes...

No campo, sentamo-nos.

Emmanuel veio e começou a falar pela boca do grande médium:

— "Estamos no tempo da Justificação de que nos falam as Escrituras. Cada um procura cumprir ou resgatar as suas dívidas. reparar os seus erros... Nossa época ainda é de temor e sofrimento. Não alcançamos, por certo, a felicidade. O mundo é mundo de dor, de incompreensão, de ódio e de guerra. Mas Deus nos concedeu a oportunidade da Justificação. Aproveitemos a oportunidade, enquanto podemos nos justificar. Depois, será muito tarde. Agora é a plantação, depois será a colheita. Há tempo de plantar e tempo de colhêr. O bem que fizermos agora, nos justificará depois..."

Mais ou menos nesses termos, o grande espírito foi tecendo os seus comentários. Ouvíamos silenciosos. A palavra mansa e séria de Emmanuel enchia o silêncio da tarde. Alguns pássaros se recolhiam no entardecer. Besouros e mariposas voavam. O gramado e o capim

cobriam de verde a imensidade. Na distância o céu escurecia...

Chico, a seguir, falou-nos da presença de outros amigos espirituais.

Perguntamo-lhes:

— Chico, diga-nos uma coisa:

— Essa incorporação do espírito de Emmanuel, através de você, como se dá?

É igual às incorporações comuns, você fica inconsciente?

— Não. Emmanuel **liga a sua mente à minha mente** e eu vou falando...

— Como é isso? **Liga a mente dele à sua mente?** Como é isso?

— É muito simples. Ele aproxima a sua mente da minha e por um sistema telepático vou transmitindo o seu pensamento.

Não havíamos entendido bem a explicação mas a resposta era aquela. No sistema de comunicação daquele tipo, entre Chico e Emmanuel, o trabalho se processava daquela maneira: **mente a mente.**

— Todos os espíritos que se incorporam em você agem assim? — voltamos a perguntar.

— Não. Cada espírito tem o seu modo de comunicação. Alguns são iguais, mas quase sempre variam. Nosso entendimento com Emmanuel se realiza de diversas maneiras: pela vidência e audiência, psicografia e incorporação. Depende da situação e da possibilidade assim como do ambiente.

* * *

Havia uma reunião de materialização à noite. O Peixotinho seria o médium. Caminhamos para lá. Tudo pronto na casa do Dr. Rômulo.

Entramos no jardim. A casa ampla exibia uma varanda que a contornava.

Enorme "flamboyant" debruçava-se sobre a casa e galhos que pareciam grandes braços lançavam-se quase horizontalmente sobre a varanda.

— Temos reuniões aí, uma vez por semana, Ranieri, disse o Chico, e apontando um dos braços da árvore, afirmou:

— Está vendo aquêle galho? Narcisa quando vem às nossas reuniões pousa naquele galho e vem por ai...

Ficamos olhando o galho do "flamboypant" gigante pelo qual, vindo do espaço, descia Narcisa.

Aquela casa pareceu-nos cheia de encantamento e poesia. Ali **pousavam** os anjos do Paraíso e com eles a terra se enchia de paz e de luz.

Chico Xavier na Fraternidade

Desde os primeiros dias da fraternidade, Chico Xavier esteve presente ao pensamento que nos conduzia.

Consultado sobre as primeiras manifestações, os espíritos por ele e especialmente a Scheilla, transmitiram mensagens de orientação. Fábio Machado, o médium de tantas materializações extraordinárias, nos foi enviado por Chico Xavier. Naquele bairro da Floresta, Fábio Machado começara apresentando um fenômeno estranho: colocava as mãos na mesa e a mesa andava, pulava e se levantava do solo. Fábio subia na mesa e a mesa permanecia no ar. A família toda católica. Recorreram ao padre da igreja vizinha e o sacerdote também subiu na mesa. Exorcisou, rezou, mas o fenômeno inegável, visível, ali estava desafiando a todos. O sacerdote, honesto, amigo, esclarecido, ensinou-lhe:

— Meu filho, isso é caso de Espiritismo. Procure o Chico Xavier. Isso não é para mim.

E lá se foi o Fábio atrás do grande médium de Pedro Leopoldo.

Chico deu-lhe um bilhete para o Jair, recomendando-o às reuniões da Fraternidade ou seja, de nosso grupo de Santa Teresa e, um dia, apareceu o moço com o recado na mão. Jair não teve dúvidas em colocá-lo na cabine, em face da recomendação do Chico. Na primeira reunião, um espírito quebrou a mesa e na segunda tivemos que doutrinar um terrível espírito de médico, que parece, viera com o Fábio e depois se incorporava no Amaury, chamado Fritz, raivoso, vociferando, ameaçando, profundamente inteligente e que se dizia médico e cientista. Doutrinado, após trabalho laborioso de algumas sessões, prometeu estudar os princípios do Espiritismo. Porém, enquanto o Fritz era doutrinado através do Amaury, o Fábio já apresentava na segunda reunião maravilhosos fenômenos de luz. Iniciava a sua curta e extraordinária carreira de médium de efeitos físicos.

Tempos depois, ligado a nós por laços de um passado que renascia, Chico veio a comparecer a algumas reuniões de efeitos físicos de Belo Horizonte, em casa de Jair Soares.

* * *

Numa noite de agosto do ano de 1949, Chico estava na casa do Jair, visitava-nos e viera para a reunião de efeitos físicos. Sua presença, como sempre, era a presença do amigo que parecia um anjo visitando as sombras escuras da terra.

O riso franco, as histórias belíssimas que contava, o convívio, traziam-nos à mente a impressão de um clima onde o amor vibrava na esperança maior. Era festa, a alegria daqueles que se alegram na palavra e se sentem felizes com pouca coisa. O amor dos simples que se comprazem no amor.

* * *

Todos na sala, escura.

Após as preces iniciais, sob intensa vibração espiritual, apareceram materializados os espíritos amigos do Zé Grosso, do Palminha, da Scheilla e do Joseph.

O objetivo da reunião era a cura dos doentes.

Cânticos e comentários sucederam-se uns após os outros, enquanto as entidades iluminadas retransmitiam aos enfermos os fluidos curadores. A felicidade pousava em cada coração assim como a borboleta de asas multicores pousa na corola da flor.

Súbito, alguns soluços baixinhos cortaram o ar. Jair, sentado ao lado do Chico, surpreendeu-se ouvindo partir do companheiro aquela demonstração de sofrimento.

— O que é Chico, você está sentindo alguma coisa? Sente-se mal?

Chico soluçou ainda e depois falou:

— Ah, Jair! Que coisa impressionante estou sentindo! Estou emocionado! Emmanuel chegou e eu lhe perguntei o que é que eu poderia fazer para ajudar esse trabalho belíssimo que o Joseph vem realizando.

E ele respondeu que eu poderia cooperar, bastando que mentalizasse o enfêrmo e o visse como se ele fôsse uma criança e fôsse eu a sua mãe. Que eu estendesse as mãos como se o segurasse nos braços desejando transmitir-lhe a saúde.

E quando fiz isso, estendendo os braços, começou a correr dos meus braços e de minhas mãos, uma cor-

rente de fluídos como se fosse um regato e ia em direção ao enfêrmo. Em conseqüência disso me emocionei.

Nesse instante, Jair que olhava o Joseph, viu que a luz espiritual que o espírito usava para as aplicações aumentava de intensidade, depois que o Chico passou a seguir a orientação de Emmanuel no sentido de mentalizar ser ele mãe do enfêrmo.

Após esse momento cheio de emoção e espiritualidade, a reunião prosseguiu sob aquela impressão do Cristianismo nascente.

Cada um se sentia impregnado da presença espiritual e do pensamento dos primeiros cristãos. Lá fora, o mundo marchava descontrolado, sob o jugo das fôrças indisciplinadas de uma humanidade que ainda não compreendia Deus. Ali dentro, aquêle grupo de homens, pioneiros de uma nova técnica de curar, vanguardeiros de uma nova humanidade.

* * *

Chico voltou outras vezes ao trabalho de efeitos físicos de Belo Horizonte.

A Fraternidade crescia no silêncio e na humildade.

Antes disso, em julho de 1949, o espírito de Scheilla, coração puro e amigo, incorporara-se em Chico Xavier e passara a falar aos companheiros da Terra. O médium de efeitos físicos apenas começara a sua tarefa e a produção dos fenômenos era iniciante, mas as possibilidades eram enormes. Urgia desenvolvê-los. Scheilla falou por intermédio do amigo, de Pedro Leopoldo. Sua voz de sotaque alemão penetrava a atmosfera da sala como se do Paraíso um anjo de luz descesse ao reino dos homens que também criam em Deus.

Pronunciou belíssima palestra de orientação e estímulo. Disse que "assinalando a boa vontade do Gru-

po, a dedicação e o esforço, a confiança e o carinho, que iria suplicar a Jesus que antecipasse os fenômenos daqueles trabalhos, apesar de saber que o médium não estava ainda preparado para a responsabilidade da tarefa".

Parece que o médium era o Fábio Machado.

De fato, na reunião seguinte, no mês de agosto, foram surpreendidos com fenômenos de materialização pelo Fábio.

* * *

Outro fato digno de nota foi o que ocorreu em nossa casa, à rua Itacolomito, 106, em Belo Horizonte, nessa ocasião mais ou menos.

Nosso filho Arus, criança ainda, com cerca de dois anos no máximo, passava muito mal. Estava em convulsões.

Chico olhou-o e disse com profunda compaixão:

— Vejo o seu espírito flutuar no corpo, ansiado. Ele vai e volta.

Depois, colocou as mãos na nuca do Jair e disse que Emmanuel o orientava nesse sentido, dizendo-lhe que dali partiriam recursos do Jair para ajudar o Arus.

Concentrados, em prece, executou ele o trabalho em favor do menino. Assunto digno de estudo. Estamos de um modo geral acostumados a ver o médium dar passes diretamente no enfêrmo. Ali não. Chico vibrava sobre o Jair e os espíritos, por esse processo, recolhiam os fluidos ou vibrações magnéticas que iriam servir à criança. Interessante notar que as mãos dele eram colocadas na nuca de Jair, ou seja, na espinha dorsal. Sabemos que na espinha dorsal, através do canal da medula, corre uma poderosa corrente eletromagnética que se dirige para o cérebro ou para os centros de força cerebral. Por onde recolheriam os espíritos

as vibrações que eram impulsionadas para fora? Pela testa, pelo centro da cabeça ou pelo plexo-solar? Esse estímulo provocava a formação de ondas vibratórias concêntricas no Jair, à feição dos círculos que se formam nas águas de um lago quando se lhe jogam pedras?

Tudo isso nos leva à meditação. Quantas ilações se podem tirar dessas atitudes aparentemente simples. Lembro-me aqui da palavra do apóstolo: "Se se fosse escrever tudo o que ocorreu com Jesus, nem todos os livros da Terra dariam para contar tudo o que Ele fez."

Há muita gente no Brasil que não sabe que o Chico esteve entre nós, na Fraternidade. Se se fosse escrever tudo o que ele fez e falou entre nós, creio que também haveríamos de encher volumes.

Ele esteve entre nós, nos amou e nós o amamos, assim como quem ama um mensageiro de Deus.

Tamerlão

Quando morávamos em Belo Horizonte, no período final de nossa permanência naquela cidade, semanalmente, o Chico ia à nossa casa, onde ficava sábado e domingo, retornando à noite do último dia. Longas conversas cristãs marcavam essas visitas. Numerosos companheiros acorriam ao nosso lar, e ali, no sábado à noite, sempre se realizava uma reunião com ele. Às vezes, também íamos a Pedro Leopoldo e passeando pelos bosquetes que rodeiam a cidade conversávamos com o Chico, e de vez em quando, com Emmanuel através do grande médium. Muita coisa ficamos sabendo, da vida espiritual, nessa intimidade com o cristão de Pedro Leopoldo.

Ora Emmanuel nos comunicava verbalmente conhecimentos que até hoje não foram, por escrito, transmitidos aos homens, ora algumas entidades nos traziam uma mensagem ou um poema. Sempre Casimiro, algumas vezes Antero de Quental ou Augusto dos Anjos. André Luiz e Emmanuel respondiam perguntas e esclareciam pontos. Essas visitas lembravam os primeiros tempos do Cristianismo nascente e o convívio amigo irradiava amor e fraternidade.

Evitamos o quanto pudemos o exclusivismo aprisionador do médium que, para nós, deve gozar de liberdade e merece respeito. Assim, quem fosse lá em casa, veria o Chico que nunca ficou fechado a sete chaves.

Certa ocasião, o Chico, mansamente, nos preveniu:

— Disse Emmanuel que com o afastamento e libertação de Gregório, assumiu o comando daqueles espíritos que compõem as suas legiões de espíritos terríveis que aparecem no "Libertação", o espírito de Tamerlão. Assumiu o comando, reuniu os seus companheiros e traçou os seus planos de combate ao Espiritismo e aos espíritas.

Sabem qual é o plano dele? Nessa reunião Tamerlão disse: "Para combater os espíritas o meu plano é o seguinte: SEXO.

Dito isso, Chico, meditativo, esclareceu: Gregório chefiava essas legiões e foi libertado. Tamerlão é espírito muito mais terrível do que ele. De agora em diante os espíritas começarão a ser tentados no campo do sexo, e muitos cairão.

De fato, pouco tempo depois, começamos a ter notícias referentes a espíritas de grande expressão nacional que foram se perdendo no campo sexual. Alguns deixaram a família para seguir a ilusão da carne, ou de um amor que não era aquêle programado na espiritualidade.

Isso foi em 1949. Portanto, há mais de 20 anos.

Não estávamos autorizados a escrever sobre o assunto ou revelá-lo por escrito. Sempre que podíamos, transmitíamos a advertência aos companheiros de ideal, para que vigiassem e se prevenissem contra as investidas das sombras que se escondem na figura do sexo oposto, prontas a nos arrastarem para o abismo moral.

Ainda hoje, a advertência é verdadeira, e Tamerlão continua no comando das trevas mais próximas com a sua determinação: SEXO.

O remédio, porém, ainda é o mesmo: orar e vigiar.

A Noite de São Bartolomeu

Conhecemos dona Esmeralda Bittencourt, coração humano, alma voltada para as coisas do espírito.

De vez em quando ia ela a Pedro Leopoldo e ali permanecia com o Chico por longos dias. Carinhosamente tratada pelo bom amigo. Soubemos que dona Esmeralda havia perdido três filhos (parece que duas filhas) em desastre. Encontrava em Pedro Leopoldo lenitivo às suas penas e às suas saudades. Os filhos amados haviam partido violentamente pelas portas da desgraça...

* * *

Uma noite, dona Esmeralda, em Pedro Leopoldo, sentada à mesa, acompanhava os trabalhos espirituais. Casa cheia. Chico psicografava vertiginosamente, recebendo receitas para as centenas de pessoas necessitadas que acorriam de toda a parte.

De repente, Chico parou de psicografar e leu uma mensagem dirigida a dona Esmeralda, na qual preparava o seu espírito para uma nova desgraça que pesava sobre ela, falando-lhe do filho amado que ainda lhe restava na Terra, e dizendo que sofrera um desastre e estava em estado gravíssimo. Pediu-lhe calma e oração para ele.

Emmanuel orientou-a como pôde no novo transe.

Chico, após a orientação, continuou escrevendo.

Não demorou e alguém veio às pressas, dizendo que Rio de Janeiro, por interurbano, chamava o Chico ao telefone. A notícia caiu como uma bomba em plena reunião. O filho de dona Esmeralda sofrera um acidente de automóvel na Estrada de Petrópolis e estava em estado gravíssimo...

Logo depois falecia.

O fato era de estarrecer. A mediunidade do Chico, comprovada, segura, precedera o telefonema. Esmeralda Bittencourt, pela quarta vez, via a morte penetrar-lhe no lar pela porta do desastre...

Nós não estávamos lá, mas ouvimos a história da boca do Jaks. Calou fundo em nosso coração. O que fizera aquela gente para ir morrendo dessa forma trágica? E a Justiça de Deus?

Algum tempo depois, residindo no Rio de Janeiro, fomos visitar dona Esmeralda. Recebeu-nos com carinho ao saber que éramos amigo do Chico.

Conhecíamo-nos de nome. E dizia-nos ela que tudo que vinha do Chico, ela recebia como dádiva divina. Ficamos encantados com a afeição e amizade que dona Esmeralda demonstrava pelas coisas de nosso grande amigo.

Mostrou-nos quatro álbuns, carinhosa e artisticamente decorados nos quais colocara tudo que lhe chegava às mãos, vindo do Chico. Bilhetes, cartões de Natal, retratos e pétalas de rosas, e até pequenos pedaços de pano ou mesmo botões de roupa que pertenceram

ao Chico. Louvamos-lhe a lembrança. Ela iniciara talvez o primeiro museu das coisas de Chico Xavier, e que, no futuro, teria imenso valor. Olhamos página por página e compreendemos os laços espirituais que deveriam, através dos tempos, ligá-la ao Chico. Morava numa casa modesta num dos subúrbios do Rio de Janeiro.

Depois, com grande emoção, nos disse assim:

— Ranieri, leia esta carta escrita pelo Chico e que fala sobre os meus filhos.

Peguei a carta e li com grande sentimento a descrição que o Chico fazia.

Infelizmente, não tenho a carta nem fotografia da mesma e nem disponho de possibilidade para adquirir. Não sei hoje, onde residem os parentes de dona Esmeralda, já que ela se foi, há muito tempo, para a pátria espiritual.

Dizia ele que certo dia, quando muito preocupado com dona Esmeralda, Emmanuel se aproximou e colocou-lhe a mão na cabeça. Viu-se ele sob aquêle impulso tirado do corpo "pela cabeça" e estranhamente percebeu que saía, debaixo para cima, nas calçadas de pedras escuras das ruas de Paris. Era uma menina de 8 anos de idade, e sozinha nas ruas percorreu-as até defrontar um grande palácio, atravessou-lhe a porta e subiu luxuosa escadaria. Lá em cima penetrou num salão onde se encontrava Catarina de Médici discutindo com o duque de Guise, a duquesa de Nemours e mais dois personagens, cujos nomes não me lembro agora. Catarina exaltada falava sobre os protestantes e do plano de exterminá-los. Hesitava a rainha, mas a duquesa de Nemours insistia no sentido de que a rainha autorizasse o massacre dos protestantes. O duque também falava e os outros, mas quem mais instigava a carnificina era a duquesa de Nemours. Catarina reagia

ante o ato nefando, e a duquesa cruelmente não lhe deixava alternativa, até que vencida pela argumentação da duquesa de Nemours, determinou o extermínio dos protestantes.

Armando o braço assassino de seus seguidores, Catarina desencadeou a maior mortandade já vista na história das religiões.

E o Chico acrescentava dizendo que a atual Esmeralda Bittencourt fora outrora a duquesa de Nemours, e que aquêles personagens que ali se reuniam naquela noite fatídica para a destruição e a morte, haviam renascido neste mundo como seus filhos, e que, em resposta, vinham encontrando a morte pelos caminhos da violência...

Li a carta do Chico e o meu pensamento ficou fixado na justiça divina que recolocava as almas no mundo, para o aperfeiçoamento através da dor. Vemos que os problemas da reencarnação acompanham a trajetória do homem.

"Aquêle que não nascer de novo não verá o Reino de Deus". Nicodemos defrontou o Mestre naquele dia inesquecível:

— Como pode um homem sendo velho voltar ao ventre de sua mãe? — interrogou humildemente, mas com profundo espanto, o doutor da lei.

Jesus, no entanto, lhe respondeu:

— Se te falo das coisas da Terra e não entendes, quanto mais haverás de ficar confuso quando eu te falar das coisas do céu?

Nicodemos, naquele dia, deve ter retornado ao seu lar com o coração angustiado e a alma cheia de meditação.

— Renascer não é mais extraordinário do que nascer! — exclamou pateticamente Leon Denis, o poeta do Espiritismo.

E nós acrescentamos: nada é mais ansiado para o espírito faltoso que retornar ao seio da Terra, onde reencontrará os amigos e os inimigos para o reencontro que o conduzirá através da dor até a grandeza da imortalidade!

"Falo eu, não o Senhor"
(Paulo)

Testemunho da Verdade

Temos procurado viver um Espiritismo verdadeiro, real, Cristianismo restaurado. E, para isso, só podemos contar com a misericórdia de Cristo e de Deus.

Não concebemos, porém, Espiritismo e Cristianismo sem lealdade, sem sinceridade, sem verdade. Não importa o que dizem de nós, o que pensam de nós, o que sentem a nosso respeito. Importa-nos o que a nossa consciência assinala, o que Deus e Jesus poderão observar em nós.

Na intimidade de nosso ser, no silêncio secreto é que está o julgamento. Respeitamos os homens, amamos a humanidade, queremos sofrer e lutar com ela. A verdade, no entanto, acima de tudo, em face de Deus a quem devemos **amar acima de todas as coisas.**

Como ser espírita-cristão e esconder a verdade ou falseá-la? A verdade é verdade. É certo que a propósito de sermos verdadeiros não devemos levar, com isso, a confusão e a infelicidade ao coração das criaturas. Mas há coisas que não podem permanecer ocultas. O que somos, **somos.**

A Igreja Católica escolheu um caminho que não consideramos o melhor.

Tudo que possa prejudicá-la, mesmo que seja a expressão da verdade, fica oculto. Disfarça-se, modifica-se, altera-se. Dá-se-lhe outra interpretação, mais de acordo com os interesses materiais que lhe presidem o destino.

Lamentamos essa sua conduta que tanto tem prejudicado o gênero humano. Não desejamos a mesma atitude para o Espiritismo nem para os espíritas. Lutamos, dentro de nossas fraquezas e nossas imperfeições, por viver um Espiritismo de sinceridade, de lealdade, de absoluta verdade. Em razão disso, temos desagradado a amigos do coração. Poderíamos ser diferentes. Adotaríamos uma atitude conciliatória do erro com a verdade e todos nos considerariam a melhor criatura do mundo. Para nós, todavia, permanece o seguinte roteiro: "O que é, é. O que não é, não é mesmo".

Realmente, há muitas maneiras de dizer a verdade e sempre procuramos a mais suave por ser a conduta que deve tomar o cristão. Nem sempre se consegue, contudo, apesar de todo o esforço, uma forma convincente e delicada de dizer a verdade.

Morreu Amauri Pena. Nunca dissemos uma palavra, até hoje, a propósito de Amauri Pena. Inegavelmente, médium. Talvez comprometido com as mais desencontradas forças do Além. Depois de morto, sentimo-nos na obrigação de dizer algumas palavras. Nossa consciência nos convoca de maneira dura e enérgica. Somos obrigados a dizer.

Silenciar seria covardia.

Conhecemos Amauri ainda menino, em Sabará. Era uma criança de onze a treze anos e quem no-lo apresentou disse: "Cremos que vai ser o sucessor de

Chico Xavier, que é seu tio. Tem um livro de poesias notáveis que está **recebendo**. É mediúnico. Não queremos que seja publicado agora assinado com o nome dele, Amauri, para não prejudicá-lo mais tarde."

Achamos esquisito. Não dissemos nada. Tinha muita autoridade no Espiritismo quem nos falava e nós nada sabíamos de Espiritismo. Um menino de onze a treze anos tinha um livro notável de poesia que estava completo ou quase completo, e não devia de ser publicado porque resolveram que não deveria ser publicado.

"Escreve poesias com uma facilidade espantosa! — disse a pessoa. Você tem que ver as poesias de Castro Alves por ele"!

Achei extraordinário. Olhei o Amauri que me estendeu a mão, despedindo-se. Era um mulatinho magrelo, estranho. Ninguém daria nada por ele. Calças curtas. Nunca mais o vi. Era o filho de dona Maria Xavier.

Muitos anos depois, passei a acompanhar a trajetória do médium Amauri Pena através das páginas do jornal "Síntese", de Rubens Romanelli e do Noraldino. Boas mensagens, seguras, sérias.

Mais tarde, fomos informados que Amauri Pena recebera um maravilhoso livro escrito por Camões. Alegrou-nos a notícia, principalmente porque dois anos antes, numa reunião a que estávamos presentes, alguém vira o espírito de Camões, sentado sobre um rochedo em pleno mar, contemplando a imensidade, e disse o vidente: "Tenho a impressão que Camões procura um médium para escrever."

Uma coisa confirmava a outra. Achara o médium.

Terminado esse livro, considerado pelo prof. Romanelli **notável por todas as razões**, inexplicavelmente,

de maneira surpreendente e lamentável, vai Amauri para os jornais e faz acusações tremendas contra Chico Xavier. Chocados diante do fato, pouca gente tem a coragem de tratar do assunto. O Chico está aí vivo, só ele teria o direito de se defender ou não. Numa atitude de absolutamente cristã e franciscana, o Chico mansa e afetuosamente, justifica-lhe com muito amor a conduta, evitando dizer qualquer coisa que o prejudicasse ou o menosprezasse.

Nós, porém, sentimos em nosso coração e compreendemos a tragédia imensa do médium Amauri Pena, incapaz de distinguir o que era seu do que **era dos espíritos**. Escrevendo uma obra que fora considerada desde logo pelos que a leram, e que eram autoridades competentes do idioma pátrio, como sendo obra semelhante aos "Lusíadas" e digna do gênio de Camões. Açoitado por uma verdadeira tempestade no campo do sentimento, afastou-se de repente da faixa vibratória que o protegia e caiu nas ondas habitadas por espíritos inferiores e incompreensivos que passaram a dominá-lo. Estes buscaram destruí-lo e destruir-lhe a obra. Tentaram também desprestigiar o Chico e não conseguiram. Tristíssimo drama mediúnico esse a que assistimos! Só na espiritualidade poderemos apreciar melhor essa tragédia!

* * *

Meses depois, amparado pela Fraternidade que procurou trazê-lo ao campo do equilíbrio, pediu Amauri que o internassem num sanatório espírita onde desejava se tratar. Escreveu-nos Rubens Romanelli, solicitando-nos a intervenção junto a um sanatório do Estado de S. Paulo. Sairia de Minas. Seria melhor para ele. Ao mesmo tempo pediu a outros companheiros do Movimento da Fraternidade. Parece que por intermé-

dio de nosso irmão Barbosa de São João da Boa Vista, foi internado no sanatório espírita de Pinhal. Ali, encontrou a dedicação dos companheiros da Fraternidade do Grupo de Pinhal, Águas da Prata e São João da Boa Vista e o carinho da família Cavalieri, que lhe dispensou afetuosa acolhida.

Quando o encontramos de novo, após tantos anos, foi no "I Conclave da Fraternidade" realizado em Pinhal. Estava bom e arranjou uma pequena oficina de sapateiro. Recomeçara a escrever belos sonetos... Procuramos conversar com o Amauri. Percebendo-lhe o drama mediúnico, explicamos-lhe, dentro de nossas humildes possibilidades, os problemas complicados da mediunidade, mostrando-lhe as razões de certas manifestações mediúnicas, as formas de comunicações e uma série de dificuldades próprias da mediunidade. E acrescentamos que se os médiuns verdadeiros contassem **claramente** tudo o que se passa com eles e se revelassem como é que a mediunidade é, seriam no mínimo considerados loucos, **pelos próprios espíritas!**

Parece que, pela bondade de Deus, Amauri entendeu. Ficou mais tranqüilo e feliz. Separamo-nos.

Naquele dia mesmo, vieram me dizer que Amauri pedira ao pessoal da Fraternidade uma reunião com ele. Iria expor-nos assunto **importante e grave.** Diante disso, foram convocados alguns elementos, entre eles: nós, Rubens Romanelli, Jair Soares, Welson Barbosa, Manoel Marshall e parece que também o Dr. Lydio Diniz Henriques.

Reunidos numa pequena sala da casa dos Cavalieri, declarou-nos humildemente Amauri, que desejava fazer uma declaração por escrito e assinada, na qual se retratasse, pública e definitivamente, de todas as acusações que fizera a seu tio, Francisco Cândido Xavier.

Contou-nos o seu drama, terrível drama de amor e de tristeza, justificando o mal que praticara e foi claro, afirmando que tinha sido vítima de forças inferiores dos dois planos.

Retratava-se agora de tudo, e **queria que o Brasil soubesse disso.** Surpreendidos com a decisão, alguns companheiros, embora recebendo a notícia com alegria, consideraram que seria melhor que ele pensasse bem, escrevesse a retratação e mais tarde seria publicada. Poderia parecer que nós o havíamos forçado a fazer aquilo ali, num congresso. Não sei se assim fez. Não sei se escreveu. Logo depois morreu. Nós estávamos como autoridade regional de polícia no exercício de nossas funções, e a sua retratação foi válida, testemunhada por muitos, embora verbal. Assim, como **testemunho da verdade e para tranqüilidade de seu espírito**, declaro: perante nós, naquele dia, Amauri Pena se retratou de tudo o que disse contra Chico Xavier, com profundo arrependimento e humildade.

Guaratinguetá, 24 de setembro de 1961.

O Sacrifício de Getúlio Vargas

Em Poços de Caldas, naquela noite, numa casa pobre, de paredes sem reboque, na entrada da cidade, a médium dona Palmira, pessoa simples, nossa amiga, recebia o espírito de Mário Meireles, seu Guia.

Era no fim da reunião, a casa estava cheia: sala, quarto, cozinha, quintal... A contrição religiosa era completa e todos aceitavam, piamente, a comunicação dos espíritos através de dona Palmira. Geralmente, a médium atendia de cem a cento e cinqüenta pessoas por

dia. Receituário, orientação, mensagens. Mal havia tempo para comer. Jamais recebeu ela um tostão de quem quer que seja... "Dai de graça o que de graça recebestes..."

Mário Meireles, ao fim das reuniões vinha orientar os necessitados e aplicava passes naqueles que o desejavam.

De repente, o médium, de pé, pronunciou em tom solene algumas palavras que tiveram o dom de estender o silêncio por toda a casa. Profundo silêncio.

— Orem pelo Brasil amanhã às 8 horas da manhã!

E com essas palavras passou a prevenir aquelas criaturas sobre o destino do Brasil.

No dia seguinte, às 8 horas da manhã, Getúlio Vargas, Presidente da República, se suicidava deixando o seu povo em grande consternação.

— Orem pelo Brasil, amanhã, às 8 horas... dissera o espírito. Só então compreendemos o alcance de suas palavras.

* * *

Foi no Rio de Janeiro. Encontramos o Jaks Aboab, e o companheiro nos disse:

— Sabe de uma coisa, Ranieri? Eu estava numa reunião com o Chico, na noite de véspera da morte de Getúlio Vargas, e a lição que foi lida para estudo falava de suicídio. Emmanuel transmitiu pelo Chico nessa noite, uma mensagem sobre o suicídio. Tudo naquela reunião girou sobre suicídio.

No dia seguinte, Getúlio se suicidou.

Ficamos meditando nas palavras do Jaks.

— Bem, lhe respondemos. E você não perguntou ao Chico qual a situação de Getúlio Vargas na Espiritualidade?

— Chico disse-nos que a morte de Getúlio Vargas foi considerada na espiritualidade como sacrifício.

— Como pode ser isso? Ele não se suicidou? Como pode ser considerado diferente dos outros?

— Bem, diz o Chico que foi considerado sacrifício pelos espíritos superiores.

Nosso pensamento cortou o espaço em busca de maior compreensão para o problema. Na realidade não podemos admitir o suicídio sob nenhum aspecto, nem poderemos estimulá-lo. Suicídio é ato que atenta contra a lei de Deus e as leis da natureza. Tanto funciona a lei para o rico quanto para o poderoso, tanto para o homem do povo quanto para aquêle que governa. Havia ali, porém, um ponto para estudo.

As circunstâncias e os acontecimentos armaram o braço de Getúlio Vargas. Afirmaram, posteriormente, alguns, que o seu sacrifício evitou a morte de milhares de brasileiros. Renunciando à vida física impediu um desastre de grandes proporções. Caso excepcional, difícil de compreender, mas era a palavra do sábio espírito de Emmanuel.

Comprometido com o Brasil desde sua formação e informado de que teria sido Dom João VI, fica-nos a convicção de que, sacrificando-se pela paz de seu país cumpriu assim o seu destino.

O homem que alcança alta posição de autoridade responderá por aquilo que realizar ou pelo que deixar de realizar.

Muitas vezes, melhor é viver uma vida simples e humilde do que ocupar altos cargos, que podem nos conduzir aos caminhos do sofrimento e ao Vale das Sombras. O bem e o mal são a luz e a sombra de nossa estrada.

Nasceu uma Índia!

A conversa do Chico sempre nos lembrará a palavra de Ramakrishna repetida por Vivekananda. Cheia de suavidade e de pureza. Como a água que corre sobre as pedras na transparência do regato travêsso ou como o pássaro saltitante nos galhos das árvores mais altas. Palavra alegre, cantante, arco-íris aos raios do sol.

Tagore e Gandhi. Mistura de grandes homens.

As anedotas evangélicas que lhe saltam dos lábios, as historietas e os casos, tudo nele é qualquer coisa de diferente.

Nós estávamos em Pedro Leopoldo, no início de uma reunião, e o Sampaio, um amigo do Chico que morava em São Paulo, e algumas vezes por ano se hospedava na casa do médium ou em casa de sua irmã Luísa, aproximou-se de nós e disse ao Chico:

— Sabe, em França eu fui o cardeal Mazzarino!

Chico riu-se e acrescentou:

— Ranieri, nós aqui, no meio destas cabeças coroadas, estamos todos com as nossas cabeças decepadas!

E riu alegremente. Sampaio parece que não entendeu a expressão dele, porque se afastou surpreendido.

* * *

Nos meios espíritas brasileiros é comum alguns espíritas se considerarem "grandes figuras da História" reencarnados. Um foi Napoleão, o outro foi Allan Kardec, o outro foi um dos apóstolos do Cristo, outros foram reis de França, etc., etc.

* * *

Contou-nos o Chico, naquela sua linguagem pitoresca, que certo dia lhe apareceu em casa um vizinho exclamando:

— Chico! venho-lhe comunicar que lá em casa há mais uma criadinha às ordens. Nasceu uma menina e dizem que é o espírito de uma índia que reencarnou...

O Chico, ouvindo isso, teve uma exclamação de alegria:

— Graças a Deus que nasceu uma índia! Até que enfim nasceu uma índia!

E bateu palmas de satisfação.

* * *

Nós também demos boas gargalhadas ao ouvir a história do Chico. Mas a verdade é essa: ninguém quer ter filhos que sejam um espírito qualquer que renasceu entre os homens, para prosseguir na marcha evolutiva. Todos querem que seus filhos tenham sido, em encarnações anteriores, grandes personagens da História. Cremos que de vez em quando acontece de reencontrarmos essas figuras do passado, porque elas estão submetidas às mesmas leis de reencarnação que todas as criaturas, terão que reviver e renascer. Mas é natural que também de vez em quando deva nascer uma índia.

O Senhor sopra onde quer e o espírito vem e vai na perene estrada espiritual da evolução.

Chico e a Morte

Chico conversava conosco longas horas. Eram as horas felizes que não se esquecem nunca.

Assim como a eternidade deve ser alguma coisa sem fim, que parecerá ter a duração de um minuto pelas alegrias que conterá, também as longas horas com o Chico eram tão breves quanto um minuto...

O tempo feliz não passa, voa.

Contou-nos ele que seu irmão José Xavier morrera. Todos em casa estavam tristes. Amigo, bom, compreensivo, Zé Xavier muito representava para o Chico e para a casa. O pai de Chico, macambúzio, à porta. Vigiava o corpo estendido na sala humilde. Era o filho que partia. Não era espírita o pai do Chico, e suportava o trabalho em favor do Evangelho com muito má vontade.

Por isso, naquele dia, era de mau humor que recebia o povo que vinha falar com o Chico. Apesar de ter a morte em casa, a luta do médium continuava e os sofredores procuravam-no ali mesmo, com o corpo do irmão exposto.

— O que é que vocês querem? — exclamava o velho Xavier. Receita? Para quê? Não estão vendo que o irmão do Chico está morto? Está aí na sala e o Chico nada fez por ele! As receitas não servem para nada! Não estão vendo que o próprio irmão morreu? Deixem de bobagem e vão embora porque Chico não cura ninguém.

* * *

Chico sorriu e nos confiou:

— De fato ele tinha razão: eu não curo ninguém. Nem Jesus curou a todos...

* * *

Ficamos pensando na história do Chico como entreato às nossas meditações! "Nem Jesus curou a todos".

É claro que a indignação do velho Xavier era justa até certo ponto. O dia era de dor. Chico também estava alanceado pela dor. No seu entender, aquela

multidão ali procurando-o insistentemente sem lhe dar sequer o direito de sofrer com a família!

Mas é uma grande lição. Não só para nós porém para todos. Os fariseus também gritavam para Jesus que expirava no madeiro infamante:

— Se és o Salvador, salva-te a ti mesmo! Desce da Cruz, se podes, e vem libertar Israel! Médico, cura-te a ti mesmo!

Mas o Senhor permaneceu ali, indiferente às palavras desvairadas. Embora dono de todo o poder, cumpria-lhe sorver o cálice da amargura até o fim. Não poderia descer da Cruz, mesmo podendo fazê-lo, porque aquela era a sua hora e não tinha o direito de fugir aos desígnios de Deus.

Chico, por sua vez, deveria ver o irmão morrer. Não viriam os espíritos ajudar a salvá-lo, pois estava nos desígnios de Deus que Zé Xavier morresse daquele modo e naquele dia.

Há muita gente que se revolta e acredita que este ou aquêle poderia salvar o seu filho, sua esposa ou sua mãe. Esquecem que existe uma hora, a hora crucial, aquela a que nem mesmo o Senhor, em toda a sua glória, conseguiu fugir!

Compreende pois, meu amigo, estas coisas, e viverás!

Bezerra

Arnaldo Rocha, na época em que privava da convivência mais íntima com o médium de Pedro Leopoldo, contou-nos:

— Sabe, Ranieri, outro dia, em Pedro Leopoldo, conversávamos numa roda com o Chico e tratávamos de nossos assuntos espirituais, naquela ternura própria de nosso amigo, e ele nos disse:

— Sabem de uma coisa? Há quatro espíritos, nossos amigos, que não precisavam mais renascer na Terra, poderiam subir para Esferas Superiores, para outros mundos e não o fazem por amor! Por amor àquelas criaturas que lhes são queridas ao coração e que ainda peregrinam na Terra. Voltam para salvar os que lhes são caros.

— E quais são esses nossos amigos espirituais? — perguntou Arnaldo Rocha.

— Emmanuel, Nina Arueira, Bezerra e o Altino.

— Admirei-me — disse Arnaldo Rocha — não sabia que o Altino era espírito de tão grande elevação. Sabendo que é o seu guia espiritual, alegra-me anunciar-lhe.

Também eu fiquei feliz, embora já soubesse há muitos anos, que nosso amigo espiritual era realmente entidade responsável.

* * *

Muitos anos depois, Chico conversava conosco e nos dizia:

— Olhem, outro dia, assisti a um espetáculo maravilhoso na vida espiritual.

Fui levado a enorme salão onde se reuniam mais de mil espíritos de médicos, e centenas de entidades de sublime elevação. Ali se encontrava Veneranda e outros espíritos de ordem superior. O ambiente era de festa, e o salão decorado com os recursos da Espiritualidade Maior.

Todos sorriam.

Súbito, rasgou-se ou abriu-se a cortina do Infinito, e nimbado de luz atravessou o véu o espírito de Bezerra de Menezes.

Foi recebido com alegria.

Veneranda adiantou-se, beijou-o fraternalmente e falou:

— Querido Bezerra, você recebe hoje da Espiritualidade Superior autorização para elevar-se a zonas superiores do espírito, não necessitando mais de reencarnar-se na Terra ou de permanecer nela trabalhando, mesmo espiritualmente. Libertou-se, pois, do peso da matéria e nós, cheios de felicidades, o saudamos!

Bezerra, porém, com lágrimas de agradecimento nos olhos, beijou as mãos de Veneranda e disse:

— Querida mãe de todos nós, ampara-nos nas nossas fraquezas. Sei que não mereço as alegrias desta hora, e seria ingratidão nossa recusar as possibilidades que o Alto nos reserva. Contudo, peço-lhe que me permita permanecer por mais dois séculos junto aos irmãos que sofrem nas sombras da Terra, em companhia destes médicos amigos que são nossos filhos espirituais! permita-me voltar para servir!

De mãos postas, ajoelhado, Bezerra implorou a bênção do serviço na Terra por amor àqueles que permanecem na sombra.

Diante dessa rogativa, Veneranda beijou-o filialmente e garantiu-lhe em nome dos Espíritos Superiores, o prazo de serviço solicitado.

E Bezerra, por isso, ficou entre nós.

Vimos com que ternura o Chico contou a história singela, que está gravada nas páginas do Infinito. Bela, pura e sublime em sua simplicidade.

Quantos espíritos não permanecem também na Terra por amor àqueles que, imperfeitos, atrasados, insistem em viver em desacordo com a lei de Deus!?

Nós mesmos, fora do Evangelho, envolvidos nas ilusões da matéria, não seremos aquêles que se tornaram, muitas vezes, algemas pesadas para os anjos?

A Verdade

Desde os tempos primitivos, o homem na sua ânsia, de saber, busca a verdade. Sob a clâmide ou à luz do sol procura ele, através, muitas vezes, da esfinge, o conhecimento maior.

Nem sempre ela se mostra, mas existe.

Para os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.

* * *

Falava-se a respeito de elétrons e de mésons, de radioatividade e de força atômica. Chico discorria com proficiência e saber. Ali na rua deserta de Pedro Leopoldo, após o término da reunião. Estando em Belo Horizonte, fomos visitar o amigo e um irmão que não acreditava no Espiritismo resolveu inesperadamente nos acompanhar. Foi por delicadeza, mas combatia o Chico por todas as formas verbais conhecidas, porém decentes. Discutíamos com ele, no entanto, permanecia insensível às nossas palavras. Viu o Chico e gostou, e de tal maneira que não o abandonou mais. Travou-lhe do braço e seguiu conosco rua afora para levar Chico em casa. No trajeto, conversava-se e discutia-se ciência pura em linguagem leve.

— Como é que você, Chico, — dizia o Afonso — pode saber tudo isso se não aprendeu nada, se não tem curso superior

— Bem, no começo eu era ignorante mesmo, só tinha o Grupo Escolar, mas, meu filho, depois de 30 anos em companhia de um professor igual a Emmanuel, você não acha que eu seria um aluno muito burro se não aprendesse nada?!

— Sim, isso é verdade — confirmamos todos.

— Pois foi o que me aconteceu. 30 anos! E até

Português Emmanuel me ensinou, Afonso! Até gramática! Você não imagina a paciência de Emmanuel!

Todos rimos da sinceridade e da simplicidade dele. Astronomia, Física nuclear, Psicologia e outras ciências vinham à baila. Apenas Chico insistia em dizer: **eletrão** e **mesão**, o que muito nos divertia.

As revelações se sucediam e ele entrou no campo espiritual dizendo como viviam os espíritos, as formas horrendas que muitas vezes apresentavam e as relações com o conhecimento científico. Nós queríamos saber mais.

— Por que, então, os espíritos não revelam tudo isso à humanidade? — dizia o Afonso com ar de incredulidade. Ajudariam os homens a evoluir mais depressa e acelerariam o progresso.

Chico ficou sério e disse segurando no braço dele com intimidade.

— Olhe, se os espíritos revelassem aos homens um só grama da Verdade estourariam todos os cérebros humanos. Não suportariam a carga!

Houve um silêncio geral.

— Como? — perguntei —, um só grama da verdade daria para explodir a mente dos homens?

— Diz Emmanuel que sim. A verdade deve ser dosada. Nem sempre se pode dizer toda a verdade. As criaturas não agüentariam.

— Mas e a palavra do Cristo: “Só a verdade vos libertará!”

— Mas Ele não disse em quanto tempo. Deveremos absorvê-la lentamente e aguardar os milênios...

Fiquei ouvindo no silêncio da noite a gargalhada do Chico que ia embora e dizia:

— Vamos, gente, vamos dormir! O assunto é eterno e amanhã precisamos de trabalhar!

Pétalas de Rosas

No ano de 1969, mês de fevereiro, estivemos em Poços de Caldas.

O Sol enfeitava todas as coisas, nossa viagem a São João da Boa Vista para comparecermos à reunião do Conselho da Fraternidade, programada. Júlio Vieira e Rubens, os nossos companheiros de sempre. O Cabetti, de Santos, iria diretamente a São João.

Tudo bem. Em São João, após o convívio com os companheiros, tivemos notícia que o Chico vinha visitando o Grupo da Fraternidade Irmã Narcisa, de Poços. Resolvemos, por isso, visitar os amigos do Narcisa.

Na volta da viagem, caminho obrigatório para retornar a Guaratinguetá, paramos na pequena loja do Aureliano.

Poços regorgitava de gente, temporada de poucos dias, alguns feriados e domingos.

Sempre risonho e feliz, Aureliano recebeu-nos com um grande abraço e, ali, entre os fregueses que vinham e iam, falamos do Evangelho. Como nos tempos antigos, na época de Paulo, de novo os cristãos cochichavam pelos cantos a sua alegria e contavam histórias do Reino do Senhor. Buscávamos notícias do Chico e alegrávamo-nos com a sua decisão de entrar abertamente para o "Irmã Narcisa" e mais ainda, segundo soubemos, se fizera sócio da Cidade da Fraternidade. Nós que conhecemos bem o Chico e a delicadeza de seu espírito e de suas atitudes, vimos nessas decisões a demonstração pública de seu apoio ao Movimento da Fraternidade. Sem declarar, apoiava, no entanto, ele, o grande Movimento de Renovação do Espiritismo Brasileiro.

O Grupo se reunia na loja do Aureliano e a nossa conversa era toda ela "Chico Xavier".

Um ambiente de maravilhosa espiritualidade enchia-nos as almas.

— Olhe, o Chico esteve aqui anteontem. Andou conosco. Está bem disposto, com saúde e feliz! — afirmou o Aureliano. Escreveu uma carta para o Fernando e nessa carta afirmou que "está ligado ao Movimento da Fraternidade desde o princípio pelos laços do coração".

E que "iria freqüentar as reuniões do Grupo da Fraternidade Irmã Narcisa, de Poços, sempre que fôsse possível e que coincidisse com suas viagens a Poços de Caldas".

Ouvindo isso, lembramo-nos que Lydio Diniz Henriques, quando na Presidência da Oscal, recebera uma carta do Chico, isso há muitos anos, semelhante a essa, enviada pelo Chico. Nela, além de extensas manifestações sobre a Fraternidade, dissera o Chico: "O Movimento da Fraternidade, segundo Emmanuel, é o movimento mais brilhante que existe no planeta na atualidade".

Não poderíamos deixar de anotar essas palavras retransmitidas pelo Lydio nem as que foram com afeto dirigidas ao Fernando, aqui neste pequeno trabalho sobre as palavras espirituais pronunciadas por Chico Xavier e que guardamos em nossos corações.

A palavra dos santos é como a palavra de Deus e deve ser recolhida como as mãos suaves que recolhem carinhosamente pétalas de rosas...

O Homem de Petrópolis

Foi em Pedro Leopoldo .

Chico, aflito, cochichou para nós:

— Ranieri, estou perdido! Esse homem quer me levar embora para que eu descanse! Já viu só!

Olhei e vi um velho, cabelos brancos, mas de grande energia estampada no rosto. O homem estava inquieto, impaciente.

Muita gente na sala, dia de reunião, todos interessados nos trabalhos. Chico ouvia um, atendia outro, orientava, aconselhava. Filas enormes passavam por ele.

O homem, porém, não podia em si de impaciência.

— Não, você não pode continuar! — gritou para o Chico com voz forte.

Todos estavam ouvindo.

— Você vai comigo para Petrópolis! Tenho uma casa belíssima, toda ajardinada, mobiliada, com caseiro. Entrego-lhe a casa. Você vai viver lá, fora de toda a luta!

Chega o que você já fez pela humanidade!

— Eu não posso — falou o Chico com delicadeza.

— Não, você vai, tem de ir!

— Não, não vou...

O homem ficou mais impaciente e revoltado:

— Você quer acabar com a sua vida? Chega. Agora chegou a sua vez de descansar! E fique sabendo: eu tenho **meios** de tirá-lo de Pedro Leopoldo e levá-lo para lá, queira ou não queira!

Aquilo já era ameaça. Dava o homem a impressão de que tinha influência política, junto ao Governo Federal, muito grande. Chico era humilde funcionário federal...

Foi quando o Chico, fora de seus hábitos de serenidade, demonstrou uma energia para nós desconhecida e enfrentou o homem:

— Não, eu não vou! O senhor faça o que quiser! Sei que o senhor é poderoso mas estou a serviço do Evangelho, tenho muito o que fazer, ainda tenho muito que

trabalhar e não creio que chegou minha hora de descansar!

O homem, surpreendido com aquela repentina energia, calou-se.

Chico riu e bateu-me nos ombros.

— Você viu, Ranieri? Que coisa? Tantos necessitados, tantos doentes, e querem me levar embora para descansar! Descansar de quê?

Dizendo isso, foi para a mesa receber uma montanha de receitas dos sofredores que o esperavam.

Jesus afirmou: Meu Pai trabalha até hoje e eu também devo trabalhar! E o demônio, do alto da montanha, lhe mostrara todos os reinos da Terra e lhe dissera:

— Faze aquilo que eu quero e eu te darei todos os tesouros do mundo e te colocarei sobre todos!

Mas o Mestre apenas respondeu:

— Nem só de pão vive o homem! E também está escrito na lei: "Não tentarás o Senhor teu Deus!"

Medicina e Música

Fomos ver os velhinhos. A tarde nublada havia colocado um pouco de tristeza em nosso coração. Não suportamos dias escuros, cinzentos. Nascemos num mês de muito sol e acreditamos que nossa alma está impregnada de sol, de claridade do grande astro.

De repente, alguém nos disse: chegou um moço aí que esteve ontem com o Chico. Você não quer tomar um café com ele? Está no Asilo. Fomos. O café estava bom e as notícias do Chico nos interessavam. — Brôa de fubá, bolinhos, sanduíches, um café quase à mineira...

— Estivemos com o Chico, sexta-feira e sábado. Verdadeira caravana. Assistimos à reunião de sexta e no sábado acompanhamos a peregrinação. Muita gente. Chico ia conversando, falando, contando histórias. Nós íamos atrás. Não podíamos falar com ele, porque de cada lado havia uma pessoa pendurada no seu braço, e outra por trás obrigava o Chico a caminhar com a cabeça virada para trás. Mas fui ouvindo a conversa... Coisa extraordinária! Todos riam. Chico comentava e de repente começou a argumentar com um médico que estava lá. Dizia ele:

— Por que é que vocês médicos só querem se especializar? Isso está errado. Devem-se especializar mas devem também se preparar para a clínica geral. Se a gente precisa de um médico alta hora para alguém doente, em estado grave, o médico não pode atender porque é especialista! E os pobres, como ficam? O médico deve estar em condições de praticar a clínica geral a fim de atender todo o mundo quando for preciso. Só assim se poderá resolver o problema dos pobres...

O médico discutia e procurava provar que a especialização é que era o melhor, mas Chico não aceitava nem compreendia aquilo. Como era incrível que os médicos atuais levassem tão longe a especialização, a ponto de não poder medicar ninguém fora de sua especialidade?

Nosso amigo disse ainda:

— Eu ia atrás, não podia ouvir tudo, mas percebia que o Chico estava enérgico e que o assunto era importante. Súbito, alguém perguntou sobre música e o Chico explicou:

— Eu, às vezes, tenho-me perguntado onde andam os grandes músicos: Chopin, Beethoven e outros. Emmanuel, porém, me respondeu que andam reencarnando por aí a fim de conquistarem a humildade, a caridade, o amor ao próximo, de modo a consolidarem a fé.

Nós também, com a xícara de café na mão, comendo a broinha de fubá, ficamos meditando naquela história dos médicos que não curam mais, e dos músicos que reencarnam nas sombras da Terra, que não compõem mais músicas e que estão conquistando espiritualidade ou aprendendo a amar ao próximo...

Provavelmente, esses médicos que não podem curar porque se especializaram, que não podem curar sem receber dinheiro, que fazem da sua clínica uma indústria ou um simples comércio, no futuro hão de renascer também por aí a fim de conquistarem o amor ao próximo através das reencarnações de pobreza, de miséria negra, de desgraça. Na realidade, estão agora, sendo maus, construindo o próprio futuro...

Nossa mente, em corrida vertiginosa, se precipita para o passado e ouvimos a voz do Cristo que clama ainda: "Ai de vós fariseus hipócritas, que atravancais a porta do Céu! Não entrais nem deixais que os outros entrem! Até quando vos suportarei!?"

O Tesouro

Chico Xavier iniciara suas atividades há quarenta anos numa sala humilde de sua própria casa, de, talvez, três metros de largura por pouco mais de comprimento, e ali trabalhara durante trinta anos, quando se mudou para o novo Centro.

Algumas vezes, fizemos palestras naquela sala. Bancos de madeira, setenta a oitenta pessoas acotoveladas, espremidas, suando, porém, cheias de fé e de esperança.

De pé, entre o banco que se apertava na parede e a mesa, mal podíamos nos equilibrar, com as pernas semicurvas. Só o amor nos fazia enfrentar aquela situação.

Chico, porém, ignorando os problemas e as dificuldades, ia escrevendo, escrevendo, recebendo receitas, mensagens, artigos filosóficos, livros, sobre a mesa rústica. Emmanuel, o senador romano, e André Luiz, o médico e cientista, e todos os grandes poetas de nossa língua, desfilavam no tugúrio humilde do profeta. Os anos iam devorando os anos, e o jovem Chico se tornava no velho Chico. A luz, no entanto, descia do Alto em catadupas e inundava o Brasil.

Chico preparava-se para a mudança, quando Emmanuel ponderou grave:

— Meu filho, os livros, **nós** os continuaremos escrevendo aqui.

— Por quê? — interrogou o médium surpreendido. Por quê?

— Porque, meu filho, as paredes, os bancos, os tijolos e as telhas desta casa humilde guardam um tesouro de vibrações de trinta anos, que não poderão ser construídas na outra casa num dia. Trinta anos de trabalho espiritual impregnaram este ambiente e estas paredes de tal maneira, que se tornaram num tesouro de valor inestimável.

Chico olhou o prédio humilde, que no correr dos anos se transformara no Templo Espiritual do Brasil, visitado por milhares de criaturas, e fitou compreensivamente Emmanuel. De fato, quanto trabalho estava associado àquela casa humilde onde nascera! Quantas lutas e sofrimentos! Quantos espíritos bons, amigos, dia e noite, não vieram encontrá-lo na alegria ou na dor, e não derramaram sobre a sua cabeça pendente o perfume das suas almas benfazejas?

Ali estava quase toda a sua vida. As lágrimas que derramara silenciosas em suas noites de solidão e o bem que Jesus colocara em suas mãos? Ali conhecera o amor de Jesus e o sofrimento dos homens. Não, não poderia abandonar, em verdade, tamanho tesouro.

Assim, continuou recebendo os livros naquele local onde tantas vezes Maria João de Deus viera lhe dar coragem e carinho.

Emmanuel ficou feliz porque Chico compreendeu.

* * *

Onde vivemos tudo se impregna de nossas vibrações. Imagens que emitimos e pensamentos. Tudo respira aquilo que somos e, como em fita gravadora ou em filme virgem, tudo se grava para sempre.

Os psicômetras identificam-se com as vibrações que impregnam os objetos e as coisas e deles tiram o passado que flutua de novo em suas mentes.

No final dos tempos, ou talvez até o futuro próximo, quem sabe, em futuro breve, aparelhos agora desconhecidos dos homens, mas que serão inventados, captarão as imagens que o homem agora deixa neste mundo e se nós tivermos sido bons, hão de encontrar, como disse Emmanuel, o tesouro de nossas vidas.

Na ampulheta do tempo construimos o caminho de espinhos de nossas imperfeições ou edificamos o edifício de luz da imortalidade.

Música Moderna

Foi em maio de 1967. Havíamos ido à Cidade da Fraternidade percorrendo, ida e volta, mais de sete mil quilômetros, com passagem por Uberaba.

A paisagem das estradas asfaltadas, a saudade dos amigos, tudo entrava pelos nossos olhos e atingia-nos o coração.

Viveramos, outrora, naqueles lugares e ali deixamos grandes companheiros que íamos agora encontrando de novo.

A vida busca a vida e nada existe mais belo que a própria vida. Deus está em todas as coisas e parece que as coisas expressam Deus.

Olhávamos o campo batido pelo sol, por um sol de Van Gogh, avermelhado e quente que punha em toda a parte luminosidade e poesia.

Próximo de Uberaba, no entardecer, nosso carro quebrou.

Passamos a noite às voltas com o carro e perdemos, por isso, a peregrinação do Chico.

Iamos com a alma cheia do desejo de percorrer, com ele, as ruas pobres de Uberaba, os bairros pobres, mas o destino nos encravou de repente na estrada.

O céu estava maravilhosamente estrelado, e foi com alegria que saudamos o acontecimento.

Nada acontece por acaso e ali estávamos em face da natureza que se expandia em luz pelo espaço e a grandeza da vida ainda ali nos mostrava a face de Deus.

* * *

Só no dia seguinte procuramos o Chico.

Havia viajado e só retornaria na segunda-feira. Esperaríamos para a reunião, e esperamos. Na segunda, encontramo-lo e nos recebeu feliz.

O abraço carinhoso, a palavra de fraternidade, a gargalhada ingênua e as histórias singelas e profundas de sempre. Muita atenção, muita amizade, muita compreensão, tudo aquilo que nós esperávamos. Convidamo-lo para ir à Cidade da Fraternidade, onde um dia,

se Deus quiser, vinte duas mil crianças hão de encher os campos com a sua alegria e as suas vozes cristãs.

— Ranieri, respondeu, se você me tivesse avisado com mais antecedência eu iria, mas, de repente, não será possível. No entanto eu gostaria imensamente de ir à Cidade da Fraternidade! Pode estar certo que dentro de cinco anos eu irei para a Cidade da Fraternidade! É uma obra do Cristo que merece todo o nosso respeito, apoio e carinho.

Lembrei-me da promessa do Arigó que também dissera, em entrevista à imprensa, que dentro de vinte anos estaria instalado definitivamente na Cidade da Fraternidade, e que iria ficar ali tratando das crianças.

Chico, justificando-se, contou-nos reservadamente, os problemas graves que o afligiam naqueles dias, e nós o compreendemos.

No dia seguinte, partimos, levando no coração aquela afirmativa do bom amigo, e também nós vos víamos um dia trabalhando na gleba que servirá ao Movimento da Fraternidade, como celeiro dos futuros missionários que partirão dali para todo o Brasil.

* * *

Tempos depois, voltamos a Uberaba, desta vez com o Cabetti. O Chico ouviu sensibilizado as melodias mediúnicas recebidas pelo Cabetti e exclamou:

— Cabetti, meu filho, você está transparente!

O violão do Cabetti cantava as músicas espirituais, e Chico, comovido, dizia da profunda espiritualidade que as impregnava. Foi quando se falou de música moderna, de iê-iê--iê, bossa nova e de Roberto Carlos.

— Uai, gente! Eu gosto muito do Roberto Carlos! — falou o Chico colocando as mãos na boca.

De vez em quando as moças da vizinhança vêm-me pedir para eu escrever cartas ao Roberto Carlos, solicitando fotografias dele e eu peço para elas.

Ele é muito bonzinho, me agradece com carinho.

Gosto da música do Roberto!

Foi quando nós resolvemos perguntar "afinal de contas o que é que realmente ele achava da música moderna".

Chico ficou sério e respondeu:

— Olhe, Ranieri, no fim quem vencerá é o Beethoven mesmo!

Realmente, a música eterna será sempre a eterna música do mundo. Em nossa mente, outros pensamentos flutuaram e, como em filme fotográfico, vimos as guerras que dominam o mundo, as destruições sem fim, as desgraças que avassalam a Terra, o materialismo destruidor, e pensamos no Cristo e murmuramos para nós: "no fim quem vencerá é o Cristo mesmo!"

Poeira de Estrelas

Contou-nos dona Esmeralda Bittencourt que, certa época, hospedara-se na casa de Chico Xavier em Pedro Leopoldo.

Espíritos afins, estiveram juntos na França, em outras existências.

Dona Esmeralda, senhora respeitável, de idade mediana, bondosa e amiga.

Na casa simples de Chico se alinhavam sempre numerosos sofredores, que iam buscar alívio aos seus sofrimentos.

Na humildade e na paz daquele recinto amigo, recuperava ela as energias perdidas. Acabara de perder um filho de maneira violenta. Coração resistente à dor, mas, apesar, disso, coração muito humano. Re-

cebia do Chico e dos Espíritos Superiores, reconfôrto e entendimento.

Uma noite, acordou espantada com a luz que enchia o ambiente. Todo o ar que percorria a casa estava luminescente como se fosse poeira de luz ou poeira de estrelas. Os corredores e os quartos, iluminados por aquela luminosidade espiritual como se preciosa luz de luar flutuasse no ambiente.

Chico dormia. Todos dormiam. Apenas dona Esmeralda, tomada de espanto, contemplava aquêle espetáculo com respeito sagrado. Via o Chico como quem via um santo adormecido.

E a poeira luminosa continuava flutuando no espaço como neve que caísse do Firmamento. O assoalho humilde que cobria o chão estava impregnado daquela luz, e as paredes e o forro estavam cheios de seus reflexos.

* * *

E o nosso pensamento, diante dessa afirmativa de dona Esmeralda, volta, vertiginosamente, no tempo e no espaço, à era em que Jesus veio à Terra. Disse Ele aos seus discípulos: "muitos reis e príncipes da Terra; muitos profetas e santos desejariam ter visto um destes dias do Filho do Homem. Um só."

* * *

Vemos aí o poder espiritual acima de todos os poderes. O mundo material pouco vale em face do mundo espiritual. A vida eterna é realmente o tesouro do homem desterrado nos abismos da carne.

Pobreza e simplicidade no mundo podem ser grandeza, imortalidade e glória no plano do espírito.

Felizes daqueles que se humilham porque serão exaltados, diz o Senhor.

Felizes daqueles que cumprem a lei e respeitam a vida, porque receberão a vida eterna.

"Eu não Quero!"

Certa ocasião, não sabemos explicar como, resolveu o Chico, talvez influenciado por companheiros de trabalho espiritual, servir como médium de efeitos físicos.

Para isso, foram organizadas algumas reuniões especiais.

Elementos selecionados compuseram o grupo.

Evidentemente, esperavam-se fenômenos importantes e materializações notáveis.

Chico na cabine! Era o maior acontecimento nos anais espíritas brasileiros. O grande médium que vem contribuindo com obras de valor extraordinário para o acervo da literatura espiritualista no Brasil e no mundo, decidira-se a entrar para a cabine e colocaria sua organização mediúnica excepcional a serviço das forças materializantes.

Teriam, provavelmente, naquelas reuniões, as luminosas figuras do Além, e, entre elas, com certeza, os anjos de Nosso Lar.

O entusiasmo empolgava os corações. Humilde e conformado, simples e bom, alma aberta aos clarões da compreensão e do entendimento, entregou-se o médium ao intercâmbio invisível.

Agora, já não era apenas a mente e a mão que colocara a serviço da Causa. Estava de "corpo inteiro", em plena batalha.

Luzes e vozes, através de sua prodigiosa mediunidade encheram o ambiente.

Um silêncio sagrado percorreu os expectadores. Ali estava o Chico, na sua simplicidade e no seu carinho, entregue às vibrações poderosas de entidades que penetravam o recinto.

Maravilhosa espanhola, exibindo o véu diáfano que lhe compunha a mantilha, estalando imprevistas castanholas, deliciou os ouvintes com a sua presença inconfundível. Outros espíritos vieram, uns após os outros, ao recinto, relembrando alguns as encarnações que o Chico e outras pessoas, que ali estavam, viveram na Espanha de Fernando e Isabel.

Emocionados, acompanhavam todos a maravilhosa noite que a mediunidade de efeitos físicos do Chico lhes concedera.

Eis, porém, sem que se esperasse, em plena sala, se destaca a figura serena, mas enérgica do espírito de um senador. Alto, majestoso, túnica imponente, ligeiramente atirada sobre os ombros. Faixa característica em forma de cinturão cingindo-lhe a cintura. Cabeça olímpica, olhar vivo. Uma onda de respeito e de temor percorreu os corações e atingiu-lhes a mente.

Ali, diante deles, estava Emmanuel, o campeão do Evangelho em terras da América e do Brasil, o senador romano redivivo no "Há dois mil anos..."

Era qualquer coisa de sério e de importante. Do fundo dos séculos retornava ele para falar da vida eterna e da glória espiritual.

Foi um momento de grande impressão.

Porém, ocorreu o imprevisto.

Emmanuel dirigiu-se solenemente à feliz assembléia, e declarou:

— Eu não quero! Eu não quero que o Chico sirva de médium de materialização. A sua missão é a mis-

são do Livro! Não é médium com tarefa de efeitos físicos...

Aquelas palavras cairam sobre os assistentes como verdadeira bomba.

Cada um sentiu dentro da alma a responsabilidade de ter arrastado para aquêles trabalhos o médium de Pedro Leopoldo.

Que ele era médium de materialização não havia dúvida! Ali estava o próprio Emmanuel, emergido do fundo dos séculos para a glória da imortalidade terrestre!

Mas não estava satisfeito. Pela primeira vez, como espírito, se ouviu Emmanuel declarar "Eu não quero!"

Ele que nunca emprega a primeira pessoa do singular e que parece nunca empregou, se chegara a dizer isso, é porque compreendia que se o Chico se entregasse aos fenômenos de efeitos físicos, poria a perder a mediunidade de psicografia na tarefa do Livro que é o movimento principal de preparação dos tempos futuros, desencadeado no Brasil pelos espíritos, para a redenção do mundo.

* * *

O silêncio invadiu todas as almas. Cabeças baixas, numa eloqüente demonstração de humildade, todos se curvaram à vontade do espírito.

Após isso, a reunião se encerrou com uma prece de agradecimento ao Criador. Emmanuel desapareceu nos véus do Infinito.

E ali, naquele recinto de amor e boa vontade, estivera **pela única vez em nosso Brasil** e talvez no mundo, **materializado,** o grande espírito, paladino do Evangelho e da Espiritualização.

* * *

Cumpre-nos aqui, tirar algumas conclusões.

Segundo é do nosso conhecimento, com aquela se realizava a terceira ou quarta reunião, tendo como médium de materialização o Chico.

Todos felizes, conviviam, na intimidade de espíritos que eram familiares em épocas recuadas, na Espanha e na França.

Tanto concordara o médium com a realização de trabalhos de tal natureza que não só se deitara na cabine como também por ele se materializaram diversos espíritos, que têm ligação espiritual com ele mesmo.

Vieram materializados, conversaram, dançaram, enfim, conviveram com os assistentes. As pessoas presentes estavam felizes.

De repente, surge alguém que não concorda com aquilo tudo e impõe sua vontade poderosa. Acima da vontade do médium e acima da vontade dos assistentes, com absoluta independência e autoridade: Emmanuel.

* * *

Notamos uma série de questões importantíssimas para os espíritas estudiosos, dos problemas de mediunismo.

1.º) Fica provado que as materializações não são produto das mentalizações do médium ou dos assistentes, porque se fôssem, os fenômenos não seriam interrompidos por Emmanuel.

2.º) A presença inesperada de Emmanuel, impondo a sua vontade e contrariando o desejo e a vontade de todos, inclusive dos espíritos que ali vinham-se materializando, prova eloqüentemente que mesmo os grandes médiuns podem fugir temporariamente, pelo menos, do controle de seus guias espirituais.

3.º) Que as forças materializantes dos médiuns de efeitos físicos, ficarão à mercê das entidades que delas

quiserem se aproveitar, boas ou más, desde que o médium se entregue à realização de trabalhos por sua própria conta.

4.º) Que cada médium, no mundo, por mais importante que seja, tem determinada tarefa, **especializada**, a realizar, não lhe sendo permitido realizar o que quiser.

5.º) Que espíritos de classe ou categoria superior, tais como Emmanuel também se materializam em dadas condições e ambiente e, conseqüentemente, materializações não são fenômenos sòmente realizáveis por espíritos inferiores, atrasados. É ou não é Emmanuel um espírito adiantado? Mesmo para dizer "eu não quero!" materializou-se ou não se materializou?

6.º) As solicitações mentais dos médiuns e dos assistentes atraem para o ambiente das materializações determinadas entidades que com eles se afinam.

7.º) Acatada a autoridade de Emmanuel pelos espíritos que vinham-se materializando, ficou demonstrado o princípio da hierarquia nos planos espirituais.

Nota: A síntese do presente relato foi feita ao autor por dona Esmeralda Bittencourt, há alguns anos. Nós tiramos as conclusões possíveis.

Energia Irradiante

Eramos cinco companheiros de viagem: Jair, Inácio, João Gonçalves, Peixotinho e eu.

Chegáramos a Pedro Leopoldo e ficamos hospedados no Hotel Vitória.

O dia estava rindo para nós. Em tudo havia aquela mensagem franciscana do "amai-vos uns aos outros", imitação do espírito de Cristo.

Sentíamos o Cristianismo em doce claridade banhando-nos a alma. Estivéramos com o Chico à tarde e com ele passeáramos pelos arredores da cidade, buscando lugares agrestes onde a natureza nos devolvia, a cada passo, os segredos do seu amor. Conversáramos sobre as coisas de Jesus com a simplicidade dos primeiros convertidos de Jerusalém. O Evangelho nos lábios do Chico era como flor que dava nascimento a outras flôres. Catarata de alegria cristã e de sabedoria divina jorrava-lhe dos lábios, e nossos ouvidos ansiosos acompanhavam as suas palavras com humildade e carinho. Após a reunião da noite, acompanhou-nos o Chico até o hotel e dali nós o acompanhamos novamente até a sua casa e de lá, fez ele questão de voltar conosco ao hotel.

Lembrou-se o João de convidá-lo para dormir ali. Já era tarde. Deveríamos viajar no dia seguinte, e assim aproveitaríamos mais algumas horas conversando. Não havia, porém, cama arrumada no hotel. Era tarde. Duas ou três horas da manhã e não ficava bem acordar a proprietária para colocar mais uma cama àquela hora. Os galos já cantavam e a noite silenciosa e amiga era um convite para prosseguimento da conversação cristã. Nossas almas sob o fogo da exaltação espiritual não viam a marcha das horas. Nada havia no mundo semelhante àquêles momentos com o Chico. Tinhamos consciência da sua grandeza espiritual e não víamos no mundo ninguém maior do que ele, reencarnado. Fonte inesgotável de excelsa sabedoria. Lembrava-nos Sócrates com a fisionomia bondosa e serena, amparando os seus amigos como mãe que acalenta os seus filhinhos.

Não poderíamos deixá-lo e ele também não poderia nos deixar. Conversávamos e ríamos. Ríamos e con-

versávamos. Insistimos com ele para ficar conosco. Ficou.

Dormiria junto comigo e com João Gonçalves numa cama de casal, no mesmo quarto. Uns para os pés, outros para a cabeceira. Onde dormiam dois, dormiriam três. E isso aconteceu.

O ponteiro do relógio caminhava na noite.

Cansados, cada um foi adormecendo. O Chico também dormiu. Na mesma cama, um na cabeceira e o outro nos pés, eu e o João contemplávamos o sono do Chico. Sono profundo, intenso.

Procurei dormir. O João também. Contudo, não o pudemos fazer. Notamos que o corpo do Chico era sacudido por espécie de descargas elétricas.

— Está vendo, João? — perguntei.

— Estou. E você?

— Também.

Recostamo-nos na cama e contemplamos o espetáculo que nos chamara a atenção.

Adormecido como uma criança, Chico era sacudido por estranhos movimentos. Mas eram apenas as suas carnes que vibravam, saltavam e pulavam no seu corpo. Como se sob intensa energia elétrica irradiada do poderoso motor de sua mente, o perispírito vibrava-lhe no organismo físico. Os músculos dos braços, do peito e das costas, sacudidos num movimento de vaivém vibravam como lançadeira na loucura de ir e vir.

Todo o seu corpo era uma máquina que se movimentava sob nossos olhos.

Absortos. Extáticos. Ali ficamos durante muito tempo observando aquela criatura estranha, sacudida por forças que o mundo desconhece. Depois, vencidos pelo sono, adormecemos.

* * *

"No futuro eu vos enviarei o Consolador que vos dirá toda a verdade..." — Afirmou Jesus.

Disse isso numa época em que o mundo estava muito longe da desintegração atômica e da viagem à lua. A eletrônica não era conhecida na Terra, e os homens só podiam entender o que Ele lhes falava através de suas demonstrações de poder.

O homem é poderoso aparelho que irradia forças e recebe energias. Emite e recebe. Recebe e transforma. Transforma e projeta à distância. A mente situada no cimo do palácio humano, é a cabine de controle dessas forças ainda desconhecidas para a maioria, mas já controladas por alguns.

"O que eu vos tenho para dizer não o podeis compreender agora, mas virá um tempo em que toda a verdade será restabelecida" — disse Jesus.

Paulo e Estevão

Há coisas na vida que não se esquecem nunca.

A memória é uma das maravilhosas faculdades que a bondade divina nos concedeu. Sem ela, perderíamos nossa própria identidade no correr dos séculos. "Vós sois deuses..." — disse o Senhor.

Na realidade somos deuses ou espíritos imortais.

Deuses pela grandeza das possibilidades recebidas através do amor de Deus.

Deuses pela compreensão da vida espiritual que existe em toda a criatura.

Deuses pelo poder do Espírito Santo Eterno que habita em nós.

Tudo no homem, até mesmo as suas imperfeições, é uma prova soberana da existência de uma inteligência Superior que orienta e anima todo o Universo.

* * *

Conversávamos com o Chico, certa ocasião em que nos reuníramos para um convívio amigo e cristão. Era nessa época em que a mão de Deus nos aproximara um do outro fazendo com que o passado, de outras vidas, volvesse à nossa casa mental.

Contou-nos ele um episódio inesquecível. Recebia os originais da obra "Paulo e Estevão". Nos dias determinados pela espiritualidade, de manhãzinha, comparecia à casa do Dr. Rômulo Joviano, seu chefe de serviço em Pedro Leopoldo, e, num cômodo existente nos porões da casa, concentrava-se com o irmão André e outro companheiro, onde passava a receber as páginas maravilhosas do livro.

Diante de seus olhos tornavam a perpassar as cenas empolgantes, ocorridas há quase dois mil anos. Como num filme cinematográfico, tudo voltava a se reproduzir com absoluta perfeição.

As lutas de Paulo, os seus sofrimentos e a sua glória. Tudo ressurgia como por encanto.

Certo dia, Emmanuel anunciara que se aproximava o fim da obra.

Chegaram ao último capítulo.

Sob intensa vibração, naquela manhã, o Chico percebeu que o ambiente estava completamente iluminado por imenso clarão, e que numerosos espíritos também iluminados, começaram a chegar superlotando o pequeno cômodo, mas verificou também que, de repente, as paredes pareciam desfazer-se de maneira que se estendia a seus olhos o Infinito Imenso.

Ali estavam as grandes figuras do passado evangélico do mundo.

Os apóstolos e figuras respeitáveis do Cristianismo de todos os tempos.

Ali estavam os espíritos dos homens que lutaram sofreram e morreram por um Cristianismo libertado e por um mundo mais compreensivo. Seus pés pousados no solo eram estrelas de luz.

Dominado pela emoção, Chico terminava o livro monumental. Irresistível poder, todavia, arrastava-o para o solo. Lágrimas copiosas rolavam-lhe nas faces. De joelhos, à proporção que as entidades se retiravam, ia ele, humildemente, beijando os pontos sagrados onde os grandes espíritos haviam deixado as marcas luminosas de seus pés, ou as pegadas cintilantes de seus passos. E quando tudo voltou à normalidade, ei-lo ainda de olhos pregados no Infinito, sentindo repercutir em si mesmo as vibrações inolvidáveis de tantos séculos.

* * *

Em face disso, recordamo-nos da promessa também inesquecível do Cristo:

"Eu estarei convosco até o fim dos milênios. Credes em Meu pai, crede também em Mim. Eu que sou manso e humilde de coração".

Há nessas palavras, a garantia de uma vida imortal e a afirmativa de que, à nossa volta, continuam a existir todos aquêles que nós considerávamos perdidos na noite quase insondável dos tempos.

Em toda a parte do Universo não existe estagnação, inércia ou morte; o que existe é sempre força, movimento, e vida com ressurreição.

FOLHA CARIOCA EDITORA S/A
Rua João Cardoso 23, 223-0562

sado em assuntos transcendentais.

Trata-se, p o i s, de mais um importante estudo sobre a mediunidade, trazendo novas luzes sobre as ciências psíquicas, apresentando o autor toda a riqueza de sua experiência de mais de vinte anos de dedicação e estudo dos fenômenos espíritas, em contato com os grandes médiuns e com as grandes inteligências deste nosso chamado mundo dos vivos e do astral.

CHICO XAVIER — O SANTO DOS NOSSOS DIAS é um livro que, pela distribuição e desenvolvimento do assunto, apresentado de maneira elegante e desassombrada, está destinado a constituir-se num verdadeiro manancial de sabedoria, porquanto, com rara felicidade, apresenta a indispensável orientação para a busca da verdadeira luz — a luz espiritual, dando o verdadeiro sentido das palavras do "maior de todos os Mestres" que declarou aos homens de boa vontade: "Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e todas as demais coisas vos serão acrescentadas".

CONHEÇA TAMBEM ESTES
LIVROS DE R. A. RANIERI

O SEXO ALÉM DA MORTE

Cremos, sinceramente, que esta obra, orientada por André Luiz, seja *única* no mundo. Não sabemos por outra que exponha, a situação dos espíritos encarnados ainda e dos que já partiram para o além, quanto ao problema sexual. *Sexo dos Espíritos?* Clamarão alguns espantados. E outros, certamente, preocupados, irão mergulhar a mente em cogitações profundas.

Aí portanto está o problema. Assunto que interessará ao leitor, questão *atual* e que tem sido abordada ultimamente em diversos setores do entendimento humano.

O ABISMO

Nesta obra, mediunica também orientada pelo espírito iluminado de André Luiz, o Dr. R. A. Ranieri nos conduz por um mundo diametralmente oposto, de tudo aquilo que conhecemos.

Tal como Dante Alighieri, em sua viagem as profundas regiões do Inferno, em companhia do grande Virgilio, autor e leitor são conduzidos por regiões que assombram, à proporção que descem por abismos infernais.

EM TODAS AS LIVRARIAS OU NA

EDITORA ECO

MATRIZ: Rua Marquês de Pombal, 172 sobreloja 202
FILIAL: Rua Marquês de Pombal, 171-B - Caixa Postal 11.000
ZC-14 - Tel.: 221-5016 - Rio de Janeiro - Guanabara